

JORNALISMO SÉCULO XXI

0 Modelo #mídiaNINJA



ELIZABETH LORENZOTTI

EXEMPLAR IMPRENSA

Jornalismo século XXI

O modelo #MídiaNINJA

Elizabeth Lorenzotti

Cópia não permitida



“A Mídia Ninja, tal como as Jornadas de Junho, é um fenômeno – e os fenômenos precisam ser observados, comparados, referenciados, discutidos. Sobretudo aproveitados.”

Alberto Dines, jornalista e escritor, fundador do Observatório da Imprensa.

“No futuro, os manuais de Teoria da Comunicação e de Ciências Sociais vão se referir a junho de 2013 como o importante momento em que as grandes empresas de mídia deixaram de pautar a agenda do debate público do País. E quando a mídia de massa e sua lógica centralizadora foram superadas pelas redes digitais, pela cultura colaborativa e sua lógica descentralizada.”

Massimo di Felice, professor da USP, especialista em mídias digitais.

“Jornalistas têm de ter lado, e o lado dos jornalistas têm de ser o lado dos que mais sofrem. Se me mandassem cobrir o tráfico de escravos no século 18, eu jamais daria destaque, no que escrevesse, à opinião do capitão do navio mercador de escravos. Se me mandassem cobrir a libertação num campo de concentração nazista, eu não entrevistaria o porta-voz da SS.”

Robert Fisk, jornalista ,The Independent.

“A transparência é a nova objetividade.”

Pierre Lévy, filósofo francês, pesquisador da cultura virtual.

Prefácio

Conspirações infinitas

Este livro se refere a fatos ocorridos entre 18 de junho e 7 de setembro de 2013: oitenta e dois dias que sacudiram o País. Foi em junho que explodiram as jornadas de protesto, inicialmente contra os preços das passagens do transporte público nas principais capitais, convocadas pelo Movimento Passe Livre, tomando de surpresa o establishment.

A repressão violenta promovida pelas polícias militares estaduais levou grande parte da população – e inicialmente a mídia, que de um dia para o outro, literalmente, mudou de posição – a apoiar as manifestações, e ganhou repercussão internacional. Novos atos revelavam uma polissemia, uma multiplicidade de temas, como gastos do governo em grandes eventos esportivos, má qualidade dos serviços públicos, indignação com tantas coisas.

Tratou-se de uma propagação viral, e a exemplo do ocorrido no mundo árabe, no Occupy Wall Street, entre outros, as manifestações foram chamadas pelas redes sociais.

Naquele início de junho entrei no Twitter e li esta frase: “Não precisamos de mídia partidarista, temos celulares!”. Algo diferente acontecia e não demorei muito a entender. As coisas acontecem muito rapidamente no século XXI, e caminharam mais ainda naqueles dias de junho. A tuitada daquele garoto, descobri em seguida, foi uma síntese perfeita dos novos tempos na comunicação, para os quais a compreensão de muitos, por enquanto, ainda é difícil.

Alguns dias depois, entendi perfeitamente, assistindo à Globo News: “Estamos aqui, do alto deste edifício”, diziam os repórteres sitiados em razão da fúria dos manifestantes, que expulsavam jornalistas da mídia tradicional das ruas e agrediam viaturas de emissoras de TV.

Mas quem quer ver manifestação do alto de edifícios? Eu me perguntei. E fui à internet onde encontrei, por meio de chamadas no Facebook, a página N.I.N.J.A. (Narrativas Independentes Jornalismo e Ação) <https://www.facebook.com/midiaNINJA?ref=ts>.

E vi, em www.postv.org, na noite/madrugada de terça-feira, 18 de junho, uma cobertura documentando ao vivo, em São Paulo, durante horas e sem edição, os embates entre manifestantes e a tropa de choque da Polícia Militar, desde a prefeitura, onde houve incidentes, à Praça da Sé, da Rua Augusta à Avenida Paulista.

A Mídia Ninja não nasceu agora, mas há um ano e meio, e está ancorada no movimento nacional Fora do Eixo (<http://foradoeixo.org.br>). Nas manifestações que tomaram as ruas de várias capitais, ganhou maior visibilidade e chegou

a picos de audiência de mais de 120 mil espectadores. O que significa uma marca de 1,2 dos ibopes oficiais – e não é pouco, pois muitos programas da TV aberta não o atingem.

E desde junho, em seis meses, chegaram a 5 milhões de visualizações no ranking dos principais canais do Twitcasting, um aplicativo/ plataforma gratuita de transmissões ao vivo para celular usado pela Mídia Ninja. Eles também utilizam outras plataformas como Google Hangout, Twitcam, Livestream, Ustream, adaptando-se sempre às condições que cada uma oferece e fazendo uso da que mais se encaixa a realidade de cada transmissão.

Nesses tempos fora do eixo e de paradigmas, enxerguei este fato como o embrião da nova mídia do futuro que já é hoje – uma pós-TV feita por pós-jornalistas, para pós-telespectadores.

Com seus smartphones, eles protagonizaram a grande novidade na cobertura das Jornadas de Junho e na alternativa à mídia tradicional.

A performance da Mídia Ninja rendeu, além do *New York Times*, matérias no *Wall Street Journal*, *El Pais*, *Le Monde*, *The Guardian* e até hoje, muitas outras.

Mas no dia 22 de julho, quando estavam em meio ao furacão, numa manifestação nos arredores do Palácio da Guanabara, dois ninjas foram presos por “incitar a violência” transmitindo ao vivo as manifestações”: Filipe Peçanha e Filipe Gonçalves.

Nunca vi tal solidariedade em relação a qualquer veículo de comunicação em que eu tenha ou não trabalhado (e foram muitos.). Em uma era de crise de representatividade, naqueles momentos e em outros, nas transmissões, ouvia-se: “Mídia Ninja me representa”. Na página deles no Facebook, escreveu um comentarista: “Eu sou eles”.

Há muito para ser escrito e debatido sobre a Mídia Ninja, sobre o midialivrisimo, termo novo ainda não encontrado nos dicionários. Midialivrisimo refere-se a cidadãos multimídia, que atuam em iniciativas inspiradas na dinâmica do compartilhamento e na construção da cultura do comum: internet, fanzines comunitários, rádios comunitárias e etc..

Os midialivristas costumam autodenominar-se comunicadores independentes. Do modelo analógico, ligado à lógica do líder de opinião, o mediador, emitindo do centro para a periferia – a mídia de massa – passa-se ao digital – a massa de mídias, a construção colaborativa de narrativas e conteúdos feitos por muitos atores que resulta em uma pluralidade de pontos de vista, como nos explica ao longo deste livro, entre outros, o professor da ECA-USP Massimo di Felice.

Jornalismo é, e sempre foi a prática de produzir e divulgar notícias. O jornalismo é a síntese do espírito moderno. E entre todas as transformações pelas quais passou, esta – advinda da informatização, da cibernética, das redes – é a

maior desde a revolucionária invenção de Gutenberg.

Jornalismo é história contada cotidianamente pelo jornal. Hierarquizado, reportando o fato de fora, pregando a improvável isenção, exigindo grandes investimentos, instalações dispendiosas, enfim, uma empresa nos moldes do século XX.

Alguns especialistas consideram redutor qualificar de jornalismo o que fazem os midialivristas. Outros julgam exatamente o contrário.

Em um dos capítulos deste livro, um internauta lembra que, assim como Chico Buarque falou (*N. da A.*, repercutindo o sociólogo da cultura urbana José Ramos Tinhorão em 2004) sobre o fim da canção – que seria um fenômeno do século XX, como a ópera foi um fenômeno do século XIX –, talvez esteja acontecendo o mesmo com o que conhecemos como jornalismo.

Este livro registra a trajetória inicial da Mídia Ninja, que está ligada à dos vários coletivos midialivristas espalhados pelo País e pelo mundo. Mesmo ainda incipiente, a experiência começou abalando o establishment da comunicação jornalística.

Por fim, este livro é a favor do jornalismo (e isto não significa pregar qualquer corporativismo, apenas levar em conta a trajetória de uma atividade, sua história e seus rumos), seja a maneira como se realiza, seja qual venha a ser o seu nome no fim da modernidade, em mais uma etapa da aventura humana, em um momento de vastas perplexidades e revoluções nas estruturas de pensamento.

No momento em que escrevo – março de 2014 – acredito que os midialivristas praticam algo muito próximo do que conhecemos por jornalismo, e fazem do seu jeito, de um novo jeito.

Eles, os midialivristas, são um dos signos do jornalismo do século 21.

Capítulo I

Origens e surgimento da Mídia Ninja: uma jornada dentro do furacão

Não, não é no olho do furacão que vive o século XXI. O olho do furacão é “a região central de uma forte tempestade tropical, na qual, no entanto, persiste tempo calmo, podendo-se mesmo avistar céu limpo. Como figura de linguagem, deve designar um ponto de calma e tranquilidade em meio à confusão, à pressa ou tensão. Mas a expressão é frequentemente utilizada com sentido inverso”.¹ Portanto, a história retratada neste livro, neste século, não pode ser designada como uma jornada “no olho do furacão”, mas em meio ao furacão.

Entre os dias 18 de junho – na cobertura das manifestações na Avenida Paulista, em São Paulo – e 7 de setembro de 2013, na Sé, e em outras capitais, a Mídia Ninja ficou conhecida nacional e internacionalmente porque:

Ajudou a inocentar o estudante Bruno Ferreira Teles, preso por portar coquetéis Molotov, em confronto na frente do Palácio da Guanabara, no dia 22 de julho, e o vídeo que comprovou sua inocência foi exibido pela rede Globo;

2 - Dois dos seus repórteres foram presos no Rio de Janeiro, no mesmo dia; outro ninja em Belo Horizonte em 7 de setembro, e outros foram agredidos em várias manifestações do período em várias capitais. A prisão dos dois ninjas em julho foi parar no *The New York Times* e no *The Guardian*. Passado pouco mais de um mês, o grupo foi descrito como protagonista de uma “mudança no panorama da mídia”, no *Wall Street Journal*, e como “um fenômeno de mídia que atraiu atenção e admiração de milhares”, no site do *Nieman Journalism Lab*, da Universidade Harvard, além ser objeto de matérias do *Le Monde*, *El Pais*, *Deutsche Welle*, entre outros;

3 - Uma entrevista no programa *Roda Viva*, da TV Cultura de São Paulo, no dia 5 de agosto, teve enorme repercussão e provocou uma enxurrada de denúncias contra o Coletivo Fora do Eixo, que abriga a Mídia Ninja;

4 - A Globo News aparentemente adotou uma parte “solta” do modelo Ninja (a transmissão por celular, mas apenas com imagens) e no dia da Independência, houve um incidente paradoxal com um jovem “ninja” global.

5 - A 19 de julho a MN foi convidada para uma entrevista exclusiva com o prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, dias após serem impedidos de participar da coletiva de imprensa do governador Sérgio Cabral, reproduzida em jornais como o *Valor Econômico*. A entrevista durou uma hora e meia e provocou alvoroco e polêmica.

¹ <http://www.dicionarioinformal.com.br/significado/o%20olho%20do%20fura%C3%A7%C3%A3o/798/>

6 - No dia 7 de setembro os seguidores da página Ninja no Facebook chegaram a 200 mil.

Em menos de três meses os jovens midialivristas, nas ruas de várias capitais em convulsão, protagonizaram acontecimentos impensáveis antes das jornadas de junho. Despertando os aplausos e/ou ira à esquerda e à direita, criando uma audiência de seguidores fiéis, estiveram nas redes sociais, nos jornais da mídia nacional e internacional, em blogs etc. etc. Em setembro, a avalanche de denúncias já havia se encerrado, mas continuava o debate em torno da Mídia Ninja, que não se esgotará tão cedo.

Mas voltemos no tempo, numa espiral inversa, entre os dias 18 de junho de 2013 – com a transmissão da Avenida Paulista, quando a Mídia Ninja se projetou – e a Marcha da Liberdade, em 28 de maio, mobilizada devido à forte repressão à Marcha da Maconha da semana anterior, no dia 21, um evento que começou em 1994 e ocorre anualmente em diversos locais do mundo, com manifestações em favor da legalização e da regulamentação de comércio e uso. A Marcha da Liberdade, então, foi o primeiro dia em que Claudio Prado e Bruno Torturra saíram para transmitir com uma mochila tecnológica emprestada, e teve 90 mil visualizações.

Claudio, 70 anos, é ex-coordenador de Cultura Digital da Secretaria de Programas e Projetos do Ministério da Cultura, na gestão Gilberto Gil. Ele atua em vanguardas desde os anos 1970 quando, exilado em Londres, foi um dos fundadores do Festival de Glastonbury, um dos mais importantes da Europa.

Bruno, 35 anos, é jornalista não diplomado e durante 11 anos trabalhou na revista *Trip*, onde chegou a diretor de redação.

Como me contou, “na Marcha da Maconha houve muita repressão policial, gás lacrimogêneo, pessoas espancadas. Eu estava como ativista porque sou antiproibicionista. E escrevi uma matéria de capa da *Trip* sobre maconha”. Bruno conta que não era muito dado às redes “mas naquele dia, comecei a cobrir pelo Twitter, a mandar informações, e vi que eu fazia a única narrativa independente em tempo real da Marcha. A imprensa dava gabinete, helicóptero e fazia aquela narrativa clássica que a polícia liberou o trânsito na Paulista”.

Bruno levou muito gás lacrimogêneo, chegou em casa revoltado, postou um texto grande e, no dia seguinte, ao acordar, constatou que havia sido lido por 45 mil pessoas. No Twitter, tinha 5 mil seguidores. “Repercutiu mais do que qualquer coisa que eu tinha escrito na vida”.

Alguns dias antes, em 14 de maio, ele participou do “Churrascão da gente diferenciada”, no bairro paulistano de Higienópolis. A manifestação fora convocada pelas redes sociais, quando moradores resolveram fazer um abaixo-assinado contra uma estação de metrô nas proximidades, e uma moradora alegou que não gostariam de conviver com “gente diferenciada” que teria acesso ao bairro.

Segundo Bruno Torturra, tratou-se de:

“uma mudança completa na estética e no ativismo de São Paulo, um momento muito importante, que abriu um campo para pessoas como eu, que não se sentiam seduzidas pelas manifestações, apesar de frequentá-las. No Churrascão havia humor, ironia, constrangimento da política, festa, *memes*. Imagine um evento convocado pela rede que teve 50 mil confirmações em seis horas”.

Depois, outras vinte e cinco marchas foram organizadas pelo país. Bruno, então, era um jornalista simpático ao coletivo Fora do Eixo (FdE), já havia escrito sobre eles, que conheceu num encontro de cultura digital em São Paulo, em 2010. Ele foi com John Barlow, um ativista norte-americano da década de 1960, ex-letrista do *Grateful Dead*, com quem Bruno esteve quando morou na Califórnia. John Perry Barlow foi o primeiro grande independentista do ciberespaço, o primeiro a usar este termo. Escreveu a *Declaration of the Independence of Cyberspace*, em 1966, quando o governo norte-americano tentava censurar a internet. Também é um dos fundadores da primeira rede social, *The Well*, em 1986.

Por meio de Barlow, Bruno conheceu Claudio Prado, que lhe falou sobre o FdE. Conheceu também a Casa Fora do Eixo no Cambuci, em São Paulo, fez uma reportagem e continuou frequentando o local. “Mas eu era só um jornalista simpático a eles, não conspirávamos juntos”, diz.

Claudio conheceu o FdE em um congresso na cidade mineira de Uberlândia, em 2010. Ficou entusiasmado e disse a eles, espontaneamente, algo que depois virou um *meme* importante do coletivo. “Eu disse que eram a expressão mais viva da geração pós-rancor que eu conhecia”. Saiu sem qualquer reflexão e virou algo que a esquerda depois começou a esculhambar.”

Assim, o “pós-rancor” virou um debate, porque muitos acharam que seria uma maneira de apagar os crimes da ditadura. Diz Claudio:

“Muita gente achou que seria uma forma de ser bonzinho, de ser cooptado. Não é o caso mesmo. É uma coisa liberta da questão rancorosa, e quer dizer que a luta a favor é muito mais importante que a luta contra hoje em dia. Isso não quer dizer que a gente não possa estar indignado com tudo o que nos indigna”.

Assim também foi criada a POSTV, com um conceito de pós-telespectador que pode interagir no modelo. “Um jeito de botar a TV na história toda e também negar a TV ao mesmo tempo, sem precisar dizer que todo mundo, se quiser, pode ser um canal de pós-tv”.

Em janeiro de 2012, Claudio Prado resolveu colocar no meio da rua seu sofá, na frente do prédio onde mora, na Rua Augusta, em São Paulo, durante a

madrugada, e entrevistar transeuntes.

“Sou um ninja septuagenário, então, em vez de correr atrás de pessoas, coloquei meu sofá na correria da Augusta”, ele conta.

Claudio já tinha um programa semanal gravado diretamente da sua sala: “Em determinado momento, pegamos o sofá, a mesinha de centro, tapete, *abat-jour* e levamos pro meio da Augusta, de madrugada, na hora em que está bombando. Quem queria sentava e falava”.²

Nessa série, “Supremo Tribunal Liberal”, Claudio batia papo com os passantes, pela madrugada, naquela rua que é um dos mais tradicionais pontos históricos de agitação cultural de São Paulo. Houve momentos incríveis, ele lembra, como o bêbado que interferiu na fala de um evangélico dizendo: “Você não tem legitimidade pra falar de Deus”.

Seus programas davam uma média de audiência de 100 pessoas espalhadas pelo país. Há uma série de programas com média entre 20/50, até picos de 400 pessoas de audiência. Houve também o “Segunda Dose”, de Bruno Torturra, e o “Desculpe a nossa Falha”, de Lino Bocchini. Aliás, foi esse programa que entrevistou o ex-ministro da Comunicação Franklin Martins, pela primeira vez após deixar o governo. E começaram as transmissões de festivais independentes de música em todo o país.

A interatividade é outro ponto responsável pelo sucesso da iniciativa. Quem assiste manda comentários e perguntas por Twitter, e-mail, via Skype. Além da entrevista com Franklin Martins, deram vários furos, como as imagens da prisão do rapper Emicida durante um show em Belo Horizonte.

A POSTV exibia, em setembro de 2013, em média 150 transmissões. Os programas são realizados em várias partes do país, especialmente com debates sobre os assuntos do momento, seja da política, artes, comunicação, comportamento. Em junho do mesmo ano, transmitiram durante 200 horas a cobertura de uma semana de ocupação da Câmara de Vereadores de Belo Horizonte, com interrupções apenas pelo sinal 3G.

Segundo Claudio, “a intenção da POS TV é ser também uma universidade, preparar as pessoas para uma compreensão no quesito comunicação e cultura, de forma interessante, sobretudo à luz da não necessidade mais de diplomas. Isso requer muito mais de quem quer fazer jornalismo em tese, porque você precisa de fato saber o que está fazendo”.

Foi este o processo que desencadeou a experiência da Mídia Ninja, dois anos depois. Uma experiência midialivista, com diálogos abertos com jornalistas, designers, líderes de movimentos sociais, comunicadores, etc.

Mas, naqueles dias, o nome ninja nem existia, e ninguém imaginaria o que reservava o futuro próximo. Em 2012 cobriram as eleições na série “A cidade que
2 <http://www.youtube.com/watch?v=5jPOaeOv1qk> http://www.youtube.com/watch?v=GT7yjf_23IU

queremos”, e segundo Torturra, foi o primeiro salto de qualidade, com programação diária debatendo temas relevantes.

“A média de espectadores era muito mais baixa, começou com 50 pessoas, depois estabilizou entre 50 a 100, mas continuamos com o mesmo tesão, encaramos sempre audiência como um auditório. Quantas vezes a gente viajou, gastou pra dar aula pra 20 pessoas, 50 estava ótimo”.

Não eram as mesmas pessoas, os temas atraíam espectadores diferentes e segundo Bruno, depois de um ano, a POSTV já era bastante conhecida. Ele conta que a Mídia Ninja começou a aparecer a partir do Existe amor em SP (evento convocado pela internet durante as eleições municipais de São Paulo, em outubro de 2012, e que teve grande peso na definição do candidato vencedor).

“Entendemos que devíamos dar um passo além, não só um canal para debates, mas uma rede de jornalismo independente, que desse conta do *streaming*, de texto, foto, com financiamento específico para jornalismo, e criando uma relação mais aberta e mais clara do ativismo com o jornalismo”.

E qual seria o nome? Não seria POSTV. Uma amiga de Bruno teve a ideia do ninjã³, “algo que os gringos também entenderiam”. Então fizeram a sigla: “núcleo independente, jornalismo e...?” Até que chegaram a Narrativas Independentes Jornalismo e Ação: “isso definia o que a gente fazia”, diz Bruno.

O A, portanto, não é de ativismo, mas de ação. “Eu, como jornalista, sempre me coloquei muito claramente. Sempre entendi subjetividade como forma de ser e sempre entendi que o jornalismo é uma ferramenta política sim, é um ativismo em si”, argumenta.

“Pensamos em ação, porque a gente não apenas cobre, mas também promove, ocupa rua, faz aula pública, propõe pautas, a gente não se acanha se precisar ser o protagonista da coisa. Ação nesse sentido”.

O nome ninja aparece e começa a ser conspirado dentro de um grupo, não vem logo a público, conta Bruno. Falaram com parceiros identificados que poderiam se interessar em construir a rede, pensavam em forma de remuneração e não saía do papel.

Em fins de março de 2013 houve o Fórum Social Mundial na Tunísia. Bruno e Felipe Altenfelder foram lá e se apresentaram como Ninjas, um grupo de jornalismo independente brasileiro. “Fizemos a página no Facebook, ninguém seguia, mandávamos fotos, textos e *streaming* e começou crescer devagar”.

Depois, em abril, participaram da cobertura do julgamento dos assassinos do casal de ambientalistas Zé Claudio e Maria, em Marabá (onde conheceram a

³ Segundo a Wikipédia, um ninja ou Shinobi era um agente secreto do Japão feudal especializado em artes de guerra não ortodoxas. As funções do ninja incluíam espionagem, sabotagem e infiltração assim como combate aberto em determinadas situações. Os ninjas, utilizando métodos secretos de fazer a guerra, foram contrastados com os samurais, que seguiam regras estritas sobre a honra e combate. Muito antes de serem popularizados por Hollywood e fazerem parte das artes marciais de academias, já eram personagens antigos dos mangás japoneses.

documentarista Julia Mariano, hoje mais uma colaboradora ninja), e coberturas de manifestações de rua, como a Marcha das Vadias (25 de maio).

O “Ficaralho”: a rede vai matar o jornal para salvar o jornalismo

No dia 5 de junho de 2013 Bruno postou em sua página no Facebook um texto sobre o que chamou de “ficaralho”, o contrário de “passaralho”, fantasma de demissões coletivas que, de maneira ininterrupta, ronda as redações. A proposta e o convite ali eram para o Ninja.⁴

Um Passaralho só não traz o inverno: Estadão, Trip, Folha de S. Paulo, Record. Todas as empresas demitindo de uma vez dezenas de jornalistas e profissionais de mídia nas últimas semanas... e ainda aguardamos o profetizado Passaralho da Abril que, pelos rumores, vai decepar até 1.000 funcionários e 10 títulos da editora. O que, tantos acreditam, vai levar à mendicância os já paupérrimos frilas. “RIP Jornalismo”, é o que tenho lido e escutado dos colegas nas redes e botecos.

Mas vamos apurar essa história direito... É o jornalismo em si que está moribundo? Ou o modelo comercial de distribuição de informação? É o ofício de catalizar o diálogo público com fatos e opiniões que está com os dias contados? Ou o pensamento analógico, ganancioso, baseado em números de circulação e venda de publicidade? Não estaremos confundindo, reféns da tediosa periodicidade de publicações e salários, jornal com jornalismo? Para mim, há uma maneira mais interessante, e realista, de entender a revoadada dos Passaralhos”.

Já vi e vivi demissões coletivas. E, aos poucos, deu para notar uma mudança crucial no Day After. Antes os deprimidos, os arrasados, os desamparados eram os que perderam a vaga. Eram como se tivessem sido expulsos de uma festa que iria seguir sem eles. Hoje, a tristeza está bem mais do lado de quem ficou. Como se a festa estivesse, e está, do lado de fora.

Semana passada vi a alegria de amigos que perderam juntos o emprego, animados pela fronteira aberta. E vi a depressão, literalmente o choro dos que sobraram na redação, agora acumulando funções, fazendo o trabalho de três, repetindo uma rotina que não parece ter qualquer propósito senão o precarizado salário. Ficou claro para mim. As demissões são, na verdade, **Ficaralhos. Se fode quem fica.**

Creiam... Não é necessariamente uma tragédia ter tantos, e bons, jornalistas na rua sem muita chance de voltar a um emprego formal tão cedo. Pode ser, ao contrário, uma excelente notícia. O ambiente perfeito, na ausência de gabinetes e editores, para o jornalismo se reencontrar na rede e nas ruas. Há o potencial de uma idade de ouro da reportagem hoje em dia.

⁴ <http://cascadebesouro.com/2013/06/05/o-ficaralho/>

A consolidação das redes sociais, o hiperfluxo de informação, o *streaming* e a emergência de uma massa conectada pronta para repercutir e compartilhar notícias e histórias, deu ao veículo tradicional um papel cada vez mais dispensável. Mas pede ao repórter, ao fotógrafo, ao designer, ao colunista um papel cada vez mais ativo de oferecer matéria-prima e contexto para o diálogo público. Ao se confundir com um nome no expediente, ao se condicionar ao falso conforto de um salário, o jornalista vira às costas ao seu maior ativo, a autonomia. E acaba no confortável e cínico papel de vítima da “morte do jornalismo”.

Para mim uma coisa é clara: a rede vai matar o jornal para salvar o jornalismo.

Ok. Tudo muito bonito, muito estimulante. “Mas e o dinheiro”, perguntam os colegas, “onde está?”. Uma coisa eu garanto: não está nas redações. O pouco que sobrou não vai dar nem para a janta.

Eis a parte mais arriscada, e inevitável, da missão dos filhos do Passaralho. Criar um novo mercado para sustentar suas famílias e reportagens a partir da lógica de compartilhamento. Sem o antes conveniente e inevitável, a agora parasitário e dispensável, publisher.

Tenho certeza que é esse o sentimento, intuitivo ou não, de riscos e possibilidades que está dando essa felicidade súbita aos demitidos.

A esses eu faço o convite:

Semana que vem, terça-feira, dia 11 de junho*, vou ajudar a promover junto com o Fora do Eixo e o Existe Amor em SP, uma reunião aberta com profissionais de mídia, desempregados ou a fim de se desempregar, para apresentar um projeto que vem sendo elaborado em fogo brando há mais de um ano. E que agora está no ponto para receber todos os que se animarem com a ideia: **NINJA (Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação)**.

Um grupo de comunicação amplo e descentralizado, a fim de explorar as possibilidades de cobertura, discussão, repercussão, remuneração e da radical liberdade de expressão que a rede oferece. *Streaming*, impressos, blogs, fotos, debates públicos sem o fantasma do lucro e do crescimento comercial como condições primordiais para o trabalho. Por enquanto, nosso melhor investimento é entender a frequente e saudável relação inversa entre saldo bancário e propósito.

Quem estiver a fim de conversar por favor me escreva e fique de olho nas minhas redes. Logo divulgo local e horário dessa primeira reunião.

No dia 6 de junho Bruno escreveu:⁵

Sobre o texto do Ficaralho, a repercussão tem sido muito maior e mais interessante do que eu poderia esperar. Por isso preciso esclarecer algo sobre uma

5 <https://www.facebook.com/bruno.torturra/posts/10201185663469442>

crítica séria que tenho escutado:

Entendo quem achou que eu estava comemorando as demissões recentes nas redações. De brecha para isso em uma ou duas passagens no texto do Ficaralho. Lamento. Nunca foi meu sentimento ou intenção celebrar a demissão de colegas e amigos, nem o saldo vermelho de veículos. Tragédias e perrengues pessoais são sempre motivo para nossa solidariedade, nunca festa. E, cá pra nós, também estou absolutamente quebrado e sinto todo dia os sintomas de medo e pessimismo diante de um mercado falido. Mas um mercado que, por tesão e vocação, eu ainda gostaria de fazer parte. Por isso insisto nos meus pontos centrais do texto.

1) Tenho visto, e não são casos isolados, pessoas rigorosamente aliviadas com a dispensa das redações. Inseguras, hesitantes... mas sobretudo animadas com a alforria forçada. Na mesma medida que tenho visto um clima depressivo e pesado entre os que sobreviveram aos passarálhos. Isso é um sinal de algo que estava passando longe das análises das recentes demissões.

2) O que estava, sim, celebrando é a possibilidade aberta com tanta gente boa solta por aí. Só entre conhecidos meus desempregados – e a fim de criar algo novo – consigo ver algumas das melhores redações possíveis no país. Isso precisa ser colocado na conta, para o bem dos que foram e dos que ficam.

Aceito e penso seriamente sobre as críticas que fazem à minha versão poliana dos fatos. Mas não consigo, nem quero, me render ao vazio das alternativas que os pessimistas não me apresentam em troca. Acredito e, de novo, celebro a chance de um novo mercado de mídia ser criado de baixo pra cima. Até porque não vejo outro caminho.

Não vem ao caso para mim se redações repletas de CLTs ou PJs são mais justas ou desejáveis. Se não me rendo ao pessimismo, me rendo ao menos aos fatos: esse mundo da mídia vertical, comercial, cara e que pensa analogicamente até em plataformas digitais, não está parando de pé.

* PS2: Sobre a reunião do NINJA.

Por conta da demanda, do número de jornalistas a fim de participar e do desejo de pessoas de outros estados de estarem presentes, precisamos de um local maior e de mais tempo para dar conta de agenda de alguns convidados fundamentais.

Assim, VAMOS ADIAR A REUNIÃO DO NINJA DE TERÇA PARA QUINTA FEIRA, dia 13, às 20hs.

Será na Balsa, um bar e espaço de festas no centro de São Paulo. O local estará reservado exclusivamente para o evento. Rua Capitão Salomão 26, 4o andar. Estaremos presentes e recebendo os convidados à partir das 19hs. Interessados por favor confirmem. Aos que tiverem dificuldade de aparecer, a reunião será transmitida ao vivo pela postv.org. Até breve!

A proposta teve muita repercussão contra e a favor, e Bruno se lembra de que “muita gente ridicularizou, jornalistas mesmo acharam ingenuidade”.

Nesse meio tempo se iniciavam as manifestações convocadas pelo Movimento Passe Livre (MPL) e a Mídia Ninja começou a se evidenciar. O *streaming* que projetou o coletivo, no dia 18 de junho, com Filipe Peçanha, em São Paulo, tinha 9 mil seguidores na página do Facebook. Esta transmissão chegou a atingir o pico de 180 mil espectadores.

EXEMPLAR IMPRENSA

POSTV, de pós-jornalistas para pós-telespectadores

No dia 25 de junho escrevi no Observatório da Imprensa o primeiro artigo sobre a futura Mídia Ninja: “POSTV, de pós-jornalistas para pós-telespectadores”⁶. Uma semana antes, havia me impressionado com um garoto tuitando: “Não precisamos de mídia partidarista, temos celulares!”. Só compreendi na transmissão do dia 18. Então era isso: não mais a pena, não mais as teclas das máquinas mecânicas, nem mesmo as dos computadores de mesa. São as teclas do celular e sua câmera as armas do novo jornalismo. E como disse Filipe Peçanha: “não é uma câmera, um repórter. É uma rede”.

Cansada de ver repórteres globais transmitindo do alto de edifícios, encontrei o www.postv.org por meio de chamadas no Facebook. Foi quando acompanhei, na noite/madrugada de terça-feira (18/6), a cobertura de Filipe Peçanha, 25 anos, documentando ao vivo, em São Paulo, durante horas e sem edição, os embates entre manifestantes e a tropa de choque da Polícia Militar, desde as 17h, do parque Dom Pedro à Praça da Sé, da Augusta à Prefeitura, onde houve graves incidentes, e subindo para a Paulista, atrás de uma tropa de choque.

Filipe Peçanha relatou: “Chegaram às 20 horas, não havia mais muitos manifestantes. Mas o painel da Copa do Mundo, da FIFA com Coca Cola, foi incendiado. Caíram muitas latinhas, um catador veio retirar e alguns manifestantes disseram: “Que bom, pelo menos alguém aproveita alguma coisa da Coca Cola”.

Não havia outros repórteres lá. Quando chegou a polícia, manifestantes foram muito agredidos e um deles praticamente enforcado por meia dúzia de policiais. Filipe entrevistou dois rapazes de branco que ajudaram a apagar o fogo.

– Quem são vocês? Bombeiros?

– Não, nós somos protestantes.

– Protestantes? Da igreja?

– Não, viemos aqui por vontade própria protestar, mas somos contra o vandalismo.

“Depois”, conta Filipe, “entrevistei os dois de novo, sentados no meio fio.

6 http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/postv_de_pos_jornalistas_para_pos_telespectadores

Um deles disse que tirar as latinhas do painel tudo bem, mas incendiar não, e que a PM estava de parabéns por ter acabado com aquilo.”

O repórter comentou: “Não, eu vi muita violência da PM, acho que você não viu o que eu vi”.

“Coloquei o meu ponto de vista”, diz Filipe.

Alguns criticavam, via Twitter, dizendo que a cobertura não é plural. Respondeu Felipe:

Nós documentamos o que está acontecendo do ponto de vista de quem participa também. A Mídia Ninja se compreende como narrativa independente de jornalismo e ação, e essa ação é o ativismo, que nos coloca em movimento em tempo real, não só fazendo produção de conteúdo, mas também nos envolvendo com o processo. O Ninja está envolvido com as manifestações de rua. A gente estava dentro, junto com os manifestantes.

Portanto tratava-se de uma cobertura com lado. E este posicionamento é um dos grandes itens do debate que veremos mais à frente.

Eu acabava de escrever o artigo quando tive de mudar o lead: o *The New York Times* publicava a primeira matéria internacional sobre a Mídia Ninja, em 20 de junho:

Sweeping Protests in Brazil Pull In an Array of Grievances

http://www.nytimes.com/2013/06/21/world/americas/brazil-protests.html?pagewanted=2&ref=world&_r=1&

One group, called N.I.N.J.A., a Portuguese acronym for Independent Journalism and Action Narratives, has been circulating through the streets with smartphones, cameras and a generator held in a supermarket cart — a makeshift, roving production studio.

A mochila tecnológica emprestada não estava mais com eles. Na época, usavam um carrinho de supermercado para carregar sua parafernália, hoje substituída pelo Iphone.

“O carrinho de supermercado era um jeito tupiniquim, uma gambiarra para fazer a coisa”, lembra Claudio Prado.

No domingo, 23 de junho, a página da Mídia Ninja no Facebook postou uma convocação de correspondentes para ajudar na cobertura em tempo real dos protestos:

Fotógrafos, repórteres, cinegrafistas, cidadãos a fim de entrar em nossas tropas, escrevam para midianinja@gmail.com dizendo de onde são e como podem

colaborar. Estamos começando a cadastrar gente do país todo. Primeiro passo na montagem de uma rede nacional de jornalismo independente antes do lançamento do nosso site. Quem anima?

Em meia hora já havia 125 compartilhamentos. No dia 24, até às 19h, havia 735 “curtir” e 413 compartilhamentos. Gente oferecendo material de todos os cantos, gente perguntando o que era necessário.

Em São Paulo, o núcleo então era composto por cerca de 6/8 pessoas, com idade média de 22 anos, e nenhum com formação jornalística.

Fora do Eixo

O Fora do Eixo, originalmente Circuito Fora do Eixo, é uma rede de 200 pontos e 2 mil pessoas envolvidas na área da cultura em todo o Brasil, e em alguns países da América Latina. Iniciada em 2005 por produtores e artistas de estados brasileiros fora do eixo Rio-São Paulo, inicialmente focava no intercâmbio solidário de atrações musicais e conhecimento sobre produção de eventos, mas cresceu para abranger outras formas de expressão como o audiovisual, o teatro e as artes visuais, ainda que a música ainda tenha uma maior participação na rede.⁷

Em São Paulo tem base em uma das Casas, no Cambuci. Há outras casas: no Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Fortaleza, Belém, Porto Alegre e Brasília. O FDE é uma rede criada em 2005, por produtores culturais das regiões Centro-Oeste, Norte e Sul. A parceria iniciou-se entre produtores das cidades de Cuiabá (MT), Rio Branco (AC), Uberlândia (MG) e Londrina (PR) que queriam estimular a circulação de bandas, o intercâmbio de tecnologias de produção e o escoamento de produtos, nesta rota batizada de Fora do Eixo.

Hoje o FdE está em 25 das 27 unidades federativas do Brasil. O Sul, o Centro-oeste, o Sudeste e o Norte são regiões totalmente associadas, já que contam com todos os estados incluídos. Há 72 pontos espalhados pelo país, que se dedicam a produzir eventos culturais, debater comunicação colaborativa, pensar sustentabilidade e políticas públicas da cultura.

Dezesseis gestores de diferentes pontos do Brasil migraram para São Paulo, formando a Casa Fora do Eixo SP, no bairro da Liberdade. “Mas basicamente, nós experimentamos, compartilhamos e aprimoramos tecnologias livres de se produzir cultura”, informam em seu site.

A sustentabilidade da Mídia Ninja POSTV se dá via Fora do Eixo, enquanto continuam as discussões sobre *crowdfunding* – ou financiamento coletivo – e toda e qualquer ideia de autossustentabilidade.

No dia 25 de junho foi convocada uma discussão aberta na Praça Roo-

⁷ <http://foradoeixo.org.br/>

sevelt, em São Paulo, atual “Praça Rosa”, com o intuito de “discutir as saídas para garantir a comunicação como um direito e não como um simples negócio comercial”.

Esta é a íntegra da convocação:

A cobertura das manifestações mostrou que a velha mídia está mais caduca do que nunca, mas que ainda tem um grande poder. A mídia tradicional no Brasil é concentrada, nada plural e nada diversa. Muitas vezes ela se comporta como um partido político, tentando dar a pauta e organizar os setores mais conservadores. Enquanto isso, a internet tem sido o espaço arejado de diálogo e organização, mas o acesso à rede ainda é limitado a 40% das residências, com um serviço péssimo das empresas de telecomunicações, que ainda querem acabar com a neutralidade da rede. As grandes corporações que atuam na rede faturam bilhões sobre a violação de privacidade dos usuários, e vários governos usam essas informações para controlar os cidadãos. Venha discutir as saídas para garantir a comunicação como um direito e não como um simples negócio comercial.

No dia 22 de junho foi denunciado no Facebook o bloqueio da página da Mídia Ninja.

Fomos denunciados por conteúdo impróprio ou pornográfico. Estão ‘analisando o caso’. Mas não tivemos qualquer argumento detalhado ou chance de defesa escrita. Acreditamos que pode ter sido fruto de denúncias de usuários contra fotos da manifestação anti-cura gay, anti-Feliciano de ontem. Fotos em que não havia qualquer pornografia, apenas material de afeto e felicidade explícita. Pedimos que compartilhem e pressionem o Facebook a recolocá-la no ar. Infelizmente, por enquanto, essa é nossa principal plataforma de divulgação da nossa dedicada cobertura independente dos protestos no Brasil.

A página foi desbloqueada horas depois.

Na mídia nacional e internacional

Mais tarde, em 30 de julho, o diário espanhol *El País* abria a matéria assim:

“O jornalismo alternativo se populariza no Brasil no calor dos protestos” citando o correspondente da rede Globo em Nova York, Jorge Pontual, que escrevia no seu Twitter em junho: “Se a bateria do Ninja não acabar, não vou dormir essa noite”.

http://internacional.elpais.com/internacional/2013/07/31/actualidad/1375299861_203631.html

A matéria compunha um rol de reportagens nos mais tradicionais periódicos internacionais, entre os quais:

The Wall Street Journal, 29 de junho

<http://online.wsj.com/news/articles/SB10001424127887323873904578570244226440374>

Brazil Protests Prompts Shift in Media Landscape

One recent day, young Ninja reporters rushed to the scene of a police crackdown in São Paulo to stream live video on a website linked to Facebook and Twitter of police shooting tear gas at a group of protesters. That night, Ninja Media's viewership soared to 200,000 — still far smaller than any major TV network but enough to be shared with 3.5 million viewers on Facebook, according to a measure Facebook uses to help gauge the number of times users share their messages.

Le Monde, 21 de julho:

Ninja, le média social des manifestations au Brésil

<http://america-latina.blog.lemonde.fr/2013/07/21/ninja-le-media-social-des-manifestations-au-bresil/>

Ils sont partout, ou presque. Ils incarnent les yeux et la voix des manifestations qui agitent le Brésil depuis le 10 juin. Ils rivalisent avec la puissante chaîne de télévision Globo pour rendre compte des événements en direct. Ils ne disposent pourtant pas d'hélicoptère ni de la bienveillance des autorités. Mais ils ont un avantage pour les manifestants et la masse de Brésiliens qui les suivent en temps réel: leurs images sont mises en ligne sur les réseaux sociaux et sont donc accessibles sur des téléphones portables.

The Guardian, 23 de julho:

Pope Francis greeted by ecstatic crowds following arrival in Brazil

<http://www.theguardian.com/world/2013/jul/23/pope-francis-visit-brazil-rio-rousseff-cabral>

With TV Globo increasingly under attack by protestors, Midia Ninja has rapidly become a trusted source of information for many involved in the protest movement and has broadcast live from protests all over Brazil.

There was a tense stand-off as a line of riot police stood in front of the police station while the crowd shouted for the release of the reporters. When one of them, Felipe Peçanha, was released he was mobbed by the crowd who chanted: "Ninja! Ninja!"

Folha de S. Paulo, 31 de julho

O jornalismo alternativo se populariza no Brasil no calor dos protestos

<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/121090-ninja-se-projeta-ao-cobrir-protestos-ao-vivo.shtml>

A prisão do “ninja” foi parar no “New York Times” e no “Guardian”. Em pouco mais de um mês, o grupo já foi descrito como protagonista de uma “mudança no panorama da mídia”, no “Wall Street Journal”, e como “um fenômeno de mídia que atraiu atenção e admiração de milhares”, no site do Nieman Journalism Lab, da Universidade Harvard.

DeutscheWelle, 1 de agosto:

Citizen journalists take on Brazil's media

<http://www.dw.de/citizen-journalists-take-on-brazils-media/a-16993946>

The Ninja media group want independent journalism and a revolution of Brazil's media coverage. During the country's recent unrest, the citizen journalists were hailed as an alternative to major media outlets.

The Guardian, 29 de agosto:

<http://www.theguardian.com/world/2013/aug/29/brazil-ninja-reporters-stories-streets>

Brazil's ninja reporters spread stories from the streets

Though the demonstrations have shrunk and splintered, Mídia Ninja, a journalists' collective, continues to grow in popularity and influence as it provides a channel for popular discontent with politics – and the media.

A projeção dos Ninjas não impediu – ao contrário, talvez tenha provocado – a prisão de dois de seus integrantes, Filipe Peçanha e Filipe Gonçalves, a 22 de julho, primeiro dia da visita do papa ao Rio de Janeiro, durante as transmissões de manifestações contra o governador na frente do Palácio da Guanabara, por “incitação à violência”.

Quando foi preso, o ninja Filipe Gonçalves ainda conseguiu gravar dentro da delegacia. No final do vídeo gravado por ele mesmo, pois estava transmitindo, já quase sem imagens, ouve-se nitidamente um policial ameaçar: “Quem estiver usando celular vai ser preso”!

Não mais o confisco de filmes de máquinas fotográficas, câmeras, gravadores, blocos de anotações, como registra a história da repressão aos jornalistas desde sempre. Na primeira década do século XXI, o celular também é uma arma. Daí para frente, em inúmeras transmissões, seja dos vários novos coletivos de comunicação, seja de qualquer cidadão, tornou-se comum a destruição de celulares.

No dia 3 de novembro, por exemplo, moradores não puderam registrar a ação de desintegração de posse da Ocupação William Rosa, em Contagem (MG): a maioria dos celulares fora destruída.

São os novos tempos da comunicação, da tecnologia e da segurança pública.

EXEMPLAR IMPRENSA

Cópia não permitida



Capítulo II

As jornadas de junho

Um “enxameamento”. A denominação vem do inglês *swarming*, uma dinâmica de rede, a manifestação de uma fenomenologia da interação em sociedades altamente conectadas. Uma convocação não centralizada que reúne multidões. Foi o que aconteceu em junho de 2013 no Brasil. Especialmente nos dias 17 e 18, segundo Augusto de Franco, da Escola de Redes, o maior *swarming* da história do país.

As jornadas explodiram contra os preços das passagens do transporte público nas principais capitais do país, convocadas pelo Movimento Passe Livre, tomando de surpresa o *establishment*.

A repressão violenta levou grande parte da população - e no início a mídia, que de um dia para o outro, literalmente, mudou de posição - a apoiar as manifestações, e ganhou repercussão internacional. Novos atos revelavam uma polissemia, uma multiplicidade de temas, como gastos públicos em grandes eventos esportivos, má qualidade dos serviços públicos, indignação com tantas coisas. Principalmente a expressão de um mal estar com o sistema e o não se sentir representado pelos poderes.

No dia 21 de junho a Agência Brasil publicava levantamento da Confederação Nacional de Municípios (CNM) mostrando que, no dia 20, houve protestos em pelo menos 438 cidades de todos os estados do país. Quase dois milhões de brasileiros fizeram manifestações pela redução das passagens do transporte público, contra os gastos com as obras da Copa do Mundo, pelo aumento dos recursos para a saúde e educação, contra a corrupção e a impunidade etc.

A maioria dos confrontos aconteceu em cidades grandes e médias, nas pequenas as manifestações foram pacíficas. Houve atos, inclusive, em municípios de 5 e 10 mil habitantes. Desde Belém, no Pará, até Santana do Livramento, na fronteira com o Uruguai.

A exemplo do ocorrido no mundo árabe, no *Occupy Wall Street* e nos vários que se seguiram, no 15M (15 de maio de 2011) em Madri, entre outros, as manifestações foram convocadas pelas redes sociais. Tratou-se de uma propagação viral.

De acordo com análise da professora Ivana Bentes, os desorganizados foram a novidade das manifestações que tomaram as ruas de várias cidades brasileiras em junho e julho, “com seus cartazes, *memes*, fantasias como se estivessem postando em uma *timeline*: com expressões singulares e inventivas, muitas vezes sozinhos ou em pequenos grupos de amigos.”⁸

8 <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/522986-os-esrachos-e-um-novo-fenomeno-de-participacao-social-entrevista-especial-com-ivana-bentes>

A diretora da Escola de Comunicação (ECO) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) lembra os antecedentes dos protestos:

A luta contra a usina hidrelétrica de Belo Monte e defesa das terras e cosmopolitismo indígenas; as Marchas da Liberdade em todo o Brasil em 2011; o movimento de ocupação das praças e espaços públicos em 2012; a mobilização na Cúpula dos Povos durante a Rio +20; a comoção em torno de Pinheirinho e das mortes de jovens nas periferias do Brasil; as centenas de petições online com milhares de assinaturas em torno das mais diferentes causas; o movimento Existe Amor em SP que mobilizou os coletivos e parte da periferia de São Paulo; os bombeiros do Rio em confronto com o governo; as marchas do MST atravessando o país, a Marcha das Vadias; a Marcha da Maconha etc.

Bentes afirma que já emergia, em 2011

um movimento de movimentos, transversal, que não tinha nem tem um objetivo único, mas diferentes reivindicações, muito pontuais de um lado e muito amplas, como a liberdade, a participação direta, as políticas de descriminalização das minorias, das drogas e de comportamentos. Ou seja, demandas pela ampliação das liberdades e dos direitos

De acordo com a professora, os movimentos de 2011/12 foram uma espécie de ensaio geral para 2013, inclusive em termos de uso das redes sociais e as transmissões ao vivo pela internet. Ela destaca o protagonismo do Movimento Passe Livre (MPL) de São Paulo, com a luta pelo barateamento das tarifas de transportes públicos tendo como horizonte a tarifa zero.

O MPL, que já completara oito anos de existência e contava com representação em vários estados, foi criado durante o Fórum Social Mundial de 2005. O Movimento conseguiu a revogação dos aumentos das tarifas dos transportes em várias cidades e o congelamento de pedágios em rodovias, como em São Paulo. Mesmo assim as manifestações continuaram, com suas pautas polissêmicas.

Para a maioria dos analistas, lembra Luciano Martins Costa ⁹, as razões do movimento eram essencialmente subjetivas, derivadas de uma percepção negativa, generalizada, do campo político em geral.

Segundo o jornalista e professor, “inicialmente, os veículos da imprensa hegemônica nas cidades mais importantes do país trataram de demonizar o movimento, chegando a pedir, em editoriais, uma intervenção mais enérgica das forças

9 Interpretação ou compreensão: subjetividade e ativismo na cobertura das manifestações de protesto de 2013. Artigo inédito.

policiais contra os efeitos dos deslocamentos de grandes massas de manifestantes, dos quais resultavam atos de depredação e vandalismo”.

Entretanto, “subitamente essa visão se transformou em abordagens que procuravam direcionar os alvos dos protestos contra as instituições políticas, demonstrando certa empatia pelo movimento, mas vinculando suas demandas exclusivamente à questão do custo do transporte público. Finalmente, em seguida ao apaziguamento das ruas, ocorrido logo após a decisão de governadores e prefeitos de manter congelados os preços dos transportes públicos e dos pedágios em rodovias, a imprensa passou a apontar o governo federal e o Congresso Nacional como alvos dos protestos”.

De acordo com Martins, “o fato de governadores e prefeitos das regiões afetadas pelas passeatas terem recuado de sua intenção de aumentar as tarifas, além da proposta de um plebiscito para reforma política, feita pelo governo federal, e algumas decisões apressadas do Legislativo, mostram que a agenda dos ativistas se impôs às instituições da República e à própria imprensa”.

Continua Martins: “No mesmo período, os jornalistas a serviço das mídias tradicionais começavam a sofrer restrições de dois lados: suas abordagens eram rejeitadas pelos manifestantes, que acusavam a imprensa de distorcer os acontecimentos, e ao mesmo tempo se tornavam alvos de policiais descontrolados ou, eventualmente, com propósito de colocar a imprensa contra o movimento”.

No dia 13 de junho o editorial da *Folha de S. Paulo* comentava o resultado de depredações ocorridas durante a terceira passeata organizada pelo Movimento Passe Livre na Avenida Paulista, em São Paulo, com um apelo direto às autoridades para que a polícia tomasse o controle da avenida que simboliza o poder econômico da cidade.

Sob o título “Retomar a Paulista”, abria o editorial:

Oito policiais militares e um número desconhecido de manifestantes feridos, 87 ônibus danificados, R\$ 100 mil de prejuízos em estações do metrô e milhões de paulistanos reféns do trânsito. Eis o saldo do terceiro protesto do Movimento Passe Livre (MPL), que se vangloria de parar São Paulo - e chega perto demais de consegui-lo.

Após tachar o MPL de “grupelho”, o editorialista qualificou a condição dos militantes como “marginal e sectária”, pois “lançam mão de expediente consagrado pelo oportunismo corporativista; marcar protestos em horário de pico de trânsito na Avenida Paulista, artéria vital da cidade. Sua estratégia para atrair a atenção pública é prejudicar o número máximo de pessoas.”

É hora de pôr um ponto final nisso. Prefeitura e Polícia Militar precisam

fazer valer as restrições já existentes para protestos na Avenida Paulista, em cujas imediações estão sete grandes hospitais. Não basta, porém, exigir que organizadores informem à Companhia de Engenharia de Tráfego (CET), 30 dias antes, o local da manifestação. A depender de horário e número previsto de participantes, o poder público deveria vetar as potencialmente mais perturbadoras e indicar locais alternativos.

Mas Luciano Martins lembra que

na tarde e começo de noite dessa mesma data, houve nova passeata durante a qual jornalistas da própria *Folha de S. Paulo* constataram que a violência era provocada pela Polícia Militar. No fim da jornada, o diário registrava que ‘pelo menos 15 jornalistas ficaram feridos durante cobertura de protesto em São Paulo’ - sete deles, repórteres da própria *Folha*. A ‘suposta brutalidade da polícia’, referida no editorial, se transmutava em violência real sob a forma de golpes de cassetete, tiros com balas de borracha, bombas de gás lacrimogêneo e jatos de essência de pimenta nos olhos dos transeuntes, com especial predileção por jornalistas.

Foi quando a cobertura da Mídia Ninja começou a ganhar destaque, oferecendo imagens obtidas diretamente nas ruas, sem edição, colhida pelos celulares de vários repórteres ativistas e transmitidas imediatamente por meio das redes sociais. Segundo Luciano Martins

Nos dias que se seguiram, imagens produzidas por esse canal alternativo eram usadas pela imprensa tradicional para juntar episódios esparsos aos quais seus repórteres não tinham acesso, e construir novas narrativas sobre as manifestações em outras cidades brasileiras.

Entre as novas linguagens, o “escracho”

Uma linguagem diferente de manifestação constituiu-se nos “escrachos”, eventos originados em países da América Latina, em especial Argentina e Chile, realizados por movimentos de direitos humanos na frente das casas e/ou locais de trabalho de ex-torturadores e/ou pessoas em geral ligadas às ditaduras militares, que continuam sem punição.

A projeção de imagens das vítimas da ditadura no dia da comemoração do golpe de 1964 no Clube Militar, em 2012, foi um exemplo de “escracho”. Assim como o acampamento e os protestos diante do apartamento do governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, durante semanas e com forte repressão.

Vários “escrachos” já foram feitos em algumas cidades brasileiras com

o mesmo fim. Mas, no Rio de Janeiro, tomaram outra forma. Por exemplo, no evento chamado pelas redes sociais de “O Casamento de Dona Baratinha”, ou Beatriz Barata, neta do maior empresário de ônibus no Rio de Janeiro, Jacob Barata, um dos alvos dos protestos contra a precariedade e privatização dos transportes públicos.

Com performances bem humoradas, na porta do Copacabana Palace, exatamente no dia 14 de julho, data da festa nacional francesa, ativistas reproduziam um casamento, mostravam listas de presentes, grifes, os custos da festa, ao mesmo tempo em que a performance lembrava a situação dos cariocas em relação ao transporte público oferecido.

Um evento que reuniu a nata do *high society* carioca, conforme descreveu a colunista social Hildegard Angel. Sua cobertura do casamento tinha como lead os padrinhos dos noivos: o ministro e ex-presidente do Supremo Tribunal Federal (STF) Gilmar Mendes e esposa.

A Mídia Ninja transmitiu em tempo real as muitas horas do protesto, que reproduzia o casamento, suas grifes e sua ostentação, e também a realidade do transporte público. Divulgaram os presentes, o custo da festa e receberam de volta aviõezinhos feitos com notas de 20 reais e um cinzeiro na testa de um manifestante: vinham de cima, dos convidados do casamento real.

Movimentos sociais em rede

O que teriam em comum os acontecimentos da “Primavera Árabe”, no Oriente Médio e norte da África: na Islândia, a chamada “Revolução do Panelaço”; os Indignados da Espanha, o Occupy Wall Street nos Estados Unidos, o movimento na Turquia, que começou com um protesto contra a derrubado do parque Taksim, em Istambul e as jornadas de junho de 2013 no Brasil?

Quem pensaria em protestos nos quais a participação dos mediadores comuns no século XX – partidos políticos, sindicatos, entidades organizadas – praticamente não se faz presente?

No Brasil, a relevância foi de um movimento, o Movimento Passe Livre (MPL) e somente algum tempo depois de iniciadas as manifestações, no dia 11 de julho, foi realizado o “Dia Nacional de Luta” por centrais sindicais, movimentos sociais e partidos de esquerda.

Segundo o cientista social espanhol Manuel Castells, no livro *Redes de Indignação e Esperança- Movimentos Sociais na Era da Internet* (2013) os movimentos sociais surgidos no mundo nos últimos anos têm uma série de características em comum: 1- São conectados em rede de múltiplas formas, e embora se iniciem pelas redes sociais da internet, tornam-se movimentos ao ocupar o espaço urbano. A este híbrido de cibernética e espaço urbano Castells denomina espaço

da autonomia, “a nova forma espacial dos movimentos sociais em rede”.

2 - Os movimentos são simultaneamente locais e globais. Têm contextos específicos mas também são globais, pois estão conectados ao mundo, aprendem e são estimulados por novas experiências. Uma cultura cosmopolita.

3 - Os movimentos são virais

4 - A passagem da indignação à esperança realiza-se por deliberação no espaço da autonomia. Trata-se de movimentos em geral sem liderança, as decisões ocorrem em assembleias e comitês. Não se trata de falta de líderes, mas de profunda desconfiança a maioria dos participantes em relação à delegação de poder. As redes, tanto na internet quanto no espaço urbano criam companheirismo, o que ajuda a superar o medo e descobrir a esperança.

5 - A horizontalidade das redes favorece a cooperação e a solidariedade, ao mesmo tempo em que reduz a necessidade de liderança formal.

6 - São movimentos profundamente autorreflexivos. Questionam-se permanentemente como movimentos, o que são, o que desejam, que tipo de democracia e sociedade almejam, como evitar armadilhas de tantos movimentos fracassados por reproduzirem mecanismos do sistema que queriam mudar.

7 - Esses movimentos raramente são programáticos, exceto quando se concentram em um único ponto: abaixo o regime ditatorial. São voltados para a mudança dos valores da sociedade. Pretendem transformar o Estado, mas não se apoderar dele. Não criam partidos nem apoiam governos, embora possam se tornar alvos do marketing político.

8 - São muito políticos num sentido fundamental. Especialmente quando propõem e praticam a democracia deliberativa direta, baseada na democracia em rede. O que esses movimentos sociais em rede propõem é uma nova utopia no cerne da cultura da sociedade em rede, a utopia da autonomia do sujeito em relação às instituições da sociedade.

Autoridade versus centralidade

Um estudo do núcleo InterAgentes,¹⁰ de São Paulo, analisou no período entre 5 e 21 de junho as citações públicas às manifestações via Facebook.

Ao contrário dos movimentos tradicionais, os pesquisadores Tiago Pimentel e Sérgio Amadeu da Silveira encontraram um padrão de comunicação horizontalizada, com adesão distribuída. Segundo eles, as manifestações não foram convocadas a partir de centros privilegiados, os centros emergiram como consequência dos próprios eventos e, por vezes, mudaram de lugar. Foi na ausência de estruturas verticais que se estabeleceram as relações horizontais da comunicação distribuída, dissolvendo-se a divisão entre ativistas e base social mobilizada.

¹⁰ <http://interagentes.net/?p=62>

Sua métrica de análise de redes atribui dois valores a cada nó: HUB e Autoridade. A Autoridade estima o valor do conteúdo de cada página, ou nó, a partir do número de compartilhamentos de suas postagens. Os HUBs avaliam o valor de suas ligações (links) para outras páginas ou nós.

Os pesquisadores explicam que, enquanto um bom HUB representa um nó que aponta para muitos 'nós' da rede, uma boa Autoridade é apontada por diversos outros HUBs. Resumindo, um nó de rede (pessoa ou página) que tenha seus posts muito replicados tem uma grande Autoridade. Já quem compartilha muitos posts de outros perfis tem um valor de HUB mais elevado.

Em relação à mídia tradicional, os pesquisadores concluíram que a página do perfil do *Estadão* no Facebook apresentou-se como a maior autoridade nas redes durante os quatro primeiros atos. Apenas no quinto e no sexto ato ela perdeu relevância relativa.

O estudo destaca que

os canais destes grandes veículos nas mídias sociais, embora de um modo geral apresentem-se como autoridades, configuram-se como péssimos HUBs. Isso se deve ao fato de que não dialogam nas redes, de que usam as redes à maneira do broadcast, não interagem com outros atores, citam apenas a si mesmos, não ecoam outras narrativas. Por não fazerem o jogo da rede são mera fonte de informação, mas sem capacidade de articulação.

Embora os veículos da grande imprensa tenham autoridade nas redes, não influíram no curso das manifestações, ao contrário: "O curso das manifestações influenciou as principais linhas editoriais de cobertura por parte dos grandes veículos", afirmam.

Ao mesmo tempo, aumentam nas redes os comentários críticos sobre a cobertura dos eventos por parte da grande mídia comercial.

Sobraram críticas, por exemplo, ao 'Datena', à revista *Veja*, ao comentarista Arnaldo Jabor e à rede Globo. Repórteres da Globo chegam a ser agredidos e as redes ecoaram também o 'recuo' da cobertura midiática. A matéria da Globo com Patrícia Poeta veiculada no *Jornal Nacional* do dia 17 é tomada por parte das redes como um editorial em que a emissora afirma cinicamente total isenção em relação aos fatos que reporta. Ao mesmo tempo as redes ecoam aquilo que consideram ser um recuo de Datena ao vivo e um pedido de desculpas de Arnaldo Jabor.

O Interagentes acentua que "a crise de representação dirigiu-se não somente às instituições democráticas, mas estendeu-se aos meios de comunicação de massas. As mesmas vozes que clamavam por uma organização social sem in-

termediários exigiam para si o poder de comunicar-se sem intermediações dos veículos de massa”.

O estudo cita dois vídeos que tiveram maior repercussão maior na rede do que qualquer notícia de jornal. Atores que poderiam ser considerados “nós pobres” da rede adquiriram uma enorme relevância, tornaram-se virais na internet. Por Exemplo, o vídeo de Marcel Bari ¹¹, que conta com mais de 110 mil compartilhamentos. E o vídeo fartamente difundido nas redes, que registra um policial quebrando o vidro da viatura, que conta com mais de 2 milhões de visualizações no youtube¹².

Os autores do estudo, entretanto, esclarecem que o fato de esses nós terem ganho muita relevância momentânea não necessariamente culmina em um aumento do seu capital social nas redes.

Durante as manifestações do dia 13 de junho, a cobertura em tempo real realizada pelas pessoas que estavam nas ruas enfrentando a Polícia Militar competia com as narrativas da mídia tradicional (imprensa, rádio e TV). A repercussão dos milhares de vídeos e imagens postados pelos protagonistas criou imediata solidariedade dos amigos nas redes e crescente indignação.

De acordo com a análise dos Interagentes,

as manifestações de junho mostraram o poder de pessoas, fora das instituições políticas, de criar redes de opinião distribuídas. Também mostraram que as corporações da mídia se viram obrigadas a alterar suas linhas editoriais de cobertura, tentando reconfigurar as redes e pautar amplas parcelas das massas. A tendência que emana desse momento híbrido é que, cada vez mais, redes de opinião enfrentarão outras redes de opinião.

Os jornais e as redes sociais: autoridade sem centralidade

Em artigo para o *Observatório da Imprensa*, em julho de 2013,¹³ a autora deste livro também discutiu a questão da autoridade e da centralidade nas redes e nos jornais tradicionais a partir do início da publicação, pela *Folha de S. Paulo*, em 5 de julho, de textos com o objetivo de provar que a mídia tradicional é autoridade nas redes sociais. Em resposta ao artigo “Jornalismo domina a rede social em protestos” ¹⁴ o professor Fábio Malini, do Laboratório de Estudos sobre Imagem

11 <https://www.facebook.com/photo.php?v=658874737474532>

12 <http://www.youtube.com/watch?v=kxPNQDFcROU>

13 http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/a_revolucao_sera_pos_televisonada

14 http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/jornalismo_domina_rede_social_em_protestos

e Cibercultura (Labic) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) postou em sua página no Facebook:

“Li agora a reportagem da *Folha* sobre o jornalismo. Na verdade, recebi um telefonema da *Folha* há alguns dias. O tema era o papel do jornalismo no protestoBR. Eu disse o que eu sempre digo, há anos: o jornalismo (as empresas) possui muitos RTs de seus posts por um motivo óbvio: possuem acesso rápido ao poder. Exemplo: o prefeito não quer abaixar a tarifa. E, de repente, por pressão popular, abaixa a tarifa. O jornal tem lá a fonte que bebe cafezinho com o prefeito e publica a notícia exclusiva. O que acontece depois nas redes sociais? Um monte de gente retuita a notícia publicada no jornal. Essa métrica leva a uma autoridade (afinal, gente de diferentes grupos retuitará a notícia). Isso também acontece com os perfis oficiais das mobilizações (eles viram autoridades por ter a exclusividade de notícias factuais). Mas, completei: o problema é que esse jornalismo (das empresas) possui autoridade, mas não centralidade. Aí isso deu um ‘nó’ no editor. Eu disse: a centralidade está com os ativistas. Porque a centralidade mensura a capacidade de um ‘nó’ (perfil) ser capaz de atrair conexões, distribuir conexões, ser ponte para outras pessoas, articular mundos. Coordenar uma ação. Não adianta você ser autoridade e estar isolado do mundo. O núcleo da interação (a densidade das relações) fica com os ativistas. A periferia das conversas com o jornalismo e seus fãs que tudo republicam.

“O que vocês acham que foi publicado? O jornalismo é uma autoridade nas redes sociais.”

Em uma coluna no domingo (7/7), o editor-executivo da *Folha* Sérgio Dávila,¹⁵ a partir de levantamento feito pelo jornal, afirma:

80% dos links compartilhados no Twitter com ‘hashtags’ ligadas aos protestos durante o auge do movimento tinham origem na mídia dita tradicional – quer dizer, era conteúdo produzido pela imprensa profissional, levando em conta os preceitos do bom jornalismo. Ainda de acordo com a pesquisa, páginas ligadas à imprensa no Facebook tiveram o compartilhamento de seu conteúdo pelo menos triplicado.

No texto “Imprensa nas redes sociais: autoridade sem centralidade”¹⁶, o professor Fabio Malini explica com detalhes o que resumiu no Facebook. Ele acentua que “quando computado o volume de RTS que os jornais recebem em relação ao número total de tweets, o resultado é mínimo”.

¹⁵ http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed754_cidadao_face

¹⁶ <http://www.labic.net/sem-categoria/imprensa-nas-redes-sociais-autoridade-sem-centralidade/>

Para o especialista

não adianta a @folha ser autoridade e estar isolada do mundo social que interage intensamente. O núcleo da interação (a densidade das relações) fica com os ativistas, porque eles conversam, compartilham, republicam uns aos outros. Eles estão em contato e em contágio permanente, enquanto perfis como o da @folha ficam só difundindo informações para seus milhares de seguidores.

Então, conclui:

O comportamento de alguns perfis de imprensa é o mesmo de muitos políticos. Publica a notícia, mas não escuta, não interage, não conversa com outros perfis nas redes, porque, afinal, querem ver tudo de longe. A regra não vale para todos os veículos de imprensa, alguns se aventuram nas ruas virtuais (e ganham centralidade). Mas são poucos.

Mas a *Folha de S.Paulo* não publicou a explicação completa do professor na entrevista. A mesma *Folha de S. Paulo*, a 7 de setembro de 2013,¹⁷ na matéria “A pauta das ruas”, voltava a aplicar a tese acima:

Três meses após o início dos protestos no país, no dia 6 de junho, manifestantes voltam hoje às ruas em mais de cem cidades para protestar contra a corrupção e pedir melhorias nos serviços públicos. Diferentemente do que diz quem critica a mídia profissional, a grande maioria desses movimentos se alimenta do noticiário da imprensa. Um estudo revelou que 80% dos links compartilhados no Twitter com “hashtags” ligadas aos protestos durante o auge das mobilizações, em junho, se originavam de veículos tradicionais. A simples leitura das faixas exibidas pelos manifestantes mostra que seus temas já tinham sido anunciados e discutidos na própria Folha.

E acrescentava tópicos, por exemplo:

Sobre violência: “Protesto no Rio de Janeiro critica a repressão policial contra os manifestantes, destacada pela *Folha* em sua cobertura sobre o protesto de 13 de junho, em São Paulo”.

Tarifas: Manifestação na av. Paulista, em São Paulo, pede a revogação do

17 <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/127892-a-pauta-das-ruas.shtml>

aumento das tarifas de ônibus e metrô na cidade, anunciado pela *Folha* no mês anterior.

Saúde: Manifestantes no Rio pedem mais recursos para a saúde. No mês anterior, o caderno “Cotidiano” havia revelado o aumento da dívida das Santas Casas, que atendem ao SUS.

Copa: Mobilização em Belo Horizonte contra a realização da Copa no Brasil. Três dias antes “Esporte” havia revelado que os governos gastariam R\$ 28 bi no evento.

Educação: Em Brasília, manifestantes defendem mais verbas para a educação; três dias antes, a *Folha* havia ressaltado a importância dos gastos no setor para o desenvolvimento do país.

Cura gay: Manifestantes protestam em SP contra o projeto da “cura gay” defendido pelo deputado Marco Feliciano, criticado dias antes pelo presidente da Câmara.

Seria de interesse da mídia avaliar melhor a conjuntura. Não há pensamento mágico que impeça mudanças – que, aliás, há tempos já estão ocorrendo. Se os *publishers* da mídia tradicional acompanhassem as pesquisas e se atualizassem, mesmo com o pensamento oposto à sua linha, teriam um bom *aggiornamento* ao século XXI. Por exemplo, com o cientista político irlandês, radicado no México, John Holloway¹⁸, autor do livro *Fissurar o capitalismo* analisando as razões dos protestos nas cidades brasileiras:

É a obscenidade do mundo de hoje. Começa com as tarifas de transportes públicos ou gastos públicos, ou corrupção ou destruição de um parque – como em Istambul –, mas o que explode é realmente uma raiva contra um mundo obscuro, um mundo de injustiças grotescas de violência que ultrapassa a compreensão, de destruição sistemática da natureza, um mundo que nos ataca em nossos interesses, mas que também nos insulta como seres humanos.

Essas explosões que temos visto nos últimos meses ocorrem mais facil-

18 <http://operamundi.uol.com.br/conteudo/entrevistas/31825/john+holloway+revolucao+estas+na+multiplas+rupturas+na+estrutura+de+dominacao.shtml>

mente em cidades onde a obscenidade do sistema se impõe de forma muito agressiva. Mas o grande desafio é como ir construindo espaços para um mundo não obsceno, que vão contra e para além do capitalismo. Esta luta por um mundo digno é o que chamamos normalmente vida, ou amor, ou revolução.

EXEMPLAR IMPRENSA

Cópia não permitida



Capítulo III

No centro da Roda Viva

No dia 5 de agosto o jornalista Bruno Torturra e o produtor cultural Pablo Capilé foram entrevistados no programa Roda Viva, da TV Cultura de São Paulo.¹⁹ Com ancoragem do jornalista Mario Sergio Conti, participaram os entrevistadores Alberto Dines, o primeiro crítico de mídia brasileiro – trabalho que iniciou na década de 70 na *Folha de S. Paulo*, com o “*Jornal dos Jornais*” e prossegue no site e no programa de TV *Observatório da Imprensa*; Caio Tulio Costa, ex-ombudsman da *Folha*, Eugênio Bucci, ex- diretor da Radiobrás (Empresa Brasileira de Comunicação), atualmente colunista de *O Estado de S. Paulo* e revista *Época*; Suzana Singer, ombudsman da *Folha* e Wilson Moherdaui, diretor da revista *Telecom*.

Tratou-se do primeiro confronto entre a mídia tradicional e as novas mídias do século XXI no país. Foi naquele programa que, pela primeira vez, muitos ouviram a expressão massa de mídias, contrapondo-se à mídia de massas. E também que o objetivo de um coletivo de comunicação e cultura é tornar-se desnecessário.

E mais: não é preciso muito dinheiro para se transmitir notícias e, na era da informação, no jornalismo pós-industrial, a notícia não deve mais ser tratada como uma *commoditie*, um fator de geração de lucro.

Para começar, a Mídia Ninja faz jornalismo? Responde Bruno Torturra: “A gente faz jornalismo sim, acho curioso que ainda haja uma dúvida. Dá para discutir que tipo de jornalismo fazemos, a qualidade, a relevância, mas o fato de ser um grupo organizado, de se colocar como veículo, de ter dedicação diária e transmitir informação da maneira mais crua, mais honesta, mais abrangente possível dentro de nossas limitações, é jornalismo sim”.

Em seguida pergunta o âncora: “Mas vocês trabalham em quê?”

Na época, Bruno declarou não ter salário na Mídia Ninja (MN), sobreviver de uma festa quinzenal em SP, sem tempo para frilas e que largou o emprego no Globo como roteirista. Os custos do seu trabalho entram na conta do Fora Do Eixo (FDE). Capilé mora em casa coletiva, não tem salário, todos sobrevivem de forma compartilhada, com a moeda complementar Fora do Eixo Card.

Enquanto a maior parte das perguntas voltava-se para a questão do financiamento, da ligação com partidos políticos e da acusação de parcialidade, houve pouco tempo para se explicar a forma de transmissão dos ninjas. Com exceção das perguntas de Alberto Dines – que já havia entrevistado Torturra em seu programa de TV, e foi o primeiro a abrir seu site para a discussão da Mídia Ninja – que falou pouco, (e declarou “estou ouvindo, é um privilégio”) e de Moherdaui,

¹⁹ <http://www.youtube.com/watch?v=vYgXth8QI8M>

que conseguiu encaixar perguntas sobre funcionamento da nova mídia.

Torturra explicou que a Mídia Nina nasceu na rede e está se constituindo com pessoas que necessariamente não fazem parte do FdE. Começou há muito mais tempo do que as pessoas imaginam, fruto de coletivos culturais no país ao longo dos últimos dez anos.

1. Modelo de negócios

À questão sobre o modelo de negócios da Mídia Ninja, Torturra comentou que diz muito sobre a própria razão da crise da mídia. “Ela é vista como modelo de negócio que deve gerar lucro. Nas últimas décadas a informação foi cada vez mais sendo tratada com uma *commoditie*. A forma de migração dos jornais para a internet deveria pressupor outra lógica econômica, que não deve se igual à analógica de um jornal.”

Acentuou que estamos vivendo o jornalismo pós-industrial, mas o jornalismo ainda é pensado nos moldes do começo do século 20. “Ainda somos reféns da lógica que o jornalismo é necessariamente muito caro: muito caro é um prédio de 20 andares, um publisher que tem a expectativa de um crescimento alto, mas a lógica de rede, que a internet representa, não se torna uma nova lógica econômica dentro da idade da informação? É isso que estamos buscando”.

Como ninguém da rede vem da área administrativa, eles são empíricos. E confiam que, se o leitor precisa entender que se valoriza o mercado de informação democrática, também terá de financiá-la. Por isso discutem, especialmente, o crowdfunding, financiamento colaborativo.

Bruno destacou o fato de que a grande mídia não tem muito a oferecer um jovem jornalista, hoje:” Uma juventude enorme tem vontade de ser jornalista hoje, com mais liberdade que minha geração teve, até pela capacidade tecnológica. Mas não há vagas, e quando existem ele não recebe muito, não tem muito espaço e está submetido à rotatividade alta”.

O jornalista Wilson Moherdauí acentuou que atualmente “pessoas, governos, empresas são viciados em informação, por causa da abundância. Vocês contribuem muito para isso, colocam em forma bruta vídeos em tempo real, entrevistas não editada, dados não estruturados, uma quantidade incontável de informação. Em algum momento precisam usar tecnologia para editar. Isso não preocupa? Alguém com tecnologia fazer a edição final?”

Perguntou também o que eles levavam na mochila: “Seu caminhão de reportagem é um carrinho de supermercado, o notebook serve de bateria para alimentar o smartphone”.

Segundo Capilé, a mídia de multidão está sujeita ao remix e recombinações o tempo inteiro. “Antes tínhamos a mídia de massa, agora temos a massa

de mídias. Dentro dessas multidões, as pessoas vão recombina informações e um dos objetivos é perder o controle. Tendo um aplicativo como o Twitcasting, baixar uma plataforma, um smartphone, rede 3G ou 4G, outro computador para bateria e muita disposição, qualquer um pode se um ninja ou construir seu próprio coletivo.”

Para Torturra, “o mais importante não é a tecnologia, hoje é banal, quase todos têm acesso a algo que possa fazer dessa pessoa um jornalista instantâneo, um comunicador público, capaz de transmitir para muita gente.”

2. Patrocínios e independência

Susana Singer levantou a questão do patrocínio recebido pelo FdE de 800 mil reais da Petrobrás, segundo declaração de Capilé ao jornal espanhol *El Pais*. Ele afirmou que políticas públicas para comunicação e cultura são fundamentais: “Melhorou muito nos últimos dez anos, mas só de 3% a 7% de nosso orçamento geral é de verba pública. O patrocínio foi um edital para a rede de festivais independentes, que hoje nem tem ligação direta como FdE. Até porque recurso público não é sinônimo de não independência. É fundamental que a gente trabalhe não para criminalizar, mas levantar a urgência e pressionar os governos para investir”.

Destacou também a questão da centralização dos investimentos. “Hoje 64% das verbas publicitárias são investidas na TV aberta e dentro deles, quase 70% para uma TV aberta. Discutir isso é interessante”.

O âncora perguntou se, com patrocínio da Petrobras, os entrevistados se sentiriam livres para levantar malfeitos da empresa. Torturra repetiu que o financiamento foi destinado a festivais de música: “Eu me sinto completamente independente para tratar de qualquer tema. Essa lógica financeira é complicada de explicar rapidamente, o dinheiro dos festivais não vai para a Mídia Ninja. Não há verba de empresa ou governo”

Mas, e se houver, questionou Wilson Moherdaui. “Vocês imaginam vender patrocínio para empresas?”

Torturra: “Só vamos pensar nisso quando e se o dinheiro público fracassar. Prefiro uma nova forma de financiamento, não por ter ojeriza a dinheiro privado, mas por essa dependência é que o mercado da mídia está tão quebrado. Não comprometeria nossa independência editorial, mas o imaginário que tentamos criar para o leitor é de se engajar mais. Investimento público, desde que totalmente aberto e outros grupos possam disputar, é legítimo. É de interesse público que a informação democratize, a gente não avança nisso no país, não regulamentamos a Constituição de 1988, há lutas paradas há tempos, o dinheiro público é legítimo, até porque há muito dinheiro público na grande mídia”.

3. Futuro

Alberto Dines perguntou se, quando as manifestações diminuïrem, eles conseguirão manter o interesse público. Capilé respondeu que as transmissões já eram feitas pela POSTV muito antes da jornada de junho. “Nesse salto quântico do debate sobre o país desde junho as discussões vão continuar. Além de discutir jornalismo, temos de discutir o midiativismo, as multiparcialidades. Pautas não nos faltam. Por exemplo, o que está escrito na minha camiseta “Cadê o Amarelado?””. Nas periferias dos grandes centros tem Amarelado todo dia, há mil pautas de programas que queremos fazer na POSTV”.

Continuou afirmando que a Mídia Ninja trabalha para se tornar desnecessária, perder o controle, inspirar uma série de outras iniciativas. “Nem todo o mundo tem uma rede estruturada já durante 10 anos. Construímos meios de produção, mas há série de iniciativas no país com essa mesma perspectiva aqui vão dar continuidade e enriquecimento a essa pauta. Somos uma experiência de uma acumulo de 30 anos de midialivrisimo, do Fórum de Democratização da Comunicação, entre outros”.

4. Partidos

Sobre ligações partidárias do FdE, afirmaram dialogar com o PT, com Marina Silva (Bruno Torturra é um dos fundadores do Rede) Jean Willys, deputado federal do PSOL, Jandira Feghali, deputada federal do PC do B. “Ninguém do PSDB?” perguntou o âncora. “O PSDB tem como política não dialogar com movimentos sociais”, respondeu Capilé, afirmando que não são “convidados Vips” de ninguém.” A gente se convida e se impõe com legitimidade, e há dez anos construindo uma lógica supersofisticada de meios de produção não iríamos nos ligar a entidades com crises de narrativa e de representatividade. Dialogamos de forma aberta com vários partidos”.

As repostas foram consideradas evasivas pelo âncora, quando afirmaram estar próximos de vários espectros. Os dois entrevistados afirmaram estar respondendo enquanto pessoas, e disseram estar próximos da esquerda.

Bruno acentuou ainda que ouviu, nas manifestações, muitas pessoas que rechaçavam bandeiras afirmarem ser favoráveis à estatização de bancos, à reforma agrária, à distribuição de renda. “Há uma incompreensão de quem está olhando de cima, e quando você está na rua é um caldo fervendo de narrativas múltiplas, é mais uma guerra de *memes* do que ideológica entre direita e esquerda”.

5. Isenção

Os entrevistadores disseram que a Mídia Ninja não vai apenas cobrir, mas rei-

vindicar, proteger. Não existe isenção, mas engajamento. Torturra afirmou que as pessoas das manifestações encaram a MN quase como utilidade pública, pedindo para filmar isso e aquilo, porque protege: “Antes de ser manifestante ele é cidadão, atacado de maneira muito violenta pelo Estado por exercer seu direito. Nós estamos protegendo a democracia, não o argumento necessariamente, mas o direito dele”.

6. Mídia alternativa

Alberto Dines vê no fenômeno muitas semelhanças, no bom e mau sentido, com a imprensa alternativa do fim dos anos 1960 e 1970. “A *Folha de S. Paulo*, inteligentemente, em 1975, soube aproveitar o diapasão da mídia alternativa criando a página de opinião, a página de debates, naquele vazio de ideias. Mas isso não continuou. Como vocês vão contribuir para que a imprensa tradicional possa se servir de vocês, para que melhorem, ou empunhem as bandeiras que vocês empunham?”

Capilé lembrou que a Globo News criou um ninja – que eles brincam chamando de M2 –, “com um celular, mas a narração vem do estúdio, o repórter continua escondido para não ser hostilizado”. Ele entende que “a MN trará oxigênio para a mídia antiga. Um modelo que não tem credibilidade para estar nas ruas, nem vigor para tentar se ressignificar porque ainda não saiu do modelo industrial e tem dificuldade de pensar nesse pós-industrial. No modo P2P o sujeito opina e recebe a informação ao mesmo tempo, busca-se esse mosaico de parcialidades e não ser o arauto da imparcialidade”.

7. Imparcialidade

A ombudsman Suzana Singer cobrou o fato de os ninjas serem parciais em sua cobertura dos protestos. Referindo-se ao escândalo do chamado cartel do metrô de São Paulo, mas sem citar nomes, Capilé qualificou assim a atuação da mídia: “Dependendo do partido é cartel, dependendo do partido é quadrilha”. O âncora – mesmo reconhecendo não ser preciso –, partiu em defesa da imparcialidade da “grande imprensa”, citando a *FSP* e o próprio *Roda Viva*.

Torturra provocou, então, um dos momentos inéditos no programa (as mídias não costumam discutir seus problemas em público), afirmando que a TV Cultura não tratou com transparência a demissão do jornalista Heródoto Barbeiro “Mesmo o *Roda Viva*, em outros momentos, tem coisas sérias que acontecem quando ferem interesses do governo do Estado. A demissão do Heródoto foi muito falada e ficou constrangedor para uma TV pública. Nova objetividade vem da transparência, do que pensa e como essa informação é produzida, a gente não esconde, transmite nossas entrevistas ao vivo radicalmente. Evidente que há muito

a alcançar, somos uma rede iniciante, com gente muito jovem, poucos têm experiência de redação e vão se beneficiar muito desse debate.”

Citou ainda o caso de Bruno Teles, acusado de portar coquetéis molotov e preso, que foi libertado em função de um vídeo ninja que mostrava o contrário. O vídeo foi exibido pelo *Jornal Nacional*.

Sobre a demissão, na época, somente nos bastidores inicialmente soube-se que fora a pedido de José Serra, que não gostou de uma pergunta do âncora no programa. Atualmente no canal de notícias Record News, pouco depois Heródoto entrevistou Torturra e agradeceu publicamente a menção ao seu caso.

O vídeo do programa no Youtube foi visto por mais de 230 mil pessoas em poucos dias. Mal o âncora deu “adeus e até breve”, uma avalanche de denúncias contra o coletivo Fora do Eixo tomou conta das redes sociais, jornais e revistas (não nas emissoras de TV aberta). Um debate poucas vezes visto na área cultural e de comunicação, e que mixou desde denúncias de ex-participantes até artigos contra e a favor em jornais de grande circulação e na mídia alternativa e reportagens em revistas semanais.

Um aperitivo para os próximos capítulos são os artigos do jornalista Helio Fernandes e matéria de *O Globo* assinada por Chico Otávio.

Helio Fernandes, 92 anos, fundador do muito censurado *Tribuna da Imprensa*, na ditadura, escreveu em seu site²⁰ no dia 7 de agosto:

O programa da TV Cultura Roda Viva nunca entrou no meu roteiro ou na minha programação do fim de noite. Antontem, quebrei essa rotina, queria conhecer os líderes da Mídia Ninja, Bruno Torturra e Pablo Capilé. Não sabia como eles eram, nem física nem mentalmente. Nos primeiros 40 minutos, Pablo Capilé me assombrou. Falou sem parar por duas vezes. A primeira, nove minutos, a segunda, outros 12. Massacrou a todos. Há muito tempo não via alguém pensar em tal PRO-FUNDIDADE e expor com tal VELOCIDADE.

Nos dois monólogos, sem hesitação, voz firme e segura, nenhuma parada sequer para respirar ou beber água. Os entrevistadores (?) desnorreados e desencontrados, acompanhavam a sua fala magistral, não tiravam os olhos dele. E quando parou, e cabia a eles perguntarem, desfilaram uma quantidade de tolices, bobagens, coisas sem importância. Nada que merecesse resposta.

Oitenta por cento dos participantes não sabiam o que perguntar, incluindo o dirigente do programa (já demitido), chato, monótono, cansativo, que tentava confundir-los. E quase todos procuravam engasgar os dirigentes do Mídia Ninja, com dois tipos de evolução. – 1 – Como vocês vivem, com que recursos? 2 – Qual a ideologia de vocês?

(...)

20 <http://tribunadaimprensa.com.br/?paged=177>

Lógico, não garanto que tudo era irrefutável, mas ninguém contestou uma linha. Se não era verdade, é impossível “inventar” daquela maneira e com a profusão de dados que desfilava.

Os que estavam na bancada, tentavam se defender usando quatro ou cinco minutos para não pensar nada e um minuto para “construir” a pergunta. Quem não sabe pensar não sabe redigir, seja de forma falada ou escrita.

(...)

Terminado o programa, os entrevistadores, estáticos, naufragaram em terra seca. E sabiam disso.

Reportagem de Chico Otavio em *O Globo*, 4 de agosto²¹, sobre uma reunião da Mídia Ninja no Rio de Janeiro, questiona as ligações partidárias e a imparcialidade, o que viria a ser uma tônica de futuras manifestações na mídia e nas redes:

— Invadimos a Câmara Municipal!

Uma explosão de vivas e aplausos tirou o terceiro encontro da Mídia Ninja (de Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação) no campus da UFRJ, na Praia Vermelha, da encruzilhada do impasse.

A novidade, ao ser anunciada na primeira pessoa do plural, seria um escândalo em qualquer redação. Mais ou menos como se um repórter de Política soltasse um “ganhamos a eleição” ou o colega de Esportes festejasse um gol com algo como “vencemos o clássico”. Para os ninjas, porém, não há campo neutro. O movimento que saiu às ruas do país, registrando as manifestações de protesto com transmissões ao vivo, de celulares com acesso 3G (internet de alta velocidade), não esconde seu lado:

— Fazemos uma cobertura ao vivo, em tempo real, chapa quente. Nossos atos de jornalismo são multifacetados, parciais, com impressões e avaliações de cada um — sintetiza Pablo Capilé.

(...)

Com celulares que mobilizam manifestantes, os ninjas ecoam as vozes das ruas e caçam P2 (agentes secretos da Polícia Militar) nos protestos. Entendem-se como jornalistas. Porém, ao executar suas “pautas” com a paixão de um ativista, confundem-se com os personagens de suas histórias.

Em campo, aproximam seus celulares da ponta do nariz dos policiais e exigem deles respostas sobre o desfecho da manifestação, por exemplo. Quem assiste pela web sente que eles, muitas vezes, provocam a notícia — em vez de apenas revelá-la.

²¹ <http://oglobo.globo.com/pais/ninjas-querem-verba-oficial-para-sobreviver-9343258>

No dia seguinte ao programa *Roda Viva*, uma espécie de campanha orquestrada misturou desafetos de vários pontos do espectro.

EXEMPLAR IMPRENSA

Cópia não permitida



Capítulo IV

Ponto de Mutação

Dois dias após o programa *Roda Viva*, uma série de textos longos com denúncias contra o Fora do Eixo começaram a ser postados nas redes sociais e tornaram-se virais. O primeiro, da cineasta Beatriz Seigner²², a 7 de agosto com 4.700 curtir, 880 comentários, 5.509 compartilhamentos.

Seigner, autora do filme *Bollywood Dream*, colocado em circulação pelo FDE, acusava o coletivo de lhe dever dinheiro, pago apenas após nove meses de cobranças; de absorver verbas públicas sem avisar o autor, como teria ocorrido no seu caso em relação ao SESC. Pablo Capilé foi apresentado como o líder de uma seita ao estilo religioso, com ânsias de projeção, manipulador e promotor de trabalho escravo, já que as pessoas não são remuneradas, não pagam aposentadoria, e também não têm tempo ou espaço para absorver cultura, pois livros seriam considerados por Capilé “tecnologias ultrapassadas”.

Quanto à Mídia Ninja - que teria mudado de nome de Mídia Fora do Eixo, por ter sido expulsa de muitas manifestações por vários movimentos -, foi acusada de usar vídeos e material em geral em seu nome feito por outros sem creditar e pagar. Segundo Seigner, a prática de não creditar os trabalhos “acaba fazendo com que eles façam exatamente aquilo que criticam na grande mídia: espalham boatos anônimos sem o menor comprometimento com a verdade, com a pesquisa, com a acuidade dos dados e fatos”. Acrescenta que eles também se beneficiam “do trabalho escravo daqueles que vivem nas casas FDE”.

A estudante de jornalismo Laís Bellini, no dia 8 de agosto, posta em sua página no Facebook outra denúncia, segundo diz, incentivada por Seigner, com 2.179 curtir, 317 comentários, 1.732 compartilhar.²³

Bellini acusa o líder do FDE de controlador de mentes, com atitudes monárquicas, denuncia o sexismo no coletivo, escravismo mental e financeiro – as pessoas teriam medo de denunciar e de sair, também por falta de recursos – e seriam submetidas a um “choque pesadelo” quando se rebelam, no caso, uma ofensiva de vários membros do coletivo com o objetivo de desestabilização psicológica.

A vida comunitária é descrita como sacrificada, no compartilhamento de quartos, roupas, e as tarefas domésticas obrigatórias para todos menos para as lideranças. A dívida do FDE com Bellini seria por volta de R\$ 3 mil, da qual teria recebido apenas R\$ 500 desde agosto de 2012, quando saiu. Acusou o coletivo de usar a estratégia de “catar e cooptar”: militantes seriam orientados a seduzir

22 <https://www.facebook.com/beatriz.seigner/posts/10151800189163254>

23 <https://www.facebook.com/lcbellini/posts/702021409824865>

sexualmente potenciais integrantes do grupo.

Os dois depoimentos trazem uma síntese da grande série que se seguiu e foi reproduzida na matéria assinada por Lino Bocchini (editor web) e o repórter Piero Locatelli na edição 762 da revista *CartaCapital*.²⁴

Os jornalistas entrevistaram oito ex-integrantes do FDE, dos quais metade preferiu não se identificar. Há acusações de estelionato, dominação psicológica e ameaças. A matéria coloca quatro linhas de resposta de Capilé às práticas denunciadas de “uso dos integrantes como uma espécie de isca sexual”; seis linhas de resposta do FDE à apropriação de dinheiro e bens particulares dos colaboradores e meia linha de resposta de Capilé à acusação de influência nas indicações de políticos para cargos na área de cultura e educação.

Identifica o coletivo com a Rede de Marina Silva e afirma que Bruno Torturra seria lançado candidato a deputado federal caso o partido conseguisse registro no TSE.

No mesmo dia em que a revista chegou às bancas, os jornalistas publicaram no site algumas respostas de Capilé não editadas na matéria e afirmaram que Torturra “se recusou a responder todas as perguntas, inclusive as feitas sobre a Mídia Ninja”.²⁵

A reportagem levou a outra controvérsia nas redes sociais, condenando a revista – considerada uma alternativa semanal por grande parte do público leitor mais à esquerda – por ter faltado com a ética jornalística, ao não publicar a entrevista com o outro lado na revista impressa, apenas no site. Outro item contribuiu para a celeuma: o fato de Bocchini ser, ele mesmo, um ex-integrante do FdE, sem apresentar-se como tal, o que eticamente impediria sua participação na realização do trabalho, por *parti-pris*.

A jornalista Ana Lagôa, que participou da apuração para a elaboração deste livro, entrevistou Bocchini²⁶ em setembro de 2013 por telefone e e-mail. Ele

24 <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/fora-do-eixo-6321.html>

25 <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/fora-do-eixo-201cninguem-precisa-ter-medo-de-nada201d-7841.html>

26 – *Afinal, faltou ou não ouvir o outro lado no debate sobre o coletivo Fora do Eixo?*

“O Outro Lado foi ouvido como em todas as reportagens de CartaCapital em seus 20 anos de existência. Enviamos um e-mail com questões para Bruno Torturra e Pablo Capilé. Bruno se recusou a responder. Capilé respondeu e, na edição impressa da CartaCapital, há extratos de suas posições. No site publicamos a íntegra das respostas de Capilé e informamos que Bruno se recusou a responder. Temos arquivados os e-mails dos dois comprovando o que estou dizendo e eles estão à disposição de qualquer interessado.”

– *Se é assim, porque houve toda aquela reação contra a matéria?*

“O Fora do Eixo usa a tática de desqualificação e ataques pessoais com todos os que os desagradam. Eu fui apenas mais um que sofreu esse pesado ataque difamatório. É a prática de sempre do grupo: ataca e não responde.”

– *E qual é, então, sua opinião sobre a experiência jornalística dos ninjas?*

A Mídia Ninja não existe. Trata-se da comunicação do Fora do Eixo, que primeiro mudou de nome para POSTV e, depois para Mídia Ninja, sempre fugindo da rejeição que o nome Fora do Eixo carrega. O discurso parece interessante mas, infelizmente, é só um discurso. Só se sustentou minimamente em

afirmou que “o Outro Lado foi ouvido como em todas as reportagens de *Carta Capital* em seus vinte anos de existência. Enviamos um e-mail com questões para Bruno Torturra e Pablo Capilé. Bruno se recusou a responder. Capilé respondeu e, na edição impressa da *CartaCapital*, há extratos de suas posições. No site publicamos a íntegra das respostas de Capilé e informamos que Bruno se recusou a responder”.

Sobre a experiência jornalística dos ninjas, que abre a matéria e cujo sucesso expôs a ligação com o FdE, disse:

A Mídia Ninja não existe. Trata-se da comunicação do Fora do Eixo, que primeiro mudou de nome para POSTV e, depois para Mídia Ninja, sempre fugindo da rejeição que o nome Fora do Eixo carrega. O discurso parece interessante mas, infelizmente, é só um discurso. Só se sustentou minimamente em junho porque no Fora do Eixo todos trabalham de domingo a domingo sem receber um centavo e obedecendo cegamente às ordens de Capilé e Bruno. Trata-se de um grupo de postagem de fotos e vídeos no Facebook. E exclusivamente no Facebook. Não há site ou um único texto sequer.

(N. da A.: Em maio de 2014 foi ao ar a página Mídia Ninja, em parceria com Oximity, uma plataforma global onde os usuários compartilham notícias. O material produzido pela MN está em licença Creative Commons.)

<https://ninja.oximity.com>

Ainda a 16 de agosto, em nota no Facebook com 410 curtir e 184 comparar, a revista *CartaCapital*

reafirma sua total confiança nos profissionais envolvidos e no conteúdo da reportagem” e critica o FdE. “Como linha auxiliar de defesa, o Fora do Eixo pôs seus integrantes para difamar a publicação e seu jornalista, citando inclusive sua família. Esse tipo de reação lembra práticas da direita autoritária e não condiz com uma organização que se diz livre e democrática.

No mesmo dia 16 de agosto o FdE respondeu à reportagem²⁷ afirmando que a matéria é “oportunista” e revelando a implicação de Bocchini na questão, por ter tido “estreita relação com o coletivo durante mais de um ano. Bocchini comandou o “Desculpe a Nossa Falha”, programa que integrava a grade do Pos TV, canal do FdE na internet.”

junho porque no Fora do Eixo todos trabalham de domingo a domingo sem receber um centavo e obedecendo cegamente às ordens de Capilé e Bruno. Trata-se de um grupo de postagem de fotos e vídeos no Facebook. E exclusivamente no Facebook. Não há site ou um único texto sequer.

27 <https://www.facebook.com/foradoeixo/posts/568457919879274>

Entendemos que é antiético apurar, visando traçar o perfil de uma rede com milhares de membros ativos, partindo apenas de depoimentos de pessoas que saíram da rede, com um foco claro em suas insatisfações. O texto colhe exceções e tenta forjar uma regra.

Sobre indicações de secretários e cultura, a nota afirma que

nenhum dos nomes citados pela revista atingiu seus cargos através de indicações da rede. Um Ex-Ministro, Juca Ferreira, não precisa de indicação de ninguém, a reportagem especula e mente. É normal e legítimo, pelo seu destaque na atuação local, que eventuais membros do Fora do Eixo sejam convidados para cargos de gestão pública. Entendemos que para aceitar essa possibilidade o indivíduo deve se desligar da rede, não fazendo mais parte mais do caixa coletivo local e se afastando das esferas de decisão em âmbito estadual e nacional”.

Sobre relação com partidos:

as Políticas Públicas não são partidárias. Não acreditamos em política de governo, acreditamos em políticas de estado. O estado não é o PT e muito menos o PSDB! Alguns partidos estão abertos ao dialogo e outros não, mas as políticas públicas independem deles.

Sobre apropriação de bens:

Essa não é uma prática do Fora do Eixo. A abordagem da matéria é caluniosa. Primeiro, como é um processo coletivo, qualquer pessoa que chega tem acesso a uma série de bens coletivos. A destinação de seus pertences para o uso de todos enquanto se está em uma Casa é um ato livre. Além disso, muitas pessoas chegam sem nada e, a partir do envolvimento na dinâmica colaborativa, recebem bens materiais e equipamentos para desempenhar suas atividades. Um sinal que expõe claramente que os acordos são feitos com o consentimento de quem faz investimentos de bens ou valores, e que as acusações são oportunistas e visam mais a difamação do que a justiça, é que esses acusadores preferiram tornar a história pública através da imprensa em um momento de alta visibilidade do Fora do Eixo, ao invés de terem nos processado tão logo se desligaram.

A nota nega que a rede pratique qualquer tipo de violência ou intimidação, até mesmo porque não identificamos nada que poderíamos fazer contra integridade física ou emocional de nenhuma pessoa. São dez anos de trabalho sem nenhum histórico ou caso registrado de agressão, perseguição ou ameaça. A produção de notícias que façam essas acusações sem provas

ou sem serem encaminhadas junto a órgão competentes constituem mais calúnias e contribuem apenas para a alimentar uma narrativa de criminalização dos movimentos sociais.

Fora do Eixo e Mídia Ninja:

Lino Bocchini e Pietro Locatelli tentam criar uma tese de que a Mídia Ninja seja um nome fantasia para driblar supostos desgastes do FDE com outros movimentos sociais. O fato é contestado pelas diversas manifestações de apoio que o Fora do Eixo tem recebido de vários movimentos representativos como o MST, Movimento Nacional de Direitos Humanos e de várias organizações Latino Americanas, mostrando claramente que não temos necessidade de criar nenhum artifício para livrar o Fora do Eixo de qualquer desgaste.

Ainda, nunca houve por parte do Fora do Eixo ou da Mídia Ninja nenhuma tentativa ou esforço de omitir ou desvincular as duas iniciativas, pelo contrário. Publicamente sempre ressaltamos a relação orgânica dos dois projetos entendendo a Mídia Ninja como uma rede incubada – lógica própria do movimento de Economia Solidária – a partir do Fora do Eixo. Hoje, dezenas de indivíduos e alguns coletivos trabalham como Ninjas e se sentem, ainda bem, também donos da rede.

Bruno Torturra também se pronunciou e negou qualquer possível candidatura política em sua página no Facebook: “O repórter nunca me telefonou, apesar de ser meu amigo, para checar, me escutar, me perguntar sobre as graves acusações que me faz pessoalmente. Isso não é jornalismo.”²⁸

À esquerda e à direita

À *Folha de S. Paulo*, Capilé classificou as acusações contra o coletivo de “críticas radicais” de uma “soma de exceções”, já que, segundo ele, há muito mais pessoas envolvidas com o FdE do que detratores.

O ativista e produtor cultural disse que a casa coletiva do FDE em São Paulo é aberta:

É fundamental que as pessoas entrem em contato com os que moram numa casa do FdE, que elas visitem, que conheçam de perto. Se quiserem fazer uma avaliação clara, que busquem conhecer melhor a experiência.

Sobre o dinheiro cobrado por Laís Bellini, ele admitiu haver erro, e que casos assim precisam ser corrigidos. Afirmou que o FdE defende a remuneração de artistas com os quais trabalha mas, em alguns casos, o orçamento não é suficiente
28 <https://www.facebook.com/bruno.torturra/posts/10201680691164825>

ciente.²⁹

Na mesma época, o senador Aloysio Nunes (PSDB/SP) protocolou três requerimentos – nos ministérios da Cultura, da Fazenda e de Minas e Energia. O objetivo era saber quais os critérios utilizados para a liberação de verbas de estatais para financiar projetos do Fora do Eixo.

Em artigo para o programa de rádio do Observatório da Imprensa o jornalista Luciano Martins Costa assinalava:

“A motivação do senador é explícita: ‘A Mídia Ninja faz críticas à mídia tradicional, por isso quero saber de onde vêm os recursos dessa agência de notícias informal’, afirmou, segundo a *Folha*. Ou seja, ele se apresenta em defesa da imprensa que lhe dá o palanque. Ao levantar suspeitas de que a Mídia Ninja e, por extensão, os coletivos de ação cultural abrigados nas casas Fora do Eixo, que lhe deram origem, são um braço militante ligado ao governo federal, ele tenta restringir a questão ao ambiente da política formal do qual faz parte.”

“Fora desse contexto, o senador Aloysio e seus pares, os poderes da República e a mídia tradicional, são parte de um campo que é apenas uma referência no conjunto de eventos do qual faz parte a Mídia Ninja.”

“O aspecto mais interessante das manifestações de rua é o fato de se dirigirem às instituições de fora para dentro.

Elas resultam do distanciamento criado pelas próprias instituições em relação à sociedade: o Estado, cujo controle as forças políticas institucionalizadas disputam, à revelia da sociedade, se afastou das ruas, fechando-se em seu próprio circo, de onde a mídia tradicional transmite os espetáculos deprimentes de magistrados em duelos de egos e de parlamentares disputando o butim do Tesouro. “

“A Mídia Ninja não demonstra interesse por esse campo específico, a não ser como objeto de protestos a serem filmados e publicitados, assim como ao coletivo Fora do Eixo não interessa o que Hollywood vai colocar nas telas do cinema.”

“A iniciativa do senador tem o propósito de mergulhar os dois movimentos no lamaçal em que se transformou a política institucional.”³⁰

De agosto a setembro de 2013 funcionou o blog Feministas pela Cultura, que em 26 de agosto se apresentava como

<http://feministaspelacultura.noblogs.org/post/2013/08/26/quem-somos/>

“uma articulação autônoma feminista que surgiu do legado histórico de Festivais de Cultura Feminista na América Latina. Atuamos por novas culturas políticas e novas políticas de cultura a favor e a serviço da vida das mulheres.” Assinado por “mulheres que fizemos parte das casas Fora do Eixo Anápolis, Mi-

29 <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/08/1324594-criticas-sao-soma-de-excecoes-afirma-fundador.shtml>

30 http://www.observatoriodaimprensa.com.br/radios/view/gt_gt_o_status_quo_se_mobiliza_lt_bt_gt_gt_preparando_o_confronto

nas, Nordeste, São Carlos e São Paulo e outros coletivos e homens que reconhecem a veracidade desses fatos”. Fazia acusações de “sexismo, uso político do sexo, assédio moral, opressão, culpabilização e pedagogia do medo”.

Críticas à esquerda afirmavam que o FDE é de direita: “a casa Fora do Eixo é o próprio retrato do neoliberalismo cultural sonhado pelos tucanos”.³¹

Por outro lado, o artigo de 2011 “Lulismo fora do eixo” republicado pela revista *Caros Amigos* a 13 de agosto de 2013 afirmava que a experiência do FDE é o próprio retrato do lulismo: combina “a mais perversa prática reacionária com um discurso aparentemente libertário”. Identificava grande impulso da política pós-rancor – ideologia que, segundo o articulista, abole a luta de classes em prol dos grandes embates nos circuitos culturais – com a campanha “Lulinha paz e amor” de 2002, quando o sindicalista foi apresentado como moderado e “jurando respeito ao capital”.³²

Batendo recordes em um *Guinness* da história da imprensa, um jornalista enviou 70 perguntas ao FDE, publicadas a 16 de agosto em três blocos no site R7, do grupo Record. .³³

Central de denúncias

No início de agosto também surgiu um Fora do Eixo- *leaks*,

<http://www.foradoeixo.sx>, que se definia como:

“plataforma anônima“ de captação e publicação de denúncias que revelem funcionamentos obscuros do Fora do Eixo”. Não está mais no ar e pode ser encontrado no Twitter, <https://twitter.com/ForadoEixoSX> – embora com todas as denúncias deletadas- e no Google colocando-se na busca “fora do eixo leaks”.

Tratava-se de uma central de denúncias, site aberto em Richmond/Virginia (EUA) com atuação entre 9 e 26 de agosto de 2013. Em resposta a um pedido de informações, representantes do site respondiam, por email, a 21 de agosto:

“Nos últimos quinze dias temos publicados o que nos enviam por email e por formulário anônimo. O processo é: recebemos a denúncia, checamos e publicamos. Mantemos o total anonimato sobre quem enviou o material e jamais cedemos às mensagens trocadas: elas são apagadas depois de lidas e respondidas. Se ainda assim houver desconfiança, nós oferecemos o serviço completo de anonimato através do Tor. O Tor impede que mesmo os administradores do site saibam quem enviou o material: sem IP, sem nome, nenhuma informação.

Utilizamos o mesmo conceito tecnológico por trás da plataforma de denúncia do New Yorker (e do Wikileaks):

31 <http://www.trezentos.blog.br/?p=8119>

32 <http://www.carosamigos.com.br/index.php/artigos-e-debates/3472-lulismo-fora-do-eixo>

33 <http://noticias.r7.com/blogs/andre-forastieri/2013/08/16/uma-entrevista-com-pablo-capile-do-fora-do-eixo/>

<http://www.newyorker.com/online/blogs/closeread/2013/05/introducing-strongbox-anonymous-document-sharing-tool.html>

Também podemos servir como ponte para sua denúncia chegar nos jornalistas, sem publicar a denúncia diretamente. Nosso interesse é único: jogar luz no submundo do Fora do Eixo.”

Informavam também ter contato com o site R7, revistas *Veja* e *CartaCapital*.

“Podemos enviar as denúncias com exclusividade para um desses órgãos primeiro e depois publicamos o material no site.

A decisão de qual órgão a ser enviado é de vocês (se assim desejarem) e podemos tratar de forma transparente e encaminhar as respostas dos jornalistas para os seus emails. E, novamente, faremos isso preservando a sua identidade, sem revelar nunca a fonte e seus emails.

A publicação do material na imprensa depende da qualidade das provas que temos. Então, se for um relato, é importante ele estar acompanhado de registro de conversas (emails são provas) ou, se for o caso, de planilhas. De nossa parte seguimos o provérbio: bate-se o ferro enquanto está quente.”

Parece ter tido razão o FDE- *leaks*. Quatro meses depois, no dia 6 de dezembro, a página de Beatriz Seigner no Facebook replicava um post com rescaldo de denúncia contra o FDE sobre acontecimentos de maio e junho, com quatro curtir, nenhum comentário, nenhum compartilhamento. A mesma informação era postada por Laís Bellini no mesmo dia, com dois curtir e nenhum compartilhar.

Difamação na era da velocidade técnica

Em entrevista à autora, o jornalista Alberto Dines afirmou que tem se preocupado muito com uma tendência da sociedade brasileira à fragmentação e à radicalização.

“O país se racha em qualquer debate. O ser contra não é apenas em um debate circunscrito, específico. É ser contra o outro violentamente”. Dines acentuou que na internet esse comportamento é exorbitado de forma incrível. “Este fenômeno da radicalização, do passionalismo é muito ruim para o Brasil”, disse.

A diretora da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Ivana Bentes – onde são realizadas as reuniões de pauta da Mídia Ninja –, em entrevista no dia 23 de agosto lembrou que

A Mídia Ninja despertou um debate nacional sobre o jornalismo clássico e a possibilidade da emergência das mídias da multidão. A entrevista de Bruno Tor-

turra, da Mídia Ninja, e de Pablo Capilé, no Roda Viva, deixou os entrevistadores da grande imprensa atônitos e logo em seguida o programa disparou não apenas um debate sobre mídia, comunicação e jornalismo, mas um processo de linchamento público (vindo do campo conservador e de pessoas nas redes sociais) em torno do Fora do Eixo.”.

Vimos outro fenômeno de redes se configurar: a reação das grandes empresas conservadoras, como a revista Veja e uma espécie de histeria denunciata envolvendo aspectos morais que buscam desqualificar a reputação do Fora do Eixo e desmoralizar uma de suas lideranças de maior visibilidade, Pablo Capilé. As acusações em sua grande parte não tem incidência jurídica, legal, consistente, mas uma espécie de viral de difamação (sem checagem, apenas com base no emocional dos depoimentos de pessoas rompidas com o Fora do Eixo).

Desqualificação violenta da sua forma de organização como de “seita” quando se trata de uma rede coesa e orgânica), tentativa de criminalizar o sistema de colaboração livre como “trabalho escravo”, malversação dos princípios da economia solidária em “mais valia”. Quando o que temos são pessoas trabalhando livremente para uma rede que retorna o trabalho em moradia, roupa, serviços, viagens, rede de relações, reputação, formação etc. Desmonetizando as relações e criando um capital coletivo. Criminalização de comportamentos (amor livre, novas relações afetivas, padrões de comportamento desconfigurados) e uma amplificação dos problemas da convivência em grupo (rompimento de relações afetivas, sexuais, de identificação com o grupo), violências subjetivas comuns ao convívio intenso e presentes em todos os grupos sociais (família, escola, empresa, clube, etc.). É um campo para ficar atentos. A difamação na era da velocidade técnica e as formas de construção e desconstrução das reputações em tempo real.³⁴

Muitos membros do Fora do Eixo também se manifestaram. O fotógrafo ninja Rafael Vilela foi um deles, em 8 de agosto: “A imersão também faz sentir a dureza do processo de se transformar. Assim como a lagarta deve sofrer para fazer o musgo empoeirado virar aquelas asas coloridas, sair da lógica “escola-faculdade-emprego-carro-casamento-casa-filhos-netos-caixão” é dolorido. Migrar pra vida coletiva, sem salário, sem “carreira”, sem uma escola formal, com caixa e armário coletivo é pular fora do seu mundo e mergulhar de cabeça no novo mundo possível, que é nosso, de todo mundo”, diz um trecho do texto.

No dia 10 de agosto Atílio Alencar, ex-membro do FDE, fez outro extenso depoimento e acentuou seu desejo: “Que a Mídia Ninja seja lida como mais uma das experiências interessantes, e que seja canibalizada por outras mídias, menores, invisíveis, autônomas, para que no caso de os ninjas sucumbirem ao mercantilismo da informação, outros tantos tentáculos sigam fazendo o contra-
34 <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/522986-os-escrachos-e-um-novo-fenomeno-de-participacao-social-entrevista-especial-com-ivana-bentes>

ponto nas ruas”.

Em 17 de setembro, a Comissão de Cultura da Câmara dos Deputados, realizou no Congresso Nacional uma audiência pública sugerida pelos deputados Nilmário Miranda (PT-MG) e Jandira Feghali (PC doB-RJ), com a participação do deputado Jean Willys (PSOL/RJ) colocando em debate, a partir da experiência do Fora do Eixo e da Mídia Ninja, a criminalização dos movimentos sociais e a democratização dos meios de comunicação. Participaram do debate Pablo Capilé, Bruno Torturra e Ivana Bentes.

O debate, entretanto, não terminou, apenas o fluxo denunciante. A Mídia Ninja continua a despertar paixões pelas redes sociais. A compreensão do que é ou não é jornalismo e quais os seus parâmetros; o papel do midiativismo e do midialivismo; se a Mídia Ninja apenas difunde ou participa dos acontecimentos; quem ou o quê determina níveis de participação popular; a apropriação de outras mídias sob sua “marca” e o difícil entendimento da “perda de controle”, ou tornar-se uma referência da potencialização e do surgimento de novos ninjas pelo país é uma discussão em fluxo, assim como o processo.

No dia 14 de agosto o internauta Homero Mattos Jr. postou em sua página no Facebook: “Chico Buarque diz que a canção, tal como a conhecemos, talvez seja um gênero do século passado. Tem uma novidade importante aí, se manifestando dessa forma... como a ópera, a música lírica, foi um fenômeno do século 19, talvez a canção, tal como a conhecemos, seja um fenômeno do século 20.”

E arremata o internauta: “É possível que a mesma coisa esteja acontecendo em outros setores da sociedade contemporânea. Jornalismo inclusive”.

E se tantos paradigmas caem, por que não os do jornalismo?

Afinal, é preciso sair do século XX.

Capítulo V

“Alta fidelidade e baixa resolução”

“Os artigos que tentam demonizar a *Mídia Ninja* não caíram nas redações ³⁵por acidente”, afirma o jornalista Luciano Martins Costa no artigo de 18 de agosto para o Observatório da Imprensa.

Raras vezes na história recente se viu tal confluência de artigos/reportagens dedicados, em sua maioria, a criminalizar um coletivo cultural e uma nova mídia. Desde articulistas *rottweilers* a intelectuais do campo da esquerda, midiativistas, até repórteres mais e menos conhecidos – em seguida ao programa *Roda Viva* de 5 de agosto pulularam textos na imprensa escrita e no mundo virtual durante três meses.

O mesmo processo produziu a convergência entre linhas editoriais diversas como as de *Veja* e *Carta Capital*: enquanto a segunda publicava matéria sem ouvir o outro lado, e sem revelar que um dos autores é ex-membro do FdE, um colunista da primeira, Reinaldo Azevedo lui-même assinalava que jamais pensara em tal convergência, mas usou o enfoque da matéria da concorrente para os mesmos fins.

Na edição de 10 de agosto a revista *Veja* publicou matéria sob o título “Conheça Pablo Capilé, o líder por trás da Mídia Ninja” ³⁶ insinuando suas ligações com o PT. No dia 9 de agosto, em sua página no Facebook, a Mídia Ninja informava que foram procurados durante uma semana para uma reportagem sob o argumento de que “queriam apresentar a iniciativa como algo novo”. Os ninjas afirmaram que “em geral, recebemos com tranquilidade qualquer veículo. Dos grandes jornais e TVs, a veículos independentes e comunitários. Mas abrimos uma exceção e nos recusamos a atender a *Veja*. Em primeiro lugar, porque não consideramos o tipo de trabalho que a *Veja* faz jornalismo. Seu longo e amplamente demonstrável histórico de desonestidade, manipulação, distorção dos fatos e jogo de interesses é conhecido. Em segundo, porque a *Veja* tem um histórico claro de criminalização e desqualificação de todo e qualquer movimento e iniciativa popular que possa constranger, questionar ou combater as grandes concentrações de poder econômico, midiático ou político.”

“Sabemos que amanhã, quando chegar às bancas, a *Veja* trará uma matéria sobre a Mídia Ninja e sua relação com o Fora do Eixo. Tranquilos e cada vez mais certos de nossa missão, pensamos que tal reportagem, independente do conteúdo e das prováveis calúnias, é mais um sinal de que nosso trabalho está atingindo seu

35 http://www.observatoriodaimprensa.com.br/radios/view/gt_gt_o_status_quo_se_mobilizlt_br_gt_gt_preparando_o_confronto

36 <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/o-ninja-do-pt>

objetivo: quebrar a narrativa oficialista da mídia corporativa. E incomodando, de fato, o sono dos que há tempo demais mentem para o Brasil.”

No dia 23 de julho o blog da *Tribuna da Imprensa* (cujo fundador Helio Fernandes elogiara o programa Roda Viva), publica matéria de Carlos Newton³⁷

“Cai a máscara do Mídia Ninja. É apenas um braço do PT querendo se aproveitar das manifestações populares”.

Em sua página no FB, Pablo Capilé respondeu:

1 - O Fora do Eixo não é uma ONG, é uma rede distribuída em mais de 200 cidades do país, com coletivos, movimentos, pontos de cultura, festivais, casas e etc.

2 - Eu não sou dono do FdE. De novo, somos uma rede, horizontal e com mais de 2 mil protagonistas e lideranças espalhadas pelos 27 estados.

3 - O PT não criou e nunca financiou o Fora do Eixo, nem a Mídia Ninja.

4 - Nossas contas são abertas. Quem nos financia são nossas próprias ações como festivais, mostras, oficinas, palestras, casas, alguns poucos editais públicos. Criamos moedas complementares, um caixa coletivo e uma vida compartilhada que faz com que todo o recurso que geramos renda muitas vezes mais do que na economia analógica e individualista. Mas somos “financiados” principalmente pela a força, convicção e a dedicação de mais de 2 mil pessoas espalhadas pelo país e de parceiros que entendem que há coisas mais interessantes a se ganhar nessa vida do que simplesmente dinheiro.

5 - Eu nunca estive em uma convenção do PT, diferente do que foi veiculado no texto e na legenda da foto em que apareço conversando com José Dirceu.

6 - Sim, já conversei com José Dirceu. Também já conversei com Lula, Dilma, Rui Falcão, Haddad. Também já me reuni com Marina Silva (Rede) diversas vezes, com Jean Wyllys (PSOL), Randolfe Rodrigues (PSOL), Marcelo Freixo (PSOL), Jandira Feghali (PCDOB) e dezenas de outros políticos de quase todos os partidos. Encontros divulgados em minhas redes sociais de forma aberta e transparente. Não há segredo. Minha conspiração é pública: por dez anos me dedico ao diálogo e à luta por uma política sociocultural mais aberta e popular no Brasil.

7 - Além dos citados acima já me encontrei e continuarei dialogando com artistas, jornalistas, ativistas dos mais diversos como Gilberto Gil, Caetano Veloso, Criolo, Emicida, Mangabeira Unger, Hermano Vianna, Pena Schimdt, Miranda, Felipe Milanez, e mais algumas centenas deles.

8 - Somos parceiros também de redes de pontos de cultura, povos de terreiro, comunidades indígenas, hackers, cineclubistas, movimentos de luta do campo, movimentos de juventude, movimentos de meio ambiente, movimentos de direitos humanos e etc.

37 <http://tribunadaimprensa.com.br/?p=70347>

9- No Fora do Eixo todos têm autonomia e direito de declararem seus votos abertamente e apoiarem quem quiserem. Eu já fiz isso algumas vezes, e continuarei fazendo quando bem entender. Seja do PT, do PSOL, da Rede, do PCdoB ou de qualquer partido.”

No dia 16 de agosto o *Estado de S. Paulo* publica artigo do jornalista e ex-deputado federal Fernando Gabeira.³⁸

“Mídia Ninja e o futuro desfocado”, onde afirma, a respeito da proposta de financiamento:

A primeira condição de *crowdfunding*, em jornalismo, é a alta qualidade do material produzido, o que a Mídia Ninja não pode oferecer, pelas circunstâncias da cobertura e pelo precário domínio técnico. Viver disso significa preocupar-se com detalhes: ângulo, luminosidade, enquadramento, composição – enfim, as técnicas que permitem transmitir a informação com nitidez. Se tudo isso é considerado secundário, o que é o principal? Estar presente e tomar o partido dos oprimidos, ainda que a mensagem seja um lixo técnico.

Apontar deficiências técnicas nas transmissões ninjas foi um dos motes das críticas, às quais responderam com um de seus lemas: “alta fidelidade e baixa resolução”, significando, segundo eles, um contraponto à mídia tradicional.

O *Globo* parece ter sido o veículo impresso nacional mais pródigo em reportagens e artigos contra e a favor dos ninjas. Em 4 de agosto, um dia antes do programa Roda Viva, o jornal publicou reportagem de Chico Otávio “Ninjas querem verba oficial para sobreviver”,³⁹

na qual fala sobre a parcialidade, sobre a acusação de ligação com o PT e sobre os planos de sustentabilidade do coletivo. Além da alternativa de o público pagar pelo que consome, o repórter destacou outra, a busca de verbas públicas, que acabou puxada para o título.

No final, colocou as opiniões de dois professores de jornalismo, um a favor, outro contra.

A natureza do projeto dos ninjas, que concentra as transmissões ao vivo nos atos de protesto, mas deixa de lado eventos como a visita do Papa Francisco, o protesto dos médicos ou o rompimento da adutora da Cedae, ainda é um fenômeno em busca de consenso na academia. Professor da Universidade do Texas e diretor-fundador do Centro Knight para o Jornalismo nas Américas, Rosental Calmon Alves entende que a empolgação dos ninjas, ante o anúncio de uma nova invasão, se assemelha à cobertura que a imprensa americana faz nas operações militares do

38 <http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,media-ninja-e-o-futuro-desfocado-,1064592,0.htm>

39 <http://oglobo.globo.com/pais/ninjas-querem-verba-oficial-para-sobreviver-9343258>

Oriente Médio, quando os jornalistas exclamam: “Invadimos o Iraque!”. Mas ele não vê problemas no fenômeno:

— Eles estão fundando aqui um gênero. Há outros. Eles assumem de que lado estão, mas isso não os desqualifica. A nova objetividade é a transparência.

O problema, para o doutor em Comunicação pela Universidade de Navarra Carlos Alberto di Franco, é a legitimação do projeto por meio de um discurso de demonização da imprensa:

— A democracia reclama a mediação dos grupos de produção de conteúdo que já passaram pelo crivo do tempo. Quando esses grupos começam a ser atacados, é a democracia que está em risco.

Em artigo publicado no Observatório da Imprensa no dia 6 de agosto, contrapondo-se à reportagem citada, a jornalista Catia Guimarães retruca:

Estudantes de jornalismo de todo o mundo, aprendam com os fatos que, neste caso, falam por si: o jornalismo, tal como aprendemos e reproduzimos, está em risco. Já era hora.

Nos bastidores diz-se em *off* que, inicialmente, *O Globo* estava produzindo uma reportagem neutra com o perfil dos ninjas cariocas, material suspenso, depois retomado, suspenso novamente e encomendado a outro repórter, com outro enfoque, este que afinal foi publicado.

Estalatecas, patacas ou algo do gênero

Outro artigo de *O Globo*, a 8 de agosto, foi assinado por Cora Rónai, experimentalista jornalista da área de informática que reprisa os argumentos sobre parcialidade dos ninjas e a origem do financiamento do FDE.⁴⁰

As informações que Capilé deu sobre isso, aliás, foram absurdas: o Fora do Eixo, sistema que é a nave-mãe da Mídia Ninja, não trabalha com reais, mas com estalatecas, patacas ou algo do gênero. Então tá.

Rónai demonstrou desconhecer a economia solidária, assim como muitos de seus colegas, conforme assinalou o professor e economista Ladislau Dowbor⁴¹:

Toda a primeira parte do Roda Viva se concentrou na veiculação da profunda suspeita dos entrevistadores sobre “de onde vem o dinheiro”, sugerindo na-

40 <http://oglobo.globo.com/cultura/midia-ninja-9406383>

41 <http://outraspalavras.net/uncategorized/redes-culturais-desafio-a-velha-industria-da-cultura/>

turalmente fontes escusas, falta de prestação de contas e semelhantes.

É natural que esta geração da mídia, que trabalha com altos custos e equipamentos sofisticados, não entenda que nesta era em que qualquer pessoa com um *smartfone* pode registrar eventos, e tem inteligência e formação para sugerir interpretações – talvez com menos competência profissional mas seguramente com maior diversidade de interpretações – o sistema se desloca. O que não se entende é que sequer tinham conhecimento de moedas alternativas, das formas de funcionamento dos processos colaborativos não monetários, de toda uma economia da cultura não comercial que se desenvolve e já tem anos de experiência. O sistema Ninja não apareceu com as manifestações, já tem 10 anos. Foram precisas as manifestações para que esta imprensa se dê conta que o Ninja existe.

O sistema de financiamento da rede Ninja e da rede Fora do Eixo não constitui nada de revolucionário, existe em milhares de experiências pelo mundo afora e no Brasil, e consiste em reciprocidades baseadas em uma moeda contábil, ou simbólica, que pode ser representada por horas de trabalho. A diferença é que não se paga juros aos bancos, o que torna tudo mais barato, e facilita as trocas, ao se tirar os intermediários de cena. No caso mencionado no *Roda Viva*, trabalham com pouco dinheiro oficial (reais), e com muito dinheiro equivalente (cards), em que um grupo que realiza um show apoiado no esforço de organização de outro, por exemplo, passa a assegurar uma contribuição correspondente em reciprocidade em outro local ou cidade, expressa em cards, mas sem necessidade de dinheiro. Assim, o pouco dinheiro que arrecadam em reais tem efeitos multiplicadores dezenas de vezes superior. O sistema tem toda lógica em economia, mas não entra na lógica de quem não está familiarizado, e fica à procura de dinheiro escondido. O Brasil aliás já tem 103 bancos comunitários, que emitem moedas alternativas, processo autorizado pelo Banco Central, e que deveria ser do conhecimento elementar na cultura de jornalistas. O Banco Palmas, com a sua moeda “palma”, comemorou há meses os seus 15 anos, a USP publicou um livro comemorativo com pesquisas sobre o funcionamento desta forma de organização econômica (veja o livro em <http://dowbor.org/livros-em-colaboracao/>).

No mesmo *O Globo*, em 11 de setembro o jornalista especializado em variedades Artur Xexéo ⁴²comparava quantitativamente o teor democrático de dois veículos:

Ninguém duvida de que há exageros da polícia. E nem precisa acompanhar o Mídia Ninja para constatar isso. Basta ver o Jornal Nacional mesmo. Como há mais brasileiros com acesso à TV (93,7% dos lares do país têm um aparelho) do que com acesso à internet (30,7%), o Jornal Nacional é muito mais democrático

42 <http://moglibo.globo.com/blogs/blog.asp?blg=xexeo>

do que a Mídia Ninja.

Transmissões acompanhadas das redações dos jornais

Posicionamentos a favor também se verificaram, entre outros, dos jornalistas Alberto Dines e Luciano Martins Costa, no Observatório da Imprensa, os colunistas Francisco Bosco e José Miguel Wisnik, em *O Globo*, Luis Nassif, de Dinheiro Vivo e Eliane Brum, então da revista *Época*.

Caetano Veloso também escreveu em sua coluna dominical em *O Globo* no dia 21 de julho. Mais à frente, Veloso protagonizaria outro episódio polêmico durante visita aos ninjas no Rio, deixando-se fotografar como um *black bloc*, depois afirmando que não autorizara a publicação da foto, entretanto postada por sua empresária em seu *twitter* e em seguida retirada⁴³:

As imagens da ninja eram puro expressionismo abstrato, com fragmentos sucessivos de objetos inidentificáveis captados em meio a algum movimento — embora o som fosse claro e inteligível. A pessoa que segurava a câmera comentava o que via. A truculência da polícia, sua covardia, era sublinhada. Fui para a ninja. A imagem era mil vezes melhor. O câmera-narrador também frisava que a polícia atacara sem muita razão para isso. Era bastante bonito porque o jeito desse narrador era o de um partícipe, não o de um repórter externo ao ato ou isento. Sentia-se o gosto da aventura. Tudo muito juvenil. Ao lado das imagens corriam posts curtos com perguntas, encorajamentos e observações. “Bombinha de São João. Nada comparado às bombas deles”. Uma moça se aproxima e diz, emocionada: “prenderam o Rafuco”. Ao que o câmera e seus próximos reagem com preocupação. Logo vejo nos posts que o nome se escreve Rafucko: todas as pessoas que postam o conhecem. Uma se oferece para consolá-lo. Imagino que seja o Cohn-Bendit de 2013. Todos decidem ir para a 14ª DP, para onde Rafucko tinha sido levado. Na porta, em meio à confusão, um pai que veio buscar o filho que fora preso diz que há manipulação política e que Garotinho está por trás da incitação à baderna.

No dia 17 de agosto o músico e professor de literatura brasileira da USP José Miguel Wisnik, escreveu em *O Globo*:⁴⁴

No Roda Viva, Bruno e Capilé foram sabatinados no sentido de se desmascarar a sua possível recaída em interesses político-partidários disfarçados e em camuflados interesses econômicos de sempre. Como se saíram muito bem (tenho uma crença renitente no valor ético da fala pronta, franca, transparente e concre-

43 <http://oglobo.globo.com/cultura/slogans-9110915#ixzz2ZhTHq4Ko>

44 <http://oglobo.globo.com/cultura/midia-ninja-9586115>

tamente inovadora), num programa nacional de grande audiência em TV aberta, parece que se tornou irresistível tentar anular a originalidade da sua presença por meios enviesados e obscuros, que se comprazem em sabotar a simples possibilidade de relações novas. Que estão aí para ser discutidas e experimentadas.

Luciano Martins Costa, no dia 23 de julho refere-se, em artigo no Observatório da Imprensa⁴⁵ às manifestações durante a visita do Papa ao Rio, cobertas pelos dois jornais paulista e o carioca, afirmando que o leitor terá um quadro mais ou menos coerente se ler os três diários e também observar os vídeos da Mídia Ninja. Chama a atenção para o fato de que as transmissões do coletivo também eram acompanhadas pelos jornalistas nas redações:

Como tem ocorrido há semanas, o grupo de jornalistas independentes é a principal fonte de informações diretas dos protestos. As grandes emissoras de televisão, hostilizadas pelos manifestantes, só conseguem imagens tomadas de helicópteros ou do alto de edifícios, e eventualmente colocam repórteres no meio da multidão, munidos de telefones com câmeras, para fazer registros, mas eles têm dificuldade de descrever as cenas, para não correrem o risco de serem identificados.

O crescimento da audiência do Mídia Ninja, cujas transmissões são agora acompanhadas nas redações dos jornais, começa a chamar a atenção de autoridades e da mídia tradicional. Essa provavelmente é a razão pela qual, durante os incidentes no Rio, a polícia estava especialmente interessada em tirá-los de circulação. Felipe Peçanha e Filipe Gonçalves, membros do núcleo fundador do grupo alternativo, foram detidos e acusados de incitar a violência.

Interessante observar como esse fenômeno de comunicação cresce e se consolida sob a estrutura orgânica das manifestações, transformando-se rapidamente em uma forma eficiente de mídia, sem editores nem hierarquia visível, ao ponto de servir de fonte para muitos jornalistas e ser considerada como uma ameaça pela polícia. Pode-se notar, também, que sua existência começa a perturbar a mídia tradicional.

Na edição do Globo de terça-feira (23), um artigo tenta vincular a Mídia Ninja ao Partido dos Trabalhadores, ao insinuar que a organização que lhe deu origem, o grupo de ativismo cultural denominado Fora do Eixo, seria “uma ferramenta de articulação político-partidária”.

Quando a imprensa apela para a maledicência, é porque se sente incomodada.

Luciano Costa também acentuou, em artigo de 19 de agosto, as fortes evidências de uma estratégia comum nas iniciativas de “algumas das mais prestigio-

45 http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/a_maledicencia_como_estrategia

sas cabeças da imprensa” numa operação articulada com o objetivo de desmoralizar o FdE.⁴⁶

O jornalista e blogueiro Luis Nassif, em 10 de agosto, escrevia⁴⁷:

O Brasil sempre enfrentou enormes barreiras para aceitar mudanças de paradigmas. Há uma intolerância exacerbada que quase sempre deságua na fulanização e nos julgamentos pessoais.

Nos portais de jornais e nas redes sociais explodiu um amplo processo de desconstrução, brandido à esquerda e à direita, deixando para segundo plano o essencial: a análise e a celebração das novas práticas, dos novos modos de produção abrindo um horizonte até então inimaginável, graças ao conceito de rede social.

A reação da direita deveu-se ao caráter coletivista de ambas as experiências. Nos dois casos, são comunidades trabalhando de forma articulada, em cima de modelos de atuação claros – porém impensáveis para quem só entende o trabalho a partir do modelo de chefia-subordinados-tarefas com horário e funções determinadas.

Para dinossauros da direita, todo trabalho coletivo é socialista e contra os meios de produção e de mercado. Vem daí sua resistência.

A resistência da esquerda é em direção contrária. O grupo é coletivista, sim, mas trabalha de acordo com leis de mercado.

O ensaísta Francisco Bosco escreveu em sua coluna de *O Globo*, no dia 13 de agosto:⁴⁸

(...) observo que, para mim, o essencial sobre o FdE se resume a isso: entra quem quiser, ninguém é obrigado. Há críticas interessantes que foram feitas (o produtivismo desenfreado em contradição com a crítica ao capitalismo, a desmonetização como uma mais-valia às avessas, a concentração da obtenção de editais), mas é fundamental jogar o jogo da crítica e, nesse momento rico em aberturas, manter a independência de pensamento, recusar os julgamentos apressados, distinguir crítica de denúncia e não se deixar levar pelos mecanismos imaginários de reversão — que transformam a admiração em inveja, a generosidade em vingança — principalmente se eles forem disparados por uma mobilização grupal, com a covardia que isso implica. Caso contrário, os acusadores assemelhar-se-ão realmente aos seus acusados imaginários.

46 http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/o_linchamento_da_midia_ninja

47 <http://jornalgn.com.br/blog/luisnassif/fora-do-eixo-obstaculos-brasileiros-ao-aparecimento-do-novo>

48 <http://oglobo.globo.com/cultura/acusados-acusadores-9509047>

A jornalista Eliane Brum,⁴⁹ em coluna na revista *Época* afirma que a crise é de hegemonia, e "terá mais chance de se reinventar quem aceitar que as narrativas agora se dão em múltiplos espaços".

Destaca, ainda, que o debate colocado pelos ninjas já se dava nas redações há muito.

A Mídia Ninja colocou no centro um debate sobre jornalismo que até então fluía nas bordas. Esse debate é anterior a ela. É travado por vários protagonistas, individuais e coletivos, inclusive dentro das redações da imprensa tradicional. Ao tornar-se visível nas manifestações de junho, destaque na imprensa brasileira e internacional, a Mídia Ninja o tornou visível. Esse talvez seja o seu maior mérito.

(...) As batalhas foram e são travadas dentro e fora das redações, num embate necessário entre visões de mundo. Dentro das redações sempre existiram focos de discordância da posição editorial do veículo – e eram melhores os veículos em que essa disputa se dava como parte do cotidiano. Outros espaços foram criados para transformar em acontecimentos as pessoas, os fatos e as denúncias ignorados pela imprensa tradicional, como ocorreu na época da ditadura militar com a imprensa alternativa.

Mas o maior mérito da Mídia Ninja é mesmo o de ter se lançado às ruas, protagonizando tanto os debates sobre jornalismo quanto sobre ativismo. E colocando em cena uma nova arma: os celulares.

49 <http://epoca.globo.com/colunas-e-blogs/eliane-brum/noticia/2013/08/bheroisb-e-bviloesb-nao-cabem-na-reportagem.html>

Capítulo VI

Quando o celular é uma arma

A trajetória da Mídia Ninja sacudiu algumas estruturas, irrompeu – como as manifestações de rua, ausentes há tanto tempo – foi rastilho, reflexo e consequência de tempos de alta tecnologia e dos contrastes entre uma indústria da comunicação ainda com mentalidade analógica, embora utilizando instrumentos da era digital.

São tempos velozes, sabemos. Em poucos meses, a Mídia Ninja protagonizou acontecimentos inéditos (apareceu no Jornal Nacional), inesperados (por exemplo, a oferta de uma entrevista exclusiva com o prefeito do Rio), alguns inimagináveis (a Record News retransmitiu ao vivo o sinal da Mídia Ninja em junho e a Globo News parece ter se inspirado na MN em algumas transmissões feitas com celulares).

Entre julho e agosto de 2013 houve ocupações, em diversas cidades do país – de câmaras, assembleias legislativas, prefeituras, praças. A partir de agosto tem visibilidade a tática dos *black blocs* e se inicia nova polêmica num tema que muitas vezes identificou a grande mídia e seus críticos, além de setores de esquerda e direita.

Vários ninjas foram agredidos e presos pelo país, fazendo parte do contingente de jornalistas de inúmeras mídias, tradicionais e/ou alternativas, igualmente reprimidos. A Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) analisou 113 casos de agressão contra jornalistas ocorridos nos protestos de 2013 e concluiu que, em 70 deles, o ataque foi deliberado. Ou seja, ataques realizados a despeito da identificação das vítimas como profissionais da imprensa.

Do total de 70 ataques deliberados, forças de segurança protagonizaram o correspondente a 78,6% episódios. São Paulo e Rio foram as cidades com maior número de casos de agressão deliberada. Em São Paulo, de acordo com a Abraji, as agressões se concentraram no dia 13 de junho, quando houve 14 ataques propositais (todos de autoria da Polícia Militar).

No dia 30 de junho a Record News retransmitiu ao vivo o sinal da POSTV. No dia 22 de julho, dois ninjas ficaram detidos durante horas no Rio de Janeiro por “incitação à violência”. No dia 23 de julho, o Jornal Nacional da TV Globo exibiu cenas gravadas pela mídia digital independente que contribuíram para inocentar o manifestante Bruno Teles, denunciado por tentativa de homicídio, acusado de lançar coquetéis molotov contra policiais. O processo foi arquivado.

Em 7 de setembro, a Mídia Ninja coletou e produziu informações de diversas manifestações pelo país. Foram mais de dez cidades com produção em tempo real. No mesmo dia 7 de setembro a Globo News colocou nas ruas um jovem re-

pórter transmitindo via celular, o que provocou um sério incidente, veremos mais à frente. E ainda, num episódio ocorrido na Praça da Sé, em SP, questões éticas foram levantadas na página ninja no Facebook.

Vamos por partes.

Se você queria acompanhar a manifestação de 11 de julho nas imediações do Palácio das Laranjeiras, no Rio de Janeiro, só mesmo pela internet. Nem mesmo a Globo News estava lá. No dia seguinte, a exemplo do canal aberto do grupo, exibiria apenas um compacto de cenas de manifestantes atirando pedras e rojões, e o apresentador aproveitaria para convocar o assinante a enviar imagens das manifestações para o site.

Assinalou a professora Sylvia Debossan Moretzsohn no Observatório da Imprensa:⁵⁰

Fora do circuito tradicional, a Mídia Ninja conseguiu, mais uma vez, dar um quadro amplo do que ocorria, com sua câmera nervosa e a imagem frequentemente precária, dependente da qualidade da conexão, além das interrupções inevitáveis para a recarga do equipamento. Ainda assim, transmitiu o protesto diante do palácio, com suas múltiplas palavras de ordem – inclusive uma que apelava ao humor e perguntava: “Cabral, cadê você/a polícia está aqui pra te prender”; documentou a invasão da clínica Pinheiro Machado, que se transformou “numa câmara de gás”; mostrou policiais atirando para o alto dos prédios, nas imediações da Praça São Salvador – o que, longe de configurar o sempre lamentado “despreparo” da polícia, revelaria uma atitude deliberada de intimidar quem, da janela de seus apartamentos, apoiava o protesto batendo painéis e filmando a ação repressiva; exibiu as cenas deprimentes de jovens deitados no chão, cercados na Senador Corrêa, uma rua estreita transversal à praça, para depois serem levados em um ônibus à delegacia – e o coro que denunciava “estão plantando prova, estão plantando prova!”. Ofereceu, enfim, o mais amplo testemunho dos acontecimentos daquela noite. Ao mesmo tempo, permitiu perceber aspectos periféricos mas nem por isso menos importantes do que se pode obter numa cobertura desse tipo, digna dos melhores tempos da reportagem de rua.

Coletiva inesperada

No dia 19 de julho, depois de serem barrados na coletiva do governador Sergio Cabral, os ninjas receberam a oferta de entrevista com o prefeito Eduardo Paes. A entrevista ultrapassou uma hora e meia, e a Mídia Ninja publicou em sua página no Facebook:

50 http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/a_midia_ninja_ataca_outra_vez

PÓS PAES

Com certo alívio, e muita indignação, encerramos nosso round com Eduardo Paes. Não foi fácil. E isso não foi exatamente uma surpresa. Longe disso: fomos longamente prevenidos.

De um lado, um profissional da política, debates e entrevistas. Particularmente hábil e bem treinado na conveniente arte de tergiversar.

Do outro, uma rede de jornalismo independente que está organicamente, em fluxo, buscando sua estrutura editorial.

Por isso, recebemos tranquilos as críticas – e as trolagens – que pipocaram na rede nas últimas horas.

Mas não podemos receber de forma tranquila a postura demagógica e insensível do prefeito diante de temas tão inflamáveis para cariocas – e brasileiros, no fundo.

Aqui, não queremos oferecer desculpas, mas contexto.

Depois do bloqueio à nossa equipe na coletiva de Sérgio Cabral, no começo da tarde chegou a nós a oferta de uma entrevista com o prefeito do Rio de Janeiro. Poucas horas antes de sua disponibilidade.

Duas opções apenas: topar ou não.

Há muitas e cruciais diferenças entre cobrir a rua, a ação dos protestos e encarar um ensaboado governante, tete-à-tete, por mais de uma hora. Mas há uma semelhança que, para nós, determinou a decisão: sejam tropas de PMs violentos ou prefeitos de metrópoles chamando para o ringue, são desafios colocados diante de nós.

Negar, nesse caso, não seria cautela ou sabedoria. Nem covardia, diga-se. Mas simplesmente fugir de uma certeza clara em nossa rede...

É no processo, na experiência, na transparência, no teste real, ao vivo e sem cortes, que estamos avançando. Construindo nossa base de público e equipe. E pensando, com os muitos erros e acertos, em como entregar um jornalismo cada vez mais próximo da enorme confiança e expectativa que tanta gente deposita na Mídia NINJA.

Assim, independente do julgamento imediato que se faça sobre a entrevista, estamos no fundo felizes com o resultado.

Não pelas respostas longas e enfiadas de Paes. Nem por nossa performance. Mas pelas perguntas importantes que estão já sendo levantadas depois de nossa difícil hora no gabinete do prefeito.

Há muita discussão que precisa começar a partir dessa experiência de jornalismo de baixa resolução e alta fidelidade. E há, sobretudo, muitas frases, declarações e informações passadas por Eduardo Paes que merecem escrutínio e investigação. E é sobre elas que vamos nos debruçar nos próximos dias. Estamos certos de uma coisa: essa entrevista está longe de acabar.

Em frente!

PS: Segunda feira, aliás, tem reunião aberta da Mídia Ninja no Rio. Quem quer conversar?

As críticas à entrevista variaram desde “uma coisa é ir atrás da notícia, outra é a notícia cair no nosso colo, ainda mais embrulhada em papel de presente”, até a inexperience dos entrevistadores. Outros objetaram que isso acontece mesmo com repórteres profissionais da mídia tradicional e precisariam ser setoristas – algo que praticamente não existe mais – para estarem informados sobre os números e a cobertura dos assuntos da cidade.

Tratou-se, sem dúvida, de outro ponto alto da curtíssima carreira até então dos ninjas – uma exclusiva conferia credibilidade ao coletivo, mas também marcava pontos a favor do político.

O jornal *Valor Econômico*⁵¹ – uma parceria entre os grupos Globo e Folha –, deu destaque à entrevista “pontuada por gírias e uma descontração raramente vistas em entrevistas com políticos, durou cerca de 1h30 e foi transmitida ao vivo pela internet”. O *lead* destacava que o prefeito “disse que vai antecipar a revisão das planilhas das empresas de transporte da capital fluminense – prevista, segundo ele, para 2015 – e reiterou que os cofres da prefeitura não vão subsidiar a redução das tarifas do transporte público.”

O caso Bruno Teles

Outro ponto importante para a Mídia Ninja foi o episódio de 22 de julho de 2013, bastante agitado no centro do Rio de Janeiro. No mesmo dia em que dois ninjas que cobriam os protestos na sede do governo do Rio, o Palácio Guanabara, Felipe Peçanha e Filipe Gonçalves eram presos, o estudante Bruno Ferreira Teles também foi preso pela PM, acusado de arremessar coquetel molotov contra a barreira de policiais.

Streamings demonstraram a inocência do rapaz, e o vídeo da Mídia Ninja foi parar no Jornal Nacional, em matéria de 5m49s.⁵² A PM carioca havia divulgado em seu *twitter* oficial a apreensão de 20 coquetéis molotov em posse de um manifestante. Já a Polícia Civil falou em 11. Na mesma nota, a Polícia Civil afirmava textualmente que Bruno Ferreira Teles era o único preso por portar artefato explosivo. Na manhã seguinte, a Polícia Militar, em nota oficial reafirmou a apreensão de 20 coquetéis molotov com um dos presos.

O juiz do plantão negou o pedido relaxamento da prisão em flagrante de Bruno, e no dia seguinte os advogados do estudante conseguiram um habeas corpus
51 <http://www.valor.com.br/politica/3205098/em-entrevista-ao-ninja-paes-fala-de-transporte-publico-papa-e-copa#ixzz2qTfowEKG>
52 <http://www.youtube.com/watch?v=tu9OP7MJUWY>

pus.⁵³

Em entrevista à autora o ninja Filipe Gonçalves contou que, quando foi preso, “lá dentro estava o Bruno, acusado de ter uma mochila com coquetel molotov, e mais outros dois detidos por formação de quadrilha, Bruno por tentativa de homicídio. Mas eu sabia que ele não tinha mochila, porque fiquei muito tempo do lado dele e me chamou a atenção porque estava gritando muito com policiais “eu não vim mascarado, venho de cara limpa”.

“Depois foi show de horrores das imagens da prisão dele”, contou Filipe.” A primeira mídia fomos nós, a segunda foi o *New York Times*, que mostrou detalhadamente nossos vídeos em ordem cronológica.”

Filipe lembra que “na primeira matéria que a Globo fez dessa manifestação em que o Bruno foi preso, eles disseram que manifestantes atiraram coquetel molotov, exibindo uma enxurrada de imagens. Depois o Jornal Nacional e todos os jornais da Globo foram obrigados a falar o contrário. Passaram matérias de nós dois saindo da delegacia, pulverizaram pelos jornais deles. Em nenhum momento falaram sobre o formato da Mídia Ninja, apenas citaram o nome, não o que era...”

Em julho, os ninjas diziam na sua página: “Conseguimos evidenciar, depois de uma série de inserções em tempo real, a forma como eram conduzidas as ações de rua pela PM do Rio. A visibilidade e a relevância que os canais independentes vêm adquirindo é a principal conquista sólida dos movimentos, fundamental para que consigamos revelar o que tanto tenta se esconder”. #SomosTodos NINJAS

Naquela madrugada, no ar, um ninja pediu comida ao vivo e foi atendido: um pós-telespectador saiu de casa, passou na padaria, comprou comida e levou para frente do fórum.

“Quem estiver usando celular vai ser preso”

No dia 22 de julho o *twitter* da Polícia Militar do Rio de Janeiro assim explicava as razões da prisão dos Ninjas Felipe Peçanha e Filipe Gonçalves.⁵⁴

“Foram presos por incitar violência dois manifestantes que transmitiam ao vivo as manifestações”. (sic).

Filipe Gonçalves me contou que, no início do confronto, naquele dia, ele se refugiou dentro das Lojas Americanas e se perdeu de um grupo que foi para o Largo do Machado. Ficou vinte minutos lá dentro.

“Quando eu saí da loja – a gente tem um grupo orientando da base – corta desse canal e abre em outro, bateria acabando etc. – recebi informação que o

53 <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/07/inquerito-diz-que-manifestante-preso-no-rio-nao-portava-coquetel-molotov.html>

54 <http://www.youtube.com/watch?v=aDO6tr6kgAk>
<http://www.youtube.com/watch?v=k1wQHxFTEZM>

Carioca estava sendo preso, levado para o 9.o DP. Corri pro Largo do Machado, o carro da polícia estava saindo com ele dentro. Eu fiquei filmando na delegacia. Questionei dois ou três policiais sobre o motivo da prisão e ninguém falava.

Filipe parou na porta, “porque um policial civil disse que não poderia filmar na dentro. Ao lado estava um cinegrafista da Record. Daí ouvi, atrás de mim, um policial (que veio a me prender mais tarde) dizendo: “Boa noite senhor, ele está aqui, quer que leve pra dentro?” Comecei a perceber que ele estava falando de mim, mas não dei muita atenção. Tinha um casal na porta, do lado do policial e a menina segurou no meu braço e disse: “Vamos sair daqui porque eles querem te prender”.

Quando ela terminou de falar, o policial segurou no braço de Filipe “e falou que eu estava incitando a violência. Eu disse: “não estou incitando a violência, tô filmando”.

O policial afirmou: “Você pode me acompanhar até a delegacia para averiguação porque eu quero verificar seus antecedentes criminais”.

Filipe concordou, virou as costas e entrou na delegacia. “Aí ele disse que eu dei as costas para ele e poderia me prender por desacato à autoridade. Eu respondi que dei as costas pra entrar, não por desacato. Vi outro policial também à paisana falando no celular: “É pra acabar com a brincadeira? Eu vou acabar com essa história então”.

Foi quando o policial “meteu a mão no meu celular e tentou tirar. Nessa hora o outro policial e mais dois me agarraram, eram quatro tentando tirar meu celular. Vi o Bruno Torturra entrando na delegacia, e tirando foto do que acontecia. Quando vi que ele tinha feito as imagens eu travei meu celular e soltei”.

Libera ninja!

“Libera Ninja! Libera Ninja!” Gritavam os (muitos) manifestantes na hora da prisão de Felipe Peçanha. E na porta da 9ª DP, no Catete:

“Olé olé olé olá Ninja Ninja!”.

“Carioca é meu amigo, mexeu com ele mexeu comigo!”.

“Uh na moral, Mídia Ninja é o canal”.⁵⁵

Quando foi liberado, Filipe Peçanha falou pelo megafone e a multidão repetia suas frases, para que todos ouvissem, na eterna forma de comunicação em movimentos de massa.

“Hoje, num exemplo claro de censura (...) a PM do Estado do Rio agiu com inteligência para trazer eu e uma série de repórteres da ação midialivrista, sem o menor indício de qualquer tipo de irregularidade. A Mídia Ninja foi impedida de transmitir ao vivo. Esse é um exemplo claro de ditadura velada no Brasil.

55 <https://soundcloud.com/midia-ninja/ringtone-ninja>

Aqui dentro tem mais dez pessoas, entre elas ninjas também, e acho que a gente tem de sair daqui quando todos saírem.”

Em uma era de crise de representatividade, a toda hora, naqueles momentos e em outros, nas transmissões, ouvia-se: “Mídia Ninja me representa”.

A pressão dos manifestantes, que não arredaram pé da porta da delegacia, suas palavras de ordem e seus smartphones devem ter sido cruciais para a libertação dos detidos.

Ainda no Facebook, em sua página, Vito Gianotti, do Núcleo Piratininga de Comunicação, um ativista da geração 68 comemorava: “Tive uma profunda alegria, frente à 9ª Delegacia, a do Catete, um bando de jovens, exigindo a libertação dos últimos presos na manifestação gritavam palavras de ordem que a Globo nunca vai deixar ouvir. Vejam que beleza: a 1ª a clássica “o povo não é bobo fora a rede Globo”. A 2ª, maravilhosa “A verdade é dura, a Rede Globo apoiou a Ditadura”. A 3ª “Mídia fascista, sensacionalista” e a 4ª, politicamente nem tão correta, mas expressiva: “Ei!”! Globo, vá tomar no...”. Lavei minha alma. Algo mudou, na anestesia geral dos anos 1990 e 2000”.

Algo mudou também no jornalismo. No final do vídeo da prisão do repórter Filipe Gonçalves, já quase sem imagens, ouvi-se nitidamente um policial ameaçar: “Quem estiver usando celular vai ser preso!”

Então é isso: não é mais a pena, não são mais as teclas das máquinas mecânicas, nem mesmo as dos computadores de mesa. As novas armas da informação são as teclas do celular e sua câmera. É mais. Diz Filipe Peçanha: “não é uma câmera, um repórter. É uma rede. Podem até derrubar um. E assim surgem outros mil”.

O 7 de setembro e o tiro no chão

Na página Ninja, após a cobertura de acontecimentos do feriado nacional em dez cidades, em tempo real, um balanço afirmava:

A Globo chegou a noticiar as manifestações de 7 de setembro como algo pífio, algo porque não teve a mesma mobilização de junho. E essa foi a impressão que passou pra todo mundo que não acompanha a mídia independente. Pelas nossas redes – digo de novo não foi só a Mídia Ninja –, a gente vê o quão truculenta foi a repressão”.

Antes de começar o dia de ontem, havia uma incerteza/angústia, um medo colocado quanto ao significado do dia 7 de Setembro. Uns falavam em golpe comunista, outros em militar. A grande imprensa ressaltava o risco da alta tensão nas ruas, prevendo catastróficas ações de vândalos. Criaram o imaginário de que mascarados são bandidos.

Mas depois do dia de ontem, o que se viu em várias cidades foram pessoas sendo presas arbitrariamente, com máscaras e câmeras, em manifestações pacíficas. Truculência, conduta imoral, violenta e debochada. A repressão ocupa o lugar da liberdade de expressão e deixa claro.

A farda é a principal máscara desse país, onde o Estado trabalha para legitimar a violência, pela mídia comercial, e propagar o medo.

No 7 de setembro, na Praça da Sé, os ninjas assim transmitiam uma notícia:

ARMA DE VERDADE

Soldado da Polícia Militar de São Paulo corre entre manifestantes na Sé e dispara com arma de fogo.

Nesse momento, estilhaços atingiram o rosto do fotógrafo Tércio Teixeira, que teve que ser resgatado pelo carro da TV cultura para ser retirado do local.

Os confrontos continuam, acompanhe ao vivo:

www.twitcasting.tv/midianinja

www.twitcasting.tv/peixeninjas

www.twitcasting.tv/midianinjapavi

www.twitcasting.tv/cidadaokainesp

A cena também foi transmitida pela TV Bandeirantes e comentada por várias pessoas na página da Mídia Ninja do Facebook.⁵⁶

Tita Dias Eu assisti a cena ao vivo inteira. O PM em sua moto sozinho foi cercado e derrubado da mesma. Acuado fugiu e foi perseguido por uma galera. Atirava pro chão pra impedir de ser linchado. Foi tenso também.

Marcos Affonso Dos Santos O PM disparou pro chão, foi um estilhaço que atingiu o rosto do repórter, do jeito que vocês escrevem parece que o PM deu um tiro na cara da pessoa.

Junior Moreira Parabéns pela lucidez do comentário. A manchete usa as mesmas táticas da mídia “oficial” (sic), distorce a verdade.

Marcelo Kremer concordo com Marcos. SEM CHAMADA SENSACIONALISTA. QUEREMOS A VERDADE AO PÉ DA LETRA

Beatriz Merchel “O uso do tiro somente está previsto em caso de “legítima defesa própria ou de terceiro contra perigo iminente de morte ou lesão grave”” Portaria n° 4.226, de 31 de dezembro de 2010.

Beatriz Merchel atenção ao penúltimo item: “Os chamados “disparos de

advertência” não são considerados prática aceitável em razão da imprevisibilidade de seus efeitos.” eu entendo por isso que não pode atirar para o chão também

Tom Lima Filho Não entendi quando disseram que a postagem foi distorcida. Ela diz claramente que um fotógrafo foi atingido por estilhaços de uma munição letal. Onde vocês vêem manipulação de notícia? Onde está o sensacionalismo? Não captei.

Beatriz Merchel E mesmo que o mídia ninja tenha cometido um equívoco, a diferença é que aqui vc pode contestar, complementar e discutir as informações. Na mídia formal só há a via de transmissão da mídia para o ouvinte passivo, em geral.

Roberto Leopoldino Esse policial estava acuado, pois derrubaram sua moto e o estavam cercando. Foi transmitido ao vivo pela band e ele não mirou em ninguém, atirou somente pro chão para poder fugir e não ser linchado. Apoio vocês, mas não sejam injustos. Desinformação gera somente ódio sem propósito.

Thiago Simioni apoio vcs... mas neste caso estão fazendo aquilo que a mídia faz, ou seja, manipulando as informações. ele se defendeu pq estava praticamente ferrado ali... passou ao vivo essa cena.... pensei tbm no desespero desse pm. nao se esqueçam que por mais lixo que alguém pode ser, ainda assim essa pessoa sente alguma coisa, seja odio, desespero e etc...

Yannick Teruel Não sou a favor do fato de ele ter sacado a arma de fogo, porém, ele estava sozinho e os manifestantes estavam querendo pegá-lo! Nesse caso, ele estava fugindo, e, só disparou para o chão para que pudesse correr.. Quem assistiu o bosta do Datena sabe que nesse caso, o policial não teve culpa, ao contrário da maioria dos casos em que eles foram os responsáveis por criar o tumulto todo..

Débora Lopes Aprendendo direitinho com a Globo, manipulando informação!!!

O jornalista Luciano Martins Costa também percebeu um problema nesta notícia:⁵⁷

Claramente, o policial foi atacado, procurou se defender do linchamento e agiu de maneira eficiente para deixar a zona de risco e buscar abrigo, sem produzir ainda mais violência.

Interessante observar que cinegrafistas da Mídia Ninja atuavam como repórteres a serviço dos black bloc. No episódio em que o policial foi atacado pelos militantes, o jornalista ninja tomou claramente uma posição favorável aos agressores, o que impõe um problema ao coletivo de midiativistas: ao buscar a

57 http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/o_fim_da_inocencia_nas_ruas

compreensão desse movimento, correm o risco de oferecer justificativas para atos arbitrários injustificáveis.

Óticas de aprimoramento

Entrevistei o ninja Felipe Peçanha sobre o caso. Ele estava na coordenação da página, no Rio de Janeiro quando a notícia saiu.

Filipe: Editamos e entendemos que o uso de armas letais pela polícia tinha ferido o fotógrafo, que depois perdeu o olho. Havia cinco pessoas coordenando a narrativa nacional no Rio e mais cinco em SP.

Pergunta: O que se estranha é que não está a notícia completa.

Filipe: Talvez nos falte um aprimoramento posterior da informação, mas ali na hora, quem está fazendo esse primeiro post é quem está na rua. Tentamos não nos comprometer com algo equivocado, o máximo de informação que a gente tem na hora, e pra dar vazão à imagem em si, temos essa urgência de postar em tempo real, afirmou Filipe.

Pergunta: Há reclamações na página de vocês, porque não deram o que aconteceu antes, só uma parcialidade contra o policial, mas não foram contra os agressores.

Filipe: Acho difícil ter um posicionamento diferente do que foi colocado... Há um PM que corre entre os manifestantes e dispara com arma de fogo.

Pergunta: Mas ele corre, fugindo das pessoas.

Filipe: Mas com arma de fogo. Nosso processo é em fluxo. Acho que aqui o principal não é nem a parcialidade. Mais do que mencionar a causa disso, essa é nossa parcialidade, a gente luta contra a forma como está sendo conduzida a repressão nas manifestações. O fato de ter um policial armado que dá sete disparos em direção ao chão é o mais importante a ser noticiado do que aquilo que resultou nesse tipo de coisa.

O ninja Felipe Gonçalves também entende que a intenção do post foi dizer que um soldado sacou arma de fogo e fez um disparo que feriu alguém. “Eu já fui militar e sei bem que não se dá tiro para o chão, alerta é tiro para cima”.

Felipe Peçanha afirma que os ninjas perseguem duas óticas de aprimoramento:

“Primeiro, com relação à dosagem entre velocidade e cautela da apuração do que está sendo publicado. Maior apuração talvez até pudesse conter a origem do fato. É um processo em fluxo, em constante aprimoramento, temos processo de

reflexão em tudo que está sendo colocado, um processo interativo também, e a nós cabe avançar dentro do que está sendo discutido. Cautela na hora de cruzar com a velocidade, não acho que é comprometedor, não acho que esse post é algo que nos coloca junto à grande imprensa. Confio muito nos repórteres em campo”.

Peçanha fala sobre dois passos em relação ao aprimoramento: “O primeiro passo foi dar visibilidade ao movimento, já vinha sendo dado há tempo, não só o Ninja, é um passo conjunto dos coletivos de mídia no país. O segundo passo é a meta de garantir solidez, tanto de um aprimoramento das informações como constância e presença em maior parte de cidades possível.”

Segundo Felipe Peçanha, cobranças sobre a qualidade de conteúdo continuarão:

Não à toa sua primeira pergunta foi sobre isso. A gente sabe o incômodo que pode causar às estruturas de poder o nosso trabalho e o de várias outras redes independentes de midialivrismo local, isso é inerente, o combate a essas iniciativas. Hoje enfrentamos um processo de aprimoramento do conteúdo, que é conseguir qualificar ao máximo o que produz, em nível de informação, documento, denúncia, em nível de conseguir ganhar o maior espaço possível para o que esses comunicadores independentes estão fazendo.

Cada vez mais nos conectamos a outros parceiros, jornalistas, coletivos, pessoas que têm visões completamente opostas, para justamente entender o momento presente do país, que é muito complexo.

Temos sido porta-vozes não dos movimentos que estão na rua, mas de uma conjuntura. Pessoas que não estão dentro do processo querem saber, entender o que se passa nas ruas do Brasil depois desses três meses. E a gente estar dentro desse furacão, tem a opinião ouvida,

E o reconhecimento de um vídeo que pôde ser exibido num jornal tão tradicional quanto o JN da Globo, nossa prisão, meu depoimento e o principal foi o pedido do Bruno Teles, até então acusado de atirar molotov contra os policiais pedindo para que os midialivristas, para quem produziu conteúdo, mandassem material para o Ninja e comprovassem a inocência dele. “Estou na delegacia, sou inocente, vocês que estão assistindo, etc.,” Esse vídeo que gravamos no celular – não transmitimos – dentro da delegacia, foi veiculado pelo JN.

E a potência da comunicação independente, que em poucas horas, de maneira autônoma, consegue provar um fato através da junção de vários conteúdos espalhados – grande parte não era do Ninja, 99% não eram – mas a Mídia Ninja funcionando com catalisador e disparador para fazer essas conexões.

Esse dia foi simbólico, conseguir provar a inocência do rapaz, nessa pega-da de notícia em tempo real pelo G1 dado como flagrante, uma mochila com 20

explosivos que estaria com ele. Depois, nos documentos oficiais, não havia registro que ele teria chegado à DP com explosivos. Foi um erro grande de apuração, mais tendencioso que erro, dadas as estruturas que a Globo tem.

Ninjas na TV por assinatura

A primeira aparição foi dia 1 de agosto, durante manifestação em que houve depredação de agências bancárias na avenida Paulista, em São Paulo, pelos black blocs. A Globo News utilizou uma parte do modelo Ninja, ou seja, imagens via celular. Pelo que se sabe, os “ninjas” da Globo iam a campo e faziam conexão via Skype com a base, que emitia sinal para transmissão pela TV. Na maioria das vezes, eles não narravam. Os comentários eram dos âncoras no estúdios, e geralmente havia um desencontro entre imagem e narração.

A portabilidade é a maior vantagem do esquema, os repórteres são discretos na multidão, não são reconhecidos, estão “infiltrados”, como brinca o pessoal da Mídia Ninja. Mas não se trata de uma transmissão dentro da internet, não há interação. Permanece uma tecnologia digital em discurso analógico.

No dia 7 de setembro, uma cobertura no Rio foi atravessada novamente por filmagens neste modelo feitas pela Globo News, com comentários ao vivo.

Quando o jovem repórter global Julio Molica foi identificado na manifestação, começou a ser agredido por *black blocs* que gritavam e xingavam “A verdade é dura, a Globo apoiou a ditadura”. Segue a transcrição do streaming do ninja.⁵⁸ Como está entremeada por muita confusão, a transcrição possível foi esta e pode ser conferida no link citado:

Ninja da Globo News sendo expulso por manifestantes tá saindo aqui.
(xingamentos à Globo)

Rolando agressão aqui, o pessoal chuta garoto da Globo News.

Tão mandando entrevistar ele, mas ele não quer, não pode falar.

Tentaram tirar o celular dele, eu tirei a mão do cara

(confusão, empura-empurra)

É o ninja da Globo News, pessoal identificou aqui, tentaram tirar o celular dele, eu disse que não precisava disso.

Eu tava falando pra ele ir embora, o cara quer ficar filmando, vai arriscar a vida à toa pela Globo, porra.

Mancharam ele de vermelho, tô atrás dele aqui galera.

Advogado mandando parar...

Pintaram o garoto de vermelho...

Eu falei pra ele pra ir embora que ia dar confusão, ele não quis, tá arris-

58 http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=Q_UzK1XvkO0

cando a vida por uma matéria, é foda. Garoto novo, ele quer ganhar um espaço na mídia e tá fazendo essa parada, entendeu? Fazer uma materiazinha boa pra ganhar dinheiro, pra ter nome na mídia tradicional e arrisca a vida. Não pode.

Julio Molica é filho do jornalista Fernando Molica, que escreveu em seu blog, no dia seguinte:⁵⁹

3'04: “Falei pra ele ir embora, que ia dar confusão. Ele não quis (...). Arriscando a vida por alguma matéria. É foda. Garoto novo, garoto novo, quer ganhar espaço na mídia, tá fazendo essa parada. Quer dar espaço para materiazinha boa, quer ganhar dinheiro, fazer nome na mídia tradicional. Não pode”.

Essa sucessão de asneiras foi dita por um sujeito da Mídia Ninja. Isto, ao testemunhar a agressão ao repórter Júlio Molica (sim, é meu filho), ontem, durante a manifestação ocorrida no Centro do Rio. As frases revelam uma espécie de ideário dos ninjas e de seus cúmplices que não têm coragem de mostrar o rosto, os integrantes do tal movimento Black Bloc.

Vejam: os caras não querem simplesmente ocupar as ruas. Querem que o espaço público seja apenas deles. Consideram-se, portanto, mais cidadãos do que outros. O repórter da GN não estava cobrindo uma manifestação em ambiente fechado, estava na rua. Mas, para os MN-BB, ele não poderia estar ali. Mais, assumem que estar ali – trabalhando – representava um risco de vida. Um risco de vida, repito.

As palavras do ninja poderiam ter sido ditas pelos traficantes que assassinaram o Tim Lopes, pelos milicianos que, há cinco anos, torturaram uma equipe de O DIA no Batan ou por militares da época da ditadura incomodados com alguma apuração: “Arriscando a vida por alguma matéria”, “Quer ganhar espaço na mídia”, “Quer ganhar dinheiro”, “Não pode”.

O que não pode, é que vocês, MN-BB, tenham o direito de definir quem pode ou quem não pode estar na rua, quem pode ou quem não pode cobrir uma manifestação que ocorre em espaço público. O que não pode é que vocês tentem impor apenas uma versão dos fatos. Quem diz defender o pluralismo e, por conta disso, condena TVs e jornais, não pode temer outras visões. Esta atitude revela o quanto vocês, que dizem combater o autoritarismo, são autoritários, ditatoriais e antidemocráticos.

Vocês comportam-se como o que são: meninos mimados e violentos que não suportam o contraditório, que não admitem ser contrariados. Reclamam – com razão – da violência policial, mas não aceitam ser confrontados com a violência que provocam. Rejeitam ser classificados de vândalos mesmo diante do vandalismo que, muitas vezes, provocam. Contestam o rótulo de fascistas mesmo quando

reproduzem o comportamento que marcou a atuação de militantes de grupos de extrema direita. Não pode.

No dia 10 de setembro, em sua página no Facebook, Bruno Torturra, respondeu a questionamentos de Michel Janot, crítico de cinema de O Globo sobre o acontecido:

Não é a primeira vez que um repórter Ninja faz um comentário infeliz. Nem foi o pior, acreditem. A frase isolada é, de fato, lamentável. Mas, de novo, o contexto foi desprezado em nome da desqualificação e da crítica rasa. A grande mídia está sendo hostilizada há tempos das ruas. Muito antes dos protestos começarem. Muito antes da Mídia Ninja surgir. E, pelo que vi e me informei com meus colegas, o repórter nunca justificou ou defendeu a violência ao repórter da Globo News.

Pessoalmente, e como Mídia Ninja, já me manifestei contra casos como esse do 7 de setembro. Estive presente e defendi Caco Barcellos quando foi expulso do Largo da Batata no dia 17 de junho. Dei declarações na imprensa defendendo o direito de qualquer veículo estar na rua com a mesma veemência com a qual defendo o direito de manifestantes a ocuparem por praticamente qualquer causa. Enquanto transmitia ao vivo protestos em São Paulo, fui defender pessoalmente um cinegrafista da Rede TV que foi agredido por manifestantes. Também entrei no meio de uma quase agressão a Fabio Pannunzio da Band na Avenida Paulista para protegê-lo. Não me considero, e me incomoda quando me elegem, inimigo da mídia tradicional. Talvez, e muito provavelmente, há gente na Mídia Ninja que pense diferente. E tudo bem...

Na página de Bruno Torturra, internautas discutiram suas opiniões sobre o ocorrido:⁶⁰

Roberto Robalinho Mesmo compreendendo a turbulência e a complexidade das ruas, houve uma caça ao ninja globo e sua expulsão da manifestação. Por mais que seja um gesto cínico da globo, incorporar a estética ninja, não deixa de ser uma quebra no padrão globo e um entendimento que eles precisam mudar alguma coisa. Isso é uma vitória das ruas. Talvez o adolescente ninja globo seria uma possibilidade de diálogo com o monstro rede globo, ou, talvez ao invés de expulsá-lo das ruas, cooptá-lo seria o gesto mais interessante e subversivo. Não podemos ser autoritários, iguais a polícia imbecil que prende e violenta a imprensa alternativa, e ao achacar o ninja globo, fomos autoritários, era como se estivéssemos dizendo vc não é ninja, não pode ser, os ninjas somos nós, nós é quem

60 https://www.facebook.com/bruno.torturra/posts/10201868814787798?stream_ref=10

determinamos quem é ou pode ser ninja. E que no fundo acho, que por mais cega que seja a rede globo, ela dá um tiro no pé quando incorpora a estética ninja no seu jornalismo, afinal há um risco em colocar um ninja nas ruas, e os relatos de quem acompanhava a globo news eram da contradição entre os repórteres de cima dos prédios e o menino no meio da manifestação. Havia uma esquizofrenia na transmissão, uma negando a violência com o tradicional discurso dos vândalos, e outra a do ninja globo dizendo que a polícia estava atirando em todo mundo e ao léu. Mais um momento de reflexão complexa.

10 de setembro de 2013 às 12:19 · Curtir · 2

Claudio Prado Bruno, te entendo e assino em baixo das tuas reflexões e das informações que você postou aqui. Tem que ter estômago para passar por tudo isso. Sou também um dos fundadores da Mídia Ninja! E, garanto a todos que sabem da minha honestidade intelectual e emocional que o objetivo disso tudo sempre foi o de perder o controle. É absolutamente normal que muuuita gente não acredite nisso! O lado surpreendente, porém, é que tem muita gente sacando isso!!! Sou otimista! ACHO PEDAGÓGICA a destemperança histérica que está rolando! É debate sim! e é terapêutico sim!!! e é, concordo, patológico e muuuita gente, repito, está percebendo isso!!

Não poderia ser melhor!! Ponto de Mutação não pode ser tranqüilo.

10 de setembro de 2013 às 12:30 · Editado · Curtir · 8

Marcelo Christovão Acho que não tem que perder tempo explicando nada. Quem é contra o Ninja, assim permanecerá, buscando qq coisa para servir de motivo “racional” para detonar. Quem já entendeu o que é a comunicação em rede, não vai mudar de opinião. É como água e óleo. Tem que olhar pra quem está fora desse copo, conquistar, informar e arregimentar.

10 de setembro de 2013 às 13:27 · Curtir · 2

Bruno Natal Bruno, desculpe a invasão, não nos conhecemos pessoalmente (apesar dos diversos coleguinhas e amigos em comum). Vc levantou bons pontos. Gostaria porém de destacar o que o repórter Ninja disse:

“(…) Tá arriscando a vida por uma matéria? Aí é foda... Garoto novo, quer ganhar um espaço na mídia e tá fazendo essa parada. Quer uma materiazinha boa, pra ganhar dinheiro, pra ter nome na mídia pra jornal e arrisca a vida. Não pode. (...)”

Isso não é exatamente justificar a agressão? Não é explicar ela num contexto que diz que o repórter “cavou” a situação?

Tem outro aspecto, esse bastante subjetivo, que é o fato que o MN não estava tão empenhado em registrar o fato com o mesmo esforço que faz para cobrir os abusos da PM, por exemplo, mostrando e questionando quem estava fazendo aquilo.

Discordo da cobertura da Globo, totalmente, posto críticas repetidas vezes

por aqui (mesmo tendo uma coluna no jornal). Porém, como você mesmo disse, liberdade de imprensa vale para todos. E discordo tbm de alguns aspectos da abordagem da MN (como as perguntas retóricas).

Entendo o fator de operar em rede, descentralizado, etc. Porém, a sua revelia ou não (e ao ser a cara da MN, falando em nome dela, de um jeito ou de outro vc chancela essa percepção), vc é percebido como o porta voz do movimento. E assim sendo, como jornalista, me incomodou vc achar a atitude do repórter da MN normal.

10 de setembro de 2013 às 15:18 · Editado · Curtir

Ciro Elias Bruno, é porque esse cara não é repórter da mídia ninja. Há uma confusão entre transmissão ao vivo por celular e mídia ninja, causada muito em função de uma postura da ninja de se apropriar simbolicamente desse método. Todos que fazem o “streaming” são tidos como ninja. O que não é verdade. A Ninja como organização não tem o poder de administrar e se responsabilizar por todos que resolveram fazer “streaming”. Existe a Ninja-organização e a “Ninja-método jornalístico”, uma forma de se fazer jornalismo mais direto que não foi nem sequer inventada pela Ninja, mas apropriado metonimicamente.

Então o cara que falou essas asneiras tem que responder por si. Tudo ficaria mais fácil se a Ninja abrisse mão dessa apropriação-marketing do método e passasse a se portar como mais uma organização dentre todos que se dispuserem a fazer “streaming”. Tá na hora da Ninja matar seu nome enquanto método para de fato multiplicar os agentes desse tipo direto de jornalismo. E para que esses agentes sejam mais responsáveis: tanto na apuração jornalística quanto na resposta por seus próprios atos.

10 de setembro de 2013 às 15:50 · Curtir · 4

Bruno Natal Concordo, **Ciro**, mas eu havia entendido que ele estava transmitindo pelos canais oficiais da Ninja, não foi isso? E mesmo não sendo, a análise do Torturra continua de pé, não?

10 de setembro de 2013 às 15:54 · Curtir · 1

Ciro Elias É pq a Ninja repassa indiscriminadamente todos os canais que se dispuserem pra tal. Ela não tem “um” canal oficial. Poderia ter. É o que defendo. E não entendi muito bem a pergunta sobre a análise do Torturra. Mas no geral, concordo com ela.

10 de setembro de 2013 às 16:01 · Curtir

Bruno Natal Não concordo com o Torturra quando diz que o repórter Ninja (oficial ou não) não justificou a atitude de quem expulsou o repórter.

10 de setembro de 2013 às 16:04 · Curtir

Ciro Elias Saquei, polêmico. Acho que ele quis dizer que o repórter podia ter evitado isso, que ele preferiu assumir o risco da hostilidade, e não que aqueles que estavam expulsando tinham que fazer isso mesmo. Mas dizer o que ele quis

dizer é foda... Foi estúpida a forma com que falou.

10 de setembro de 2013 às 16:15 · Curtir

Lucia Helena Bruno: Fui ler o que escreveu o Marcelo Janot, e li. Estou indignada. E quero apenas tecer o seguinte comentário: – eu acompanhei AO VIVO a transmissão da qual foram retiradas as frases que ele colocou entre aspas, empregando o contexto que ele bem quis, diga-se de passagem. Pena que ele não tenha retirado tão bem ou também DA REALIDADE COMPLETA, a parte onde o NINJA impede que o garoto da Globo seja agredido. Que a raiva dele, NINJA, foi justamente porque já tinha alertado o mesmo sobre o perigo que corria continuando ali e o rapaz não deu a menor importância. Isso tudo, dentro de um cenário tenso para todos que estavam no local. Mais estranho, é que o Janot tenha OMITIDO, que o MIDIA NINJA IMPEDIU QUE FOSSE TOMADO O TELEFONE CELULAR DA MÃO DO MENINO. Portanto, digo aberta e francamente: O Marcelo Janot foi no mínimo maldoso ao tecer esse tipo de comentário, estampado nesta página. Maldoso, para dizer o menos. Cala-te boca!

10 de setembro de 2013 às 23:13 · Curtir · 4

É chocante assistir ao vídeo da agressão dos manifestantes ao jovem Julio Molica, da Globo News, ver a humilhação do repórter ser manchado por tinta vermelha, levar um chute, tentarem arrancar o seu celular. E o tempo todo, xingamentos pesados à Globo e ao seu representante.

Fiquei pensando nos motivos que têm levado a esta e a tantas outras agressões de manifestantes a jornalistas de várias emissoras de TV. Eu me lembro de fins dos anos 1970, quando o novo movimento sindical –, que retomava suas direções até então, durante décadas, em mãos dos chamados “pelegos”, aqueles próximos da ditadura e dos empresários – promovia grandes greves de categorias como metalúrgicos, bancários, professores jornalistas, especialmente em São Paulo e na região do ABC paulista.

Eu me lembro que a imprensa escrita, falada e televisada era francamente contrária a essas greves. Na greve dos jornalistas de 1979, inescusável era a pichação em muros da capital paulista.

“Não compre jornais. Minta você mesmo”. (Paradoxalmente, os jornais continuavam a rodar, porque a greve não se conectou aos trabalhadores gráficos, e as empresas contaram com mão de obra de alguns jornalistas. Mas esta é apenas uma lembrança.)

Naqueles tempos já não era novidade, quando chegava o carro de reportagem da Globo, se ouvir entre metalúrgicos, professores, bancários, enfim, várias categorias o grito: “O povo não é bobo. Fora Rede Globo!”

Tentávamos explicar aos trabalhadores e aos seus líderes que os jornalistas não tinham culpa, que não deveriam jamais ser agredidos, que eram tão trabalha-

dores quanto eles.

Não tinham culpa de quê?

Simples. Os trabalhadores faziam grandes greves, a reportagem filmava. À noite assistiam, no Jornal Nacional (e nos outros) as imagens truncadas, as declarações e os números manipulados: o que era A se tornava X. Os trabalhadores e seus sindicatos eram criminalizados e demonizados.

Isso há mais de 30 anos.

Durante estas décadas, o panorama não mudou para melhor. A mídia perde credibilidade a cada notícia que distorce e manipula. Novas gerações surgiram, e em 2013, mostraram a cara. Ativistas fizeram várias manifestações na frente da rede Globo em São Paulo e no Rio de Janeiro. Décadas de tantos nós nas gargantas tendem a explodir com violência.

Seria o triste acontecimento com Julio Molica uma espécie de corolário das incontáveis agressões da mídia tradicional ao público durante todos estes anos? E que culpa tem o jovem repórter? Aos olhos da multidão, ele representa a emissora. Injusto? Óbvio. Como evitar? Entre 1980 e 2013, qual a diferença? Desta vez, havia um streaming, havia um ao vivo e sem cortes, havia a mídia digital.

O jornalista Fernando Molica escreveu em seu artigo que as palavras do ninja poderiam ser ditas pelos traficantes que assassinaram o jornalista Tim Lopes (sob o aplauso de muitos, na polarização radical em que se transformaram os debates na rede). Talvez se possa compreender a comparação emocional devido ao grau de parentesco do jornalista com o jovem agredido.

No site da Globo News lia-se que Julio Molica é repórter, cinegrafista e editor do Núcleo de Reportagens Especiais da Globo News. Lia-se, também, que “a Globo News tem um núcleo de reportagens especiais, formado por jovens jornalistas que fazem matérias de uma maneira diferenciada: são cinco profissionais que compõem o núcleo, no qual todos filmam, editam e roteirizam.” Em fins de setembro de 2013 eles deram um workshop para jovens de comunidades carentes e para o público em geral, em dois dias de palestras e prática”.

A nova equipe que “faz matéria de maneira diferenciada” parece ter sido organizada após as manifestações de junho, e depois da Mídia Ninja.

É importante lembrar que um repórter tem o direito de, sobretudo em situações de risco, ser monitorado pela redação, que o orientará quanto ao que fazer, além de portar equipamentos de segurança.

Já haviam ocorrido inúmeros casos de agressão a repórteres e veículos de emissoras de TV e por isso a Globo noticiava do alto de edifícios, ao longo do mês de junho de 2013. Então, seus assinantes começaram a notar a presença de alguns jornalistas “em transmissões diferenciadas”. A imagem, em baixa resolução, é de celular, a narração, entretanto, é do âncora no estúdio.

Foi o que aconteceu no dia 7 de setembro com Julio Molica, que nada

falava, mas foi descoberto por manifestantes. A partir dos estúdios, um casal de jornalistas replicava: que estavam sendo atacados por “vândalos, pois manifestantes não agem desta forma”. Mesmo que, antes do surgimento dos *black blocs*, em junho, jornalistas globais tenham sido expulsos por manifestantes.

Na polêmica que se seguiu, quem acusou omitiu que:

1 - O repórter ninja tentou proteger o repórter global, e pediu para que ele se afastasse, porque poderia ser perigoso.

2 - O repórter global permaneceu, mesmo sendo agredido, e o ninja então proferiu as palavras que o condenaram em comentários e artigos.

3 - Não foi citada em nenhum momento a responsabilidade da empresa ao mandar para a rua repórter inexperiente e sem retaguarda, em uma situação que já anteriormente havia sido provada como perigosa para esses profissionais.

4 - Caso algo mais grave ocorresse com o jovem repórter, quem seria apontado como culpado?

Estas reflexões pretendem tentar entender os riscos, acertos e erros das transmissões. A Mídia Ninja não dispõe de um canal oficial, abre para todos os *streamings* e linka as transmissões. Dentro dessa filosofia, seria impossível, então, ter qualquer controle sobre essas transmissões. Como afirmou Bruno Torturra, ainda na sua página, no dia 10 de setembro:

Não somos tanto um veículo quando somos uma rede, um processo em construção. Somos pessoas, não soldados. Não há chefia, contratações, demissões. Há, sim, a busca por uma plataforma de comunicação que ofereça autonomia a seus participantes, a seus repórteres. E a busca simultânea por um equilíbrio entra a plena expressão da primeira pessoa e um alinhamento coletivo, orgânico, em torno de um bom senso e uma convergência mínima de valores. Enquanto isso, podem nos cobrar consistência, responsabilidade, ética. É mais do que justo. Mas saibam disso: ainda estamos em obras.

Em entrevista ao site do antropólogo Luiz Eduardo Soares, “Depois de Junho”, em dezembro de 2013 Torturra afirmou:

Hoje, a maioria que começou a transmitir não pediu autorização, nem para transmitir, ou usar o nome: Ninja RJ2, Peixe Ninja, Baixada Fluminense, etc. Às vezes eles aderem, mas não é possível conter, se algum não está transmitindo bem, se está xingando.

Estamos pensando: será que a Mídia Ninja não tem de se tornar uma rede de grupos organizados? Uma estética? Uma lógica? O plano original não foi realizado, do meu chamamento em 13 de junho, os jornalistas ainda não estão aparecendo. Então, como combinar esse estado atual com centenas que falam na primei-

ra pessoa como Mídia Ninja? É uma reflexão legal e difícil.

O jornalista Luciano Martins Costa me contou que participou do evento São Paulo Social Media Week, organizado por empresas de tecnologia e de marketing, na sessão dedicada à Mídia Ninja:

Ouvi de uma pesquisadora que os canais de *hardnews* de todo o mundo estão tentando se aproximar do modelo ninja, porque estão perdendo audiência para os novos meios. Acho que a Globo News, que tem bons estrategistas, está tentando conciliar seu velho estilo com a possibilidade de estar na rua, mas precisa da ancoragem para manter o controle da opinião. Assim, uma imagem pode dizer uma coisa, e o estúdio afirmar outra. Deve ser isso. A mesa de que participei falava justamente da rapidez com que a mídia tradicional estava perdendo espaço para iniciativas coletivas de mídia em muitos países.

Há muita razão nos comentários aqui destacados da rede que confundem outros coletivos ninjas com a Mídia Ninja.. No entanto, a chamada “falta de controle” faz parte do ideário inicial do coletivo: que se construam centenas, milhares de coletivos, com seus streamings em cada rincão do país.

Isso vem ocorrendo já desde setembro, quando vários coletivos surgiram e fazem suas transmissões. No 7 de setembro, os ninjas linkavam, nas chamadas de sua página, as atividades de cerca de mais de dez outros coletivos. No dia 7 de outubro, durante o dia, era possível acompanhar a grande mobilização dos professores cariocas em pelo menos 18 mídias digitais chamadas pela página Ninja, desta forma:

Tipo Junho⁶¹

A pauta da educação acaba de mobilizar no Rio de Janeiro o mesmo número de pessoas que atos da luta pelo transporte em junho. Estima-se pelo menos 500 mil pessoas estejam nas ruas do centro da cidade, principalmente concentradas em frente à Câmara Municipal.

Acompanhe ao vivo:

<http://twitcasting.tv/tucaninjarj>

http://twitcasting.tv/ricardo_gama

<http://twitcasting.tv/woodydudu>

<http://twitcasting.tv/liveninjarj>

<http://twitcasting.tv/ninjalexrxj>

<http://twitcasting.tv/f:100000023893127>

<http://twitcasting.tv/trilhaecia>
http://twitcasting.tv/midianinja_rj
<http://twitcasting.tv/olhodarua1>
<http://twitcasting.tv/midianarua1>
<http://twitcasting.tv/mudabrasilrj>
<http://twitcasting.tv/sepeaovivo>
<http://twitcasting.tv/sepeaovivo2>
<http://twitcasting.tv/operacaoninja>
http://twitcasting.tv/olho_suburbano
<http://twitcasting.tv/sepeaovivo>
<http://twitcasting.tv/baixadaninja>
<http://twitcasting.tv/poesianinjarj>
#MidiaNINJA

Ainda em 7 de outubro, a Ninja chamava:⁶²

DETIDA PELO MACHISMO

Ane Melo foi detida por ter respondido ao assédio de um oficial do Batalhão de Choque da Polícia Militar do estado do Rio de Janeiro. Ela foi chamada de “gostosa” e, por ter respondido, foi levada algemada.

Foto: Leonardo Coelho / Mídia NINJA

Acompanhe ao vivo:

<http://twitcasting.tv/dricaninja>
<http://twitcasting.tv/tucaninjarj>
http://twitcasting.tv/ricardo_gama
<http://twitcasting.tv/vidblogvidigal>
<http://twitcasting.tv/woodydudu>
<http://twitcasting.tv/liveninjarj>
<http://twitcasting.tv/ninjalexrxj>
<http://twitcasting.tv/f:100000023893127>
<http://twitcasting.tv/trilhaecia>
http://twitcasting.tv/midianinja_rj
<http://twitcasting.tv/olhodarua1>

E no mesmo dia, à noite, já eram 20:⁶³

Explode Rio

62

<https://www.facebook.com/midiaNINJA/photos/a.164308700393950.1073741828.164188247072662/233135856844567/?type=1&theater>

63

<https://www.facebook.com/midiaNINJA/photos/a.164308700393950.1073741828.164188247072662/233116113513208/?type=1&theater>

Fogos de artifício iluminam a praça da Cinelândia em dia histórico da luta pela educação. Centenas de milhares de pessoas tomam as ruas do centro do Rio de Janeiro.

Foto: Gutemberg Brito

Acompanhe ao vivo:

<http://twitcasting.tv/dricaninja>

<http://twitcasting.tv/tucaninjarj>

http://twitcasting.tv/ricardo_gama

<http://twitcasting.tv/vidblogvidigal>

<http://twitcasting.tv/woodydudu>

<http://twitcasting.tv/liveninjarj>

<http://twitcasting.tv/ninjalexrj>

<http://twitcasting.tv/f:100000023893127>

<http://twitcasting.tv/trilhaecia>

http://twitcasting.tv/midianinja_rj

<http://twitcasting.tv/olhodaru1>

<http://twitcasting.tv/midianaru1>

<http://twitcasting.tv/mudabrasilrj>

<http://twitcasting.tv/sepeaovivo>

<http://twitcasting.tv/sepeaovivo2>

<http://twitcasting.tv/operacaoninja>

http://twitcasting.tv/olho_suburbano

<http://twitcasting.tv/sepeaovivo>

<http://twitcasting.tv/baixadaninja>

<http://twitcasting.tv/oesianinjarj>

Quem quer ser um ninja cria uma conta específica no Twitter para a transmissão, instala no celular ou tablet plataformas como o Twitcasting, Google Hangout, Twitcam, Livestream, Ustream.

Para transmitir ao vivo, basta entrar no programa com a conta do Twitter e clicar no botão correspondente. Na internet, é possível encontrar um passo-a-passo para quem quer produzir e compartilhar conteúdo, além de dicas para a transmissão.

Mas para ser um midialivrista, dizem eles, é preciso carregar na mochila, além da tecnologia, um pouco de coragem. Pelo menos três pessoas participam da transmissão: uma com câmera de celular trabalhando com transmissão ao vivo, uma com foto e outra dando suporte, mas todos são capazes de fazer de tudo um pouco.

A chamada “falta de controle” traz embutidos problemas: muitos não são

acostumados a transmitir, não têm realmente ideia de quantos os seguem, de que quando interagimos online não estamos sozinhos, que há cuidados a serem tomados com a veiculação da informação e com sua checagem.

A possibilidade da comunicação “de todos para todos” implica códigos de comportamento e de ética. Tudo o que se faz modifica o ambiente, exige responsabilidade, e essa responsabilidade é acompanhada por empoderamento (do inglês empowerment, significa uma ação coletiva desenvolvida pelas pessoas quando participam de espaços privilegiados de decisões. Essa consciência ultrapassa a tomada de iniciativa individual de conhecimento e superação de uma realidade em que se encontra.)

Há razão também nos ninjas que refletem sobre a impossibilidade de “conter” as transmissões dos coletivos quando não observam esta ética.

Somente o tempo e a evolução das mídias de massa poderão resolver estas questões novas, prementes. Entretanto, devemos observar que, para a mídia tradicional, em seus moldes tradicionais, é impossível lançar mão deste modelo. Pois se trata de um modelo e de um pensamento digital, enquanto a mídia clássica move-se na tecnologia digital, mas permanece com a estrutura de pensamento analógico.

Sua comunicação não é horizontal, mas hierarquizada. Seus jornalistas recebem ordens e têm limitação na expressão de ideias próprias – a não ser aqueles editorializados, mas já de acordo com a opinião da casa. Embora esses grupos tentem passar ao público a imagem de liberdade de expressão e independência.

Pela primeira vez vê-se o confronto de informações entre dois mundos. Como na época da invenção dos tipos móveis por Gutenberg e o início da fabricação de livros e da difusão do conhecimento a Igreja chegou a queimar livros, no século XXI o confronto não se dá tão diretamente, mas tem a mesma intenção: manter o conhecimento, a informação, sob controle de poucos.

Capítulo VII

Um mosaico de parciaisidades

Mas afinal a Mídia Ninja é jornalismo? Não é jornalismo?

“É pré-jornalismo, é pós-jornalismo, é jornalismo militante”, afirma Alberto Dines, jornalista desde a década de 1950. “É um uso muito inventivo das novas plataformas.”

Dines, como sabemos, foi o primeiro a entrevistar Torturra e Capilé em seu programa na TV Brasil, também participou da bancada de entrevistadores de ambos no programa Roda Viva, da TV Cultura. E foi o primeiro a abrir a discussão sobre a nova mídia digital em seu Observatório da Imprensa. Em depoimento para este livro ele afirmou:

“É o que falei no programa, para mim ele são equivalentes ao fenômeno da imprensa alternativa no fim dos anos 60, anos 70. A imprensa estava calada e autocensurada e aconteceu o mesmo: a imprensa alternativa, de várias tendências, começou a forçar: Pasquim, Opinião, Coojornal, Ex. E o que aconteceu? Em 1975, quando a Folha resolveu acreditar na distensão absorveu isso, criou uma página de Opinião e em seguida a página três e todo mundo passou a fazer a mesma coisa. Só para dar uma ideia que a Folha soube absorver isso, claro que depois eu acho que desperdiçou. Essa é a tendência natural do processo de renovação, essa é a fórmula dinâmica”.

Dines destaca “o momento em que o sistema se curvou: quando o Jornal Nacional da Globo reproduziu informação que a Mídia Ninja tinha veiculado. Isso é um dos saltos mais extraordinários. Um bando de Flintstones com um carrinho de supermercado consegue produzir informação que evitou uma tremenda injustiça”.

Há quem diga que a Mídia Ninja faz jornalismo, mas não se trata de nada novo, como acentua a professora Sylvia Debossan⁶⁴. Os ninjas recuperaram a tradição da reportagem de rua e, ao assumir um lado, contestaram a hipocrisia da imparcialidade como valor para o jornalismo.

Ela acrescenta, entretanto, que o jornalismo não se resume ao testemunho e ao imediato, exige apuração e edição.

A defesa de uma transmissão sem edições, “no fluxo”, se baseia na ilusão de que não haveria filtros, quando o primeiro filtro, elementar, está no próprio lugar de onde se documenta qualquer cena. Valeria a pena, aliás, recordar exemplos em que a mídia tradicional atuou nesse fluxo contínuo, como o sequestro do ônibus

174. no Rio de Janeiro, a prisão do casal Nardoni, em São Paulo, e o sequestro e
64 http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/uma_critica_a_contracorrente

morte da jovem Eloá Pimentel, em Santo André: em todos esses casos multiplicaram-se as críticas à espetacularização dos acontecimentos. Não caberia a mesma crítica agora, especialmente quando certos grupos mascarados produzem imagens impactantes em suas performances pirotécnicas? Ou a crítica varia conforme a natureza dos acontecimentos? O que significa, afinal, esse movimento de trazer o espectador para “dentro” da cena?

Debossan acentua que há quem considere que não se trata de jornalismo, pois são narrativas que transbordam o exercício da reportagem. Diz que talvez se lide com cânones estreitos demais para enquadrar a atividade, que exige princípios éticos. Já que, nestes tempos, todos podem divulgar tudo com o auxílio da tecnologia digital, perdemos os parâmetros de referencialidade que a imprensa anteriormente prometia.

Mídia da multidão

O professor Fábio Malini, do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Espírito Santo⁶⁵ vê problemas no ponto de vista de se tentar fazer com que o jornalismo abarque qualquer tipo de narrativa. Para Malini

as narrativas que têm acontecido nas ruas são, para além de tudo, narrativas monstruosas feitas de testemunhos, análises, replicações, comentários, ou seja, estão muito distantes do elemento mais básico da atividade jornalística, que é a reportagem. (...) A metáfora do Ninja é, no final das contas, a generalização da capacidade coletiva em contar – de modo multimídia – as histórias de rua e amplificá-las pela rede densa de perfis nas redes sociais.

Existe, ainda, a relação de dependência com celulares, *tablets* que permitem a comunicação e transmissão das ruas. Ele lembra que o tempo “ao vivo” dos ninjas é diferente: o tempo de produção é o mesmo da reprodução. Os ninjas dominam a narrativa do tempo real, e isso já vem acontecendo no Brasil há algum tempo, desde que o *streaming* se tornou uma máquina de comoção pública, no episódio Pinheirinho (*) *N da A: em São Paulo, a violenta desocupação de uma comunidade, ou em manifestações indígenas.

Para Malini, reduzir a discussão dessas narrativas à deontologia jornalística é requerer que o jornalismo seja praticado por todos conforme as regras do jornalismo.

Ivana Bentes também entende que “a Mídia Ninja não pode ser reduzida ao campo do jornalismo”.⁶⁶ Segundo a professora, “o sentido da esfera midiática

65 <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/522589>

66 <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/522986-os-esrachos-e-um-novo-fenomeno-de-participacao-social-entrevista-especial-com-ivana-bentes>

ativista, a comunicação em tempo real pela Mídia Ninja, por exemplo, já é uma manifestação política e mobilizadora”.

Os ninjas são símbolos de uma Mídia da Multidão, pois também criam fatos políticos, intervêm nos fatos, e se tornam parte das notícias (os integrantes do Mídia Ninja foram detidos e presos pela polícia acusado de incitarem as manifestações). Ou seja, além de produzirem fatos e participarem das manifestações mostrando as causas, pautas e motivos dos protestos, a Mídia Ninja passou a pautar a mídia corporativa e os telejornais (como o Jornal Nacional, da Globo, e jornais) ao filmar e obter as imagens do enfrentamento dos manifestantes com a polícia.

Essa prática, de vigiar a polícia com câmeras e fotos, é conhecida como “Copwatch”, é uma estratégia midiativista de usar transmissões online para expor e monitorar polícia online. Essa é a diferença do midiativismo para o jornalismo de relato que dá a notícia e vai embora, alheio às suas consequências. Além de “sofrerem” todas as arbitrariedades e violência junto e de dentro das manifestações, o “pós-jornalismo” e midiativismo usa o poder/potência de exposição online das autoridades policiais, delegados, ao monitoramento dos muitos e a multidão em tempo real.

Depois de transmitir, no dia 22 de junho, a prisão de seus integrantes, e fazer plantão na delegacia, integrantes da Mídia Ninja permaneceram em vigília na frente do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro até o habeas corpus do último deles, levado para Bangu.

Na madrugada, com uma multidão ao vivo e outra online, colocaram nos TTs mundiais a hashtag #BrunoResiste e pela manhã #BrunoLivre, referindo-se ao jovem acusado sem provas de portar explosivo e que passou a ser acompanhado pelos ativistas e manifestantes e pela Ordem dos Advogados do Brasil.

A Mídia Ninja catalisou esse “contra-discurso” ao mostrar a brutalidade e o regime de exceção da polícia, com policiais infiltrados jogando coquetéis molotov, polícia à paisana se fazendo passar por manifestantes violentos, criminalização e prisão de midiativistas, estratégias violentas de repressão com gás lacrimogêneo e balas de borracha etc. Enquanto a mídia corporativa mostrava apenas as razões para reprimir, a Mídia Ninja mostrou as razões para protestar.

Segundo Ivana, está surgindo uma nova forma midiática de intervenção política e participação social, um novo midiativismo e a possibilidade de criação de uma rede de Pontos de Mídia articulada de forma horizontal e distribuída em todo o Brasil.

“Militância não é antítese de objetividade”

Em um debate com vários jornalistas realizado em 30 de julho Bruno Torturra⁶⁷ mais uma vez definiu o jornalismo feito pelos ninjas e afirmou que a militância não é antítese da objetividade se o narrador deixa claro desde o início de que lado está.

Todo mundo que estava envolvido nisso, exceto eu, não vem de um *background* de jornalismo, mas essencialmente de ativismo. Nascemos, antes de mais nada, de um ponto de vista militante. Sempre tivemos consciência disto: não tentar ver a militância como uma antítese da objetividade, e sempre deixando claro, para nós mesmos e para quem vê nosso material, que o nosso posicionamento precisa ser claro e honesto. A melhor forma da nossa militância não significar uma perda de qualidade jornalística é o fato de que a gente não esconde nada do que aconteceu, mesmo que isso não seja bom para a nossa causa. A não edição, o tempo real, o *streaming* jogam muito a nosso favor, e o fato de não disfarçarmos [a posição tomada].

Mas ao contrário dos professores citados acima, Bruno acha “curioso” duvidar-se de que aquilo que o coletivo pratica é jornalismo. “Eu não entendo dois jornalismo. O que existe é jornalismo: bom, ruim, verticalizado, que visa ao lucro, engajado, ao vivo, investigativo, parcial. Dá para discutir que tipo e qualidade de jornalismo a gente faz e a relevância dele”.

Jornalismo, midiativismo, ética: um depoimento

Júlia Mariano nascida no Rio e criada em Niterói, 32 anos, é documentarista formada pela Escola de Cuba, *San Antonio de los Baños*. Também fez o curso de graduação em jornalismo da ECO/UFRJ, com especialização na Alemanha. Ela dirigiu o documentário *A batalha do Passinho*, lançado em agosto de 2013, totalmente independente.

Júlia não é a primeira mulher ninja transmitindo. Entre outras, Fernanda Quêvedo, da casa FDE de Porto Alegre já transmitiu, participou de ocupações da Câmara. Raissa Galvão e Isadora Moema também transmitiram ocupações em Belo Horizonte. Em Vitória, os ninjas têm as parceiras do Moqueca Mídia, um coletivo de mulheres que só se identificam por apelidos.

Júlia conheceu os ninjas Filipe Altenfelder e Rafael Vilela em abril de 2013, em Marabá, no Amapá, durante o julgamento dos assassinos do casal de ambientalistas José Cláudio e Maria do Espírito Santo. Eles, cobrindo para a

67 http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed757_ativismo_poe_em_xeque_narrativas_oficiais

POSTV, ela fazendo um documentário.

Só foi reencontrar os ninjas em junho, nas manifestações do Rio de Janeiro e entrou no ar num domingo, final da Copa das Confederações. Júlia nunca exerceu o jornalismo e também nunca havia feito *streaming*. Estava lá registrando com sua câmera, para ela mesma. “Surgiu a manifestação da Candelária, puxada por sindicatos, coisa nova, e terminava teoricamente no palácio Guanabara. Fui das ultimas ao chegar ao Palácio. Carioca (Filipe Peçanha) me ligou pra perguntar como estava no centro, falei que estava uma coisa surreal, no momento em que os *black blocs* entraram em conflito com a policia a manifestação dos sindicatos estava rolando. O carro de som estava tocando Hino Nacional enquanto as bombas estavam sendo jogadas nos manifestantes.”

Carioca disse para Júlia entrar ao vivo. “Cara, nem sei como faço isso”, respondeu. “Ele me explicou no momento, tinha de baixar aplicativo tal. Entrei num restaurante na Praça São Salvador pra baixar o aplicativo no wifi pra ser mais rápido, e já saí ao vivo, por isso pedi desculpas”.

Quando começou seu primeiro *streaming*, Julia pediu desculpas, justificando que era a sua primeira vez: “No dia da primeira transmissão entrei em conflito com três policiais correndo atrás de dois pivetes armados. Questionei, veio um senhor do bairro super grosseiro, colocando dedo na minha cara, porque eu defendia pivete bandido. A primeira coisa que fiz foi mandar tirar o dedo da minha cara”.

Julia perguntou: “Quem eles roubaram? Quem é a vítima?”

O homem respondeu: “A vítima tá ali.”

E Júlia: “Ali onde? É uma banca de jornal. Cadê o dono? Ah, a banca tá fechada. Então como eles roubaram uma banca fechada?”

À medida que Júlia conversava com o homem, ela diz, que a história ficava menos crível: “Isso tudo ao vivo, pessoas me mandando mensagem no chat. No fim vi que aquilo ali era uma balela, que aquele cara tinha mandado os policiais pegarem o pivete porque sim. Deixei o cara falando sozinho e fui pra frente tentar entender o que estava acontecendo no palácio Guanabara”

Naquele dia, a polícia chegou à Praça São Salvador, no centro do bairro de Laranjeiras, jogando muitas bomba de gás lacrimogêneo. Júlia mora naquele bairro e conhece o pessoal do Restaurante Brasil, que é bem tradicional:

“Uma funcionária estava tendo um ataque de histeria, eu transmitia pela primeira vez, eu não sabia o que fazer com ela, não podia deixar de transmitir mas também não podia deixar de atender a moça. São coisas que, talvez, um jornalista profissional tivesse lidado de outra maneira. Isso é o mais genuíno e autêntico, você está vivendo a situação intensamente. Quando eu falo do cinema autoral é nesse sentido do autoral como algo visceral, não consigo separar de mim, aquilo não é um trabalho, não estou olhando aquilo com um olhar objetivo ou afastado.

É um olhar de dentro, orgânico, visceral de quem está sofrendo as mesmas coisas que as pessoas que eu estou ali mostrando pela câmera do Iphone”.

Segundo Júlia, “enquanto no meu trabalho como diretora de documentário talvez eu precise de um tempo maior para interpretar o que eu sou naquele filme, no Ninja a transmissão que eu faço é o que eu sou. Não sei se funciona com todo o mundo assim.”

E a tão falada objetividade? “O papo da objetividade, na verdade ninguém tá preocupado ali. Eu me emociono muito, mas tento segurar até mesmo para minha proteção, porque eu posso ir pra cima do policial com raiva e eles podem descontar. Na semana passada eu tomei muita porrada de cassetetes com certeza porque eu estava instigando os policiais.”

Resumindo, Júlia acha que a Mídia Ninja “faz jornalismo sim, mas diferente da teoria de jornalismo que aprendi na faculdade”.

“A grande imprensa cria imaginários que dão carta branca a ações truculentas”.

Em 3 de setembro 2013 Felipe Peçanha publicou em sua página no Facebook:

Sigo cada vez mais convicto do poder determinante que tem a comunicação 2.0 na sociedade. Hoje somos capazes de escrever páginas da história com o celular. São narrativas que surgem descentralizadas, pulverizadas em uma massa de mídias que pode fazer frente aos discursos colocados pelos grandes veículos e, em muitos casos, mudar o curso dos fatos. Verdade absoluta não há, imparcialidade de imprensa muito menos. A subjetividade assumida cria um amplo leque de novas possibilidades, de um mosaico de parcialidades que podem ser conectadas em rede para potencializar as interpretações e conclusões dos fatos. Sem o midiativismo veríamos hoje somente um lado dos acontecimentos, o lado dito imparcial. Só teríamos pontos de vista conservadores e resistentes às mudanças em curso. Mas não. Esse movimento não volta atrás.

No dia 9 de setembro, em entrevista à autora, Felipe Peçanha falou sobre a manipulação na grande mídia:

“Hoje a mentalidade da sociedade, de maneira geral, consegue assimilar a veracidade de que fatos advindos da mídia independente podem ter. Uma conquista processual interessante. Pensar conjunturas de trabalho, de núcleo e o processo é mutante.

“Pelos nossas redes, repito, não foi apenas a Mídia Ninja, a gente vê o quão truculenta foi a cobertura do 7 de setembro. E isso se torna mais claro ao longo dessa semana, o que torna evidente é como a polícia age e a forma como a

imprensa antecipa uma possível violência policial às manifestações.

“A grande imprensa cria imaginários que dão carta branca a ações truculentas. Como eles fazem a disputa narrativa junto com o Estado, para um conservadorismo da estrutura de poder, que vem a criminalizar aqueles que querem mudança, deslegitimando a causas que de fato colocam essas pessoas na rua, que as levam a investir a vida em ocupações do espaço público, correndo risco de vida, sendo ameaçadas – desde oficiais fardados até milicianos, como aconteceu no RJ, na Câmara Municipal, pessoas que tiveram de deixar a cidade por ameaças de morte. E a gente sabe o quão embasadas são essas manifestações, com causas legítimas. Porém, o que está colocado para as grandes massas, por poucas mídias, é que eles não têm embasamento, e são criminosos, querem propagar a violência.

“Quando na verdade isso é uma resposta a uma violência de Estado, que está colocada e nunca é abordada por esses veículos. Aqui no Rio, Cabral criou uma comissão específica para lidar com manifestantes. Passou por cima de um processo da Assembleia Legislativa, e conseguiu através da aprovação de uma juíza, ter a permissão para levar mascarados para a delegacia. No 7 de setembro vimos alguns mascarados que se identificaram, mostraram todos os documento, e que de acordo com a própria juíza, não deveriam ser levados, sendo detidos e presos para a delegacia. Pessoas que rodaram mais de uma hora em camburão – e isso tem prova, tem vídeo – depois de serem detidas arbitrariamente, esse exemplo é de um repórter do jornal *Nova Democracia*.

“Há um cerceamento tanto à liberdade de expressão dos indivíduos que estão nas manifestações, que querem omitir sua identidade justamente pela repressão policial”. E há o cerceamento da liberdade de expressão de veículos independentes, que de fato conseguem fazer denúncias a toda essa estrutura de poder e trazer uma informação que compromete a narrativa oficial dos grandes meios, essa que chega às grandes massas – o discurso de que o 7 de setembro foi um ato esvaziado, empobrecido.

“Então, acho que não é o mesmo numero das pessoas que estavam nas ruas em junho e julho. Há uma conquista por parte da propagação da cultura do medo, em certa escala. Mas há um processo no Brasil, em curso, que a sociedade ainda não conseguiu entender e que são os manifestantes que fazem uso de uma tática como o *black bloc*, para posicionar não só sua identidade, mas a de diversos brasileiros que acreditam em causas legítimas, urgentes, necessárias.

As pessoas acabam ficando numa superfície de uma blindagem criada pelos grandes veículos, que através dos anos adquiriu ótima experiência em fazer isso.”

“O que era uma ação de midiativismo e cobertura em tempo real se transfor-

mou num debate sobre jornalismo no país”

Qual será o futuro desses midiativistas, lançados em meio a explosões nas ruas, batizados em tão pouco tempo na prática de produzir e divulgar notícias? (Mas quem sabe de futuro de alguma coisa hoje em dia?)

Muitas vezes vi debates na rede e fora dela em que se afirmava que a Mídia Ninja não inventou nada, que os *streamings* vieram dos movimentos *Occupy*. Se foi assim, por que a grande mídia internacional teria se interessado tanto e produzido tantas reportagens/notícias/artigos?

Eu conversei com Talles Lopes, gestor do Fora do Eixo em Minas Gerais:

“Uma das coisas que o movimento brasileiro tem diferente dos *streamings* feitos pelo *Occupy* é que no FDE e Ninja tivemos, nesses últimos 10 anos, movimentos fortes de construção de ganchos locais. Formaram-se coletivos, associações de documentaristas, cineclubes, houve uma política e uma construção de redes a partir desses micro-espços.

“A partir deles começamos a ter, mais recentemente, principalmente com as Jornadas de Junho, uma catalização de grande indignação. Em outros lugares do mundo, como o 15M dos espanhóis, com ocupações gigantescas em praças, houve um estopim de indignação que gerou esse movimento de multidão, mas não havia um processo anterior, de criação de redes dos micro-espços.

“O Ninja se diferencia no processo porque tinha uma grande rede que deu a ele suporte para que a cobertura atingisse uma representatividade de acompanhamento do que rolava no país inteiro. Nos outros países não houve isso. As experiências eram esporádicas. De uma forma ou de outra, o Ninja deu uma unidade a essas narrativas das manifestações de junho, conseguiu estar desde Belém a Porto Alegre, na manifestação dos cem mil, em ocupações de Câmaras Municipais das cidades etc.

“Isso chamou atenção porque, como essa própria rede já vinha fazendo trabalhos, criou também uma base muito grande do que seria a audiência, quando aconteceu. O valor do fenômeno está nas primeiras matérias que saíram, depois da primeira cobertura de 17 de junho na Avenida Paulista, do livestream do Felipe Peçanha, atingindo audiência de 200 mil pessoas.

“Você tinha uma rede que, a partir do momento em que o *livestream* entrou, conseguiu mostrar para o Brasil inteiro que aquilo ali estava online. Já havia um trabalho anterior. E a comunicação do Ninja conseguiu se colocar de forma muito incisiva. A entrevista do *Roda Viva* acabou sendo um momento de chancela disso. O que era uma ação de midiativismo e cobertura em tempo real se transformou num debate sobre jornalismo no Brasil inteiro, para todo mundo envolvido em comunicação.

“A primeira pergunta era sobre se aquilo era jornalismo. O Bruno respondeu bem, é jornalismo, o que se coloca é o que é o jornalismo realmente,

parcialidade, imparcialidade. O Ninja não está preocupado com isso, está disponibilizando informação e a pessoa faz uso dela ou não para construir seu próprio ponto de vista.

“Nesse sentido, eu acho que presta uma grande contribuição ao jornalismo. No espectro da mídia tradicional não existia diversidade de olhares, uma preocupação efetiva em ampliar a capacidade do interlocutor, do espectador.

“O filtro se justifica na facilidade, a partir do momento em que ele não estimule a reflexão mais crítica e atividade por parte do leitor, perde o sentido.

“Ao avaliar o trabalho da Ninja, a mídia tradicional não consegue sair da visão protecionista. Tem gente pensando – meu compromisso com a apreensão do real tem de ser maior que meu compromisso com a apreensão do que eu faço. Está sendo colocado agora isso. Se eu tenho compromisso com a ampliação da sociedade democrática, a comunicação tem de caminhar para um lado onde eu tenho de sair de um lugar para outro, que passa inclusive por entender que tem muito mais gente fazendo o que você faz. Uma massa de mídias.

“Trata-se, então de uma invenção nascida das lutas brasileiras, uma nova estrutura de mídia ganhando visibilidade no país. Segundo Pablo Capilé, “esse movimento de rede de rua vai conseguir trazer um certo oxigênio para o que se chama de velha mídia”.

Propostas não excludentes

Respondendo a críticas que asseguram: “jamais poderão substituir as formas tradicionais”, o jornalista Luis Nassif ⁶⁸ afirma ser “praticamente impossível que ambas as formas de produção (FdE e Mídia Ninja) se tornem hegemônicas. “Mas é claro que não. São propostas alternativas válidas e que fazem o contraponto, assim como fazem blogs e portais alternativos”.

Nassif considera que “se as Casas Fora do Eixo representam um novo modo de produzir cultura, a Mídia Ninja explora um novo modo de fazer jornalismo, coletivo, tecnicamente imperfeito mas muito mais dinâmico do que o telejornalismo convencional”.

Em julho de 2013 dizia-se que a Mídia Ninja pensava em criar uma plataforma digital e ampliar suas coberturas, não necessariamente fazer apenas jornalismo politizado, mas na área cultural, pensar em como cobrir esportes com sua nova linguagem, avançando no lado técnico, usando o jornalismo colaborativo.

Segundo Torturra, “é um processo que vai acontecer devagar, mas de alguma forma acho que também muito rápido, porque agora tudo é muito rápido. A forma de financiar isso necessariamente vai ser múltipla, não vamos conseguir “o” modelo. Existe a crise do intermediário na mídia, na política, ele é cada vez

68 <http://advivo.com.br/node/1466550>

menos fundamental. Imaginamos vários formatos para isso, desde microfinanciamento, a pessoa ter uma assinatura mensal, queremos fazer um *webfundig* de borderô, a pessoa paga dez, vinte, cinquenta reais por mês para termos, sei lá, trinta mil reais por mês para financiar reportagem de forma permanente. Imaginamos muito fundir o processo do Ninja, que já tem tanta gente no país inteiro, com o processo de formação, e aí tem uma grana que pode vir de projetos”.

Ainda em julho, no debate promovido pelo jornalista Mauro Malini, Bruno afirmava que o desafio pela frente era melhorar a qualidade:

O que está em crise é o modelo comercial, [não] a pertinência [do jornalismo], na idade da rede, do boato, na hora em que a informação corre que nem rastilho, isso torna cada vez mais necessária a ética, a checagem, a apuração e a capacidade de encontrar modelos novos.

“A Mídia Ninja é mais importante como dispositivo de segurança do movimento social”

Gabriel Priolli, jornalista da imprensa escrita e da TV comercial e pública é professor de jornalismo, apresentador e diretor de televisão, foi editor do Jornal Nacional, editor-chefe do telejornal São Paulo Já, da Rede Globo. Trabalhou como diretor da rede Bandeirantes, editor-chefe na rede Record e diretor-executivo de jornalismo da Rede Gazeta de São Paulo. Coordenou os Núcleos de Conteúdo e Qualidade da TV Cultura de São Paulo, a área de Expansão e Rede e o Jornalismo.

Em depoimento à autora, Priolli afirmou:

“A Mídia Ninja seria um projeto editorial de contrainformação, de combate ao modelo jornalístico convencional, aplicado indistintamente em mídias públicas e privadas. Esse modelo fundamenta-se na ideia-meta de “objetividade”, que se sabe de antemão impossível de obter integralmente, mas que deve ser perseguida sempre, na tentativa de superar o subjetivismo e a ideologização, de modo a informar o público da forma mais “isenta” possível, sem dirigir a sua avaliação dos fatos. Ocorre que esse modelo existe apenas no papel e é praticado, cada vez mais, somente em aulas e palestras de jornalismo, não no dia a dia da atividade. Há uma ideologização crescente do noticiário. As matérias são anguladas previamente na redação e não a partir do que a reportagem apura na rua. O jornalismo converte-se mais em reprodução de discursos sobre o real do que em investigação aprofundada desse real, em suas muitas contradições.

A mídia alternativa, ou o ativismo midiático, volta-se exatamente contra esse modelo. Faz a denúncia de sua parcialidade e a crítica de seus métodos de manipulação. Mas acaba incorrendo nos mesmos erros que aponta no oponente. Converte-se na contrafacção, com sinal trocado, do mesmo jornalismo unilateral

e proselitista que a mídia tradicional oferece.

A Mídia Ninja talvez esteja presa nessa contradição. É tão veemente na denúncia que faz das manipulações da narrativa jornalística dominante, e tão empenhada em narrar o movimento social “de dentro”, que lhe é impossível ter qualquer distanciamento. Ela seleciona os fatos que cobre por critérios de afinidade e toma sempre partido, de saída, o que a converte mais em agência de comunicação, defesa e “agitprop” do movimento social do que em instância observadora, analítica, crítica, para a qual o distanciamento seria essencial.

A rigor, a Mídia Ninja é mais importante como dispositivo de segurança do movimento social, nas ações de rua, do que como meio informativo. Sobre tudo, quando utiliza câmeras de TV e transmite ao vivo, por *streaming* de vídeo. Ela inibe a repressão policial, porque testemunha e registra arbitrariedades. Ela impõe um comportamento republicano a qualquer agente público, ao expor as suas ações ao julgamento do telespectador. É esse o seu foco prioritário, não o de construir relatos multifacetados, plurais e aprofundados dos fatos. Mas é perfeitamente possível que, em algum momento, haja uma bifurcação no modelo de telejornalismo ninja, mantendo-se uma parte dos praticantes no ativismo midiático e desviando-se outra parte para a produção não militante de conteúdos, um jornalismo mais generalista, aberto a todas as pautas, e não apenas as da política.

Por enquanto, isso não está no horizonte. Não é projeto da Mídia Ninja instituir-se como veículo de mídia, mas avançar na militância usando ferramentas de comunicação como arma e como bandeira”.

Imaginar o vir-a-ser da Mídia Ninja foi um exercício aqui proposto dentro da discussão sobre sua natureza e sobre a natureza do jornalismo. Não é fácil entender uma transição do pensamento analógico, linear, hierarquizado, há cerca de 200 anos moldando o que conhecemos por jornalismo. A mídia de massas pautando do centro para a periferia, frente à massa de mídias, de todos para todos.

Realidade sem volta, conviverá com a mídia tradicional, que, entretanto, passará por transformações, redirecionando sua prática e seus objetivos, assunto sobre o qual especialistas discorrem aqui e, mais longamente, no último capítulo. Trata-se de uma revolução tecnológica espalhando suas consequências por todo o planeta, transformando nossa memória comum.

“A era digital vai exigir de todos nós repensarmos as equações econômicas da nossa sobrevivência”

Um mês após a entrevista dos ninjas no Roda Viva o economista e professor Ladislau Dowbor ⁶⁹ escreveu suas impressões, aproveitando a discussão para que se entenda melhor um conjunto de atividades de produção e acesso cultural no

69 <http://outraspalavras.net/posts/redes-culturais-desafio-a-velha-industria-da-cultura>

país”. E observou:

Devo dizer que tempos atrás, a convite da Globo, visitei instalações e ouvi os avanços. O meu comentário sincero, na época, foi que haviam atingido a excelência técnica num sistema ultrapassado. E quanto aos jornalistas, é tempo que se liberem, que se articulem com os vários subsistemas de mídia aberta que estão surgindo, e ajudem a construir a era digital da informação.

Tenho plena consciência que o jornalista precisa ganhar a sua vida. Mas precisa repensar como. Inclusive porque muitos estão sendo jogados na rua sem nenhum problema de consciência por parte do oligopólio. Eu disponibilizo todos os meus artigos e livros online. Com isto circulam muito mais, me torno mais conhecido, e faço palestras, que frequentemente pagam o valor agregado da comunicação presencial. Escrever livros me dá muita alegria, mas não me sustenta. O que me sustenta são as aulas que dou, trabalho produtivo que acho natural enfrentar, ao lado do trabalho criativo que me dá prazer.

Os músicos que saíram fora dos “selos” e do “jabá”, ganham com shows, e inclusive vendem os discos nos shows. É importante aqui entender que a era digital vai sim exigir de todos nós repensarmos as equações econômicas da nossa sobrevivência.

(...) os que trabalham com conhecimento, com o chamado “imaterial”, sejam jornalistas, professores, artistas ou palhaços, têm de ajudar a construir os novos espaços. Exigir que a publicidade pública, que também vem do nosso bolso, ajude a multiplicar mídia e cultura diversificadas, descentralizadas e participativas seria um bom começo. Inclusive porque o contexto da publicidade seria mais inteligente, e porque as coisas não acontecem mais apenas no Rio e em São Paulo.

O jornalista e sociólogo Ignacio Ramonet,⁷⁰ diretor do *Le Monde Diplomatique* concorda que é o momento de os jornalistas se repensarem” mas as velhas leis do jornalismo como o rigor e a checagem das informações continuam válidos”.

É o momento de nos repensarmos. Fazer bom jornalismo sempre foi e continua sendo difícil. Ter acesso a tecnologias que permitem fazer coisas impensáveis anos atrás, o fato de que da minha casa eu possa fazer uma televisão global, é muito importante. Mas essa revolução de ferramentas não soluciona a questão do conteúdo. O problema, portanto, é o mesmo de sempre. A principal mudança é a interatividade da qual estamos falando.

É possível fazer um novo jornalismo do tipo *Wikileaks*, colocar na web as notícias e permitir que as pessoa interpretem e façam o que quiserem com essa

70 <http://outraspalavras.net/posts/a-crise-do-jornalismo-e-seu-possivel-resgate/>

informação. É possível fazer jornalismo cívico, como o que fazem algumas associações dos Estados Unidos, o chamado jornalismo sem fins lucrativos. Como a maioria das grandes empresas estão em crise e já não têm recursos para financiar investigações sérias, o jornalismo está perdendo qualidade em escala mundial — e qualquer cidadão sabe que um jornalismo de qualidade é indispensável para ter uma democracia de qualidade. Por isso, algumas fundações criaram o jornalismo sem fins lucrativos. Uma fundação dos Estados Unidos propôs-se a funcionar como um comitê de redação. Pede aos jornalistas que lhe sugiram temas de investigação, isso seria inadmissível em seus jornais. Quando chegam as propostas, a fundação seleciona e financia investigações que considera mais adequadas e mais tarde as difunde, através dos meios. Existem somente há quatro anos e já ganharam dois prêmios Pulitzer.

Quero dizer que a sociedade começa a produzir os elementos que compõem a decadência do jornalismo de mercado. Mas as velhas leis do jornalismo, como a checagem da informação e o rigor, continuam válidas.

“Eu uso a câmera para proteger as pessoas”

Emad Burnat⁷¹ era um agricultor palestino que sempre gostou de câmeras. Ele começou a filmar o cotidiano na Faixa de Gaza, onde mora, para mostrar o que é a vida em uma zona militar fechada.

Tornou-se um cinegrafista *freelancer* e fotógrafo, com colaborações para Al-Jazeera e TV Palestina, em vários documentários. Ganhou prêmio no Sundance Festival de 2012 e foi o primeiro documentarista palestino indicado ao Oscar com *Cinco câmeras quebradas*, feito como documentarista e professor de cinema Guy Davidi.

A primeira câmera foi explodida por uma bomba de gás, quando engenheiros começaram a medição para construir um muro no meio das terras deles. E depois, não só as outras câmeras foram sendo quebradas por balas, bombas. Algumas foram baleadas duas vezes.

Ele foi baleado duas vezes, preso, e tem uma cicatriz enorme que vem do peito até o baixo ventre. Quase morreu. Queriam parar Emad “batendo, atirando, quebrando minha câmera”.

“Eu uso a câmera para me curar”, diz em um dos documentários. “Eu uso a câmera para proteger as pessoas, sinto internamente que a câmera é uma proteção muito forte”. Burnat lamenta que nada tenha mudado, não só com seus documentários, mas com os vários existentes no mundo revelando tragédias semelhantes, ou piores. Mesmo que continuem ocorrendo coisas absurdas com as famílias de agricultores palestinos, enquanto as crianças são filmadas jogando futebol com

71 <http://www.youtube.com/watch?v=uDEQHKTXXVis>

seus uniformes da seleção brasileira – a casa de Emad tem na porta uma bandeira brasileira.

“É muito importante ser uma testemunha e filmar, mostrar essas histórias diferentes para gente de diferentes países. Mas não tem sido muito efetivo, pois isso acontece em vários países e nada tem mudado. O mundo vê e não faz nada”, ele diz.⁷²

A insanidade continua em tantas parte deste planeta. Há olhos que veem, filmam, registram, difundem. Mesmo que não nesta era, mas num futuro, arqueólogos cibernéticos talvez resgatem essas histórias de pura luta pela vida. Não terá sido em vão?

A história de Emad se insere na de tantos documentaristas/midiativistas do cotidiano espalhados pelo mundo. A câmera pode proteger, a câmera pode curar dependendo das mãos em que esteja. Esses ativistas, em seus variadíssimos estilos e histórias, solitários ou em coletivos, de qualquer maneira já viraram uma página da história da comunicação. As denúncias chegaram e continuam chegando aos olhos do mundo em instantes.

Esses ativistas mostram as multiparcialidades, as várias faces dos acontecimentos que se multiplicam nos cotidianos de bilhões de seres humanos e não são veiculados pela mídia tradicional. São os olhos que tudo veem.

O que irá acontecer com a Mídia Ninja? O que você gostaria que acontecesse? Perguntei ao ninja Filipe Gonçalves, que não se considera um jornalista, mas um comunicador social. Ele respondeu:

“Não sei. Eu gostaria que o aplicativo *streaming* fosse tão difundido quanto um despertador no celular. Que uma pessoa visse um mau atendimento num hospital, por exemplo, e filmasse e transmitisse o cotidiano. Criando consciência de que a impunidade será jogada no ar”.

⁷² <http://www.youtube.com/watch?v=Mpx5LOuw9gU>

Capítulo VIII

Não haverá retorno ao normal

Uma pesquisa publicada em agosto de 2013 revelou que 34,9% dos entrevistados acreditam que a mídia defende seus próprios donos; 31,5% que os meios de comunicação estão do lado de quem têm mais dinheiro e outros 20,6% disseram que os grandes veículos defendem os políticos.

Segundo o trabalho, encomendado pela Fundação Perseu Abramo, apenas 7,8% dos brasileiros acreditam que os meios de comunicação defendem os interesses da maioria da população.⁷³

A perda de credibilidade é um entre muitos fatores responsáveis pela crise da mídia, e também o corolário. Seu negócio – que consiste em um processo centralizado, verticalizado, hierárquico, não interativo – defronta-se com outro modelo, um mundo de processos em redes descentralizadas, horizontais, interativas, sem hierarquias.

O processo da organização social em redes não é absolutamente novo. Mas se trata, como diz Castells, de uma nova morfologia social, que modifica a sociedade em geral. E “o novo paradigma da tecnologia da informação fornece a base material para sua expansão penetrante em toda a estrutura social”.

E dentro deste quadro, o que acontece com os jornalistas?

A saga dos jornalistas

Uma pesquisa concluída em 2013 pela ECA/USP investigou o perfil dos jornalistas e as mudanças no seu mundo do trabalho. Entre 538 entrevistados em São Paulo, a maioria pertence à classe média, é jovem (até 30 anos) branca, do sexo feminino e não tem filhos. Curso superior completo e especialização, carga horária de trabalho de oito a dez horas por dia e a faixa salarial de R\$ 2 mil a R\$ 6 mil.⁷⁴

A partir da década de 1990 intensificou-se a chamada “flexibilização”, contratados sem registro em carteira, terceirização, contratos de trabalho por tempo determinado, contrato de pessoa jurídica (PJ), cooperados e *freelancers*, entre outros.

Não há como planejar a vida em termos econômicos ou afetivos. Segundo a pesquisa, trabalhando para vários lugares, sozinhos, em casa, os jornalistas

73 <http://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2013-08-16/so-78-acham-que-meios-de-comunicacao-defendem-interesses-da-populacao.html>

74 “O perfil do jornalista e os discursos sobre o jornalismo: um estudo das mudanças no mundo do trabalho do jornalista profissional em São Paulo”, ECA/USP com apoio da FAPESP.

<http://agencia.fapesp.br/18409>

aplicam seus conhecimentos em várias áreas, entre outras a revisão de trabalhos acadêmicos até a venda de pacotes de assessoria de comunicação para políticos.

Às multicompetências exigidas – que permitam a atuação em diversas plataformas: imprensa, TV, rádio, internet, e em diferentes linguagens: verbal, escrita, sonora, fotográfica, audiovisual, hipertextual –, acrescentam-se noções de marketing e de administração,” visto que se prioriza a visão de negócio/mercadoria já inserida no produto cultural, por meio do tratamento dado às pautas e à segmentação de públicos”.

Uma regra importante no mundo do trabalho também foi quebrada: a transferência de saberes profissionais de uma geração para outra.

Os autores da pesquisa lamentam que “o limite e a separação entre as orientações da redação de um veículo de comunicação e a área comercial da empresa, antes tão fundamentais para a credibilidade do exercício profissional, hoje sequer fazem parte do repertório das novas gerações”.

E, por fim, a pesquisa verificou que, para grande parte dos jornalistas, a informação é uma mercadoria como outra qualquer.

Muitos registros, pouca narrativa?

Em debate realizado no fim de 2013, em São Paulo, jornalistas de *O Estado de S.Paulo*, *Folha de S.Paulo*, *Carta Capital* e *Rádio Cultura*⁷⁵ discutiram sobre as manifestações de junho e julho de 2013. O ponto de partida foi a avaliação da qualidade das narrativas jornalísticas daquele fenômeno.

Os jornalistas discutiram sua atuação, e Laura Capriglione, da *Folha de S. Paulo* afirmou que a imprensa, de modo geral, foi pega de surpresa diante das manifestações.

No debate, o distanciamento dos jornais e revistas da realidade social, os jornalistas como reféns de declarações oficiais foram alguns dos principais motivos apontados.

Claudio França, do IPPRI-Unesp comentou que a questão social passou a ser uma questão de polícia, e é narrada, com uma visão profundamente conservadora, nos programas de TV e rádio, à tarde e à noite.” Até que ponto a gente pode dizer que a imprensa foi pega de surpresa por conta disso?”

Para Matheus Pichonelli, da *Carta Capital*, as pessoas estão descontentes, na rua, com a imprensa, estão fugindo dos jornais no horário nobre, não leem os veículos tradicionais porque tanto as redações como as universidades se encastelaram e estão perdendo o pé da realidade. “Quantas vezes discutimos o caos aéreo? Como se esse fosse o grande problema do país. E a cidade pegando fogo. 75 “Ruas em Movimento”, projeto de iniciativa conjunta do Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais (Ippri) da Unesp, Observatório da Imprensa e Instituto CPFL/ Cultura. http://www.observatorioidaimprensa.com.br/news/view/muito_registro_pouca_narrativa

Quem trabalha em redação não anda de ônibus. Perdemos o pé em não dialogar com certos grupos da cidade. Não percebemos que criamos um recorte da sociedade e que falamos para nós mesmos, para o nosso próprio grupo. Precisou a periferia vir para a cidade e cobrar. Nós não estamos na periferia.”

Segundo Laura, “nós estamos falando de periferia num sentido mais amplo. Estamos falando de uma cidade demandante e que não encontra interlocução nos veículos”.

A multiplicidade de registros das manifestações foi saudada, entretanto registrou-se que houve, e há, poucas narrativas. Laura Capriglione considerou o grande furo “os infiltrados da polícia do Rio participando da depredação. Aquilo ali tem um peso de denúncia gigantesco. Ninguém nem da grande nem da pequena imprensa pegou. É aquela coisa que só pôde ocorrer por causa da multiplicação de registros e porque havia um canal para se divulgar isso, que naquele momento era a Mídia Ninja. Não porque fosse um ativista do Ninja que tivesse captado, mas porque eles abriram um canal. Tão relevante que foi parar no *Jornal Nacional*”.

E nessa mesma multiplicação de registros, a jornalista considerou indistintas as coberturas da grande e da pequena imprensa. Disse que houve relatos de jornalistas da mídia impressa sobre violências sofridas, assim como da mídia digital. “E o que a grande imprensa tinha de diferencial é que ela chegava aos coronéis, no governador... Mas do ponto de vista da dinâmica interna da manifestação, não acho que teve uma diferença grande entre uma coisa e outra”.

Bruno Paes Manso não gostou de ser hostilizado, como os repórteres da grande imprensa. “E de toda essa discussão: “Agora é o Mídia Ninja”. Não pela Mídia Ninja. Acho bem legal que surgiu, acho interessante, temos vários motivos para sermos hostilizados, temos vários defeitos, mas esse chavão de “grande mídia” me irrita. E eu acho que a discussão é o que é bom jornalismo e o que é mau jornalismo. O que é boa reportagem e reportagem ruim. Quando a gente acerta, quando a gente erra. Quais são os temas a serem abordados e quais não. Ao invés de “a grande mídia faz tudo errado” e “a mídia alternativa faz tudo certo”.

Ele afirma já ter debatido com Bruno Torturra num evento. Como a Mídia Ninja tinha acesso aos black blocs, e como, para se fazer o processo, seriam usadas muitas imagens de televisão, “então as imagens da Mídia Ninja serão usadas para processar os black blocs. Eu disse para ele: É jornalismo, mas não está faltando narrativa aí? E aí, o que é bom jornalismo e o que não é? O que é mídia alternativa e mídia tradicional? São questões que eu acho que também precisam amadurecer”.

Laura afirmou que fala de grande e pequena imprensa

“porque é óbvio, tem uma diferença, ao menos de salário. Pega seu salário e o dos caras. É quase uma coisa de luta de classes. Eles olham para você e veem um burguês (eu olho para você e também vejo um burguês...). Os equipamentos

que esses meninos usam são celulares, câmeras semi-profissionais. Claro, tem os bem equipados. Existe uma diferença quase que de classe mesmo. Aqui estão os jornalistas bem remunerados, ali os que estão como voluntários.”

A jornalista apontou também a falta de interface. Ela entende como um grande problema para as coberturas o fato de os protestos serem muito liquefeitos. “A parte institucional não existiu. Até nos movimentos mais terríveis de explosões sociais, como foi o movimento contra a carestia nos anos 80, tinha PC do B que fazia a interface. Nos movimentos pela democratização... Dessa vez o que a gente viu foram as organizações tradicionais e semitradicionais totalmente escanteadas. Aquela história de o PT ter sido expulso da avenida foi uma coisa importante. Se tem um fato importante nesse ano, pela primeira vez o PT foi expulso de uma manifestação. Os deputados do PT que apareciam estavam perdidos. Eles não vão nos ajudar a fazer a narrativa. E ao mesmo tempo, a gente tem uma dificuldade de entrar nesses movimentos.

Por paradoxal que seja, nós hoje temos um monte de registros e pouca narrativa. Eles abrem a câmera e é isso que aconteceu. Agora, a narrativa que dá sentido, nexos – começo, meio e fim –, isso nós ainda estamos superdevendo. Mas vamos ser sérios. Também Mídia Ninja não fez. Ninguém fez. É um buraco ainda.”

O lugar de narrativas como começo, meio e fim está no modelo atual da imprensa escrita e televisada. O entendimento é diverso entre esta concepção e a dos ninjas e midialivristas em geral. Na verdade trata-se de contra-narrativas em tempo real, que se opõem às narrativas da grande mídia e por isso despertaram o interesse público. Disputaram pautas com poderosos grupos de comunicação. Eram seguidos pelos jornalistas das grandes redações.

Ninjas em 2014

No início de novembro de 2013 o FDE foi escolhido pelo *Nominet Trust* uma das 100 organizações mais inspiradoras do mundo ao lado do *Creative Commons*, *Wikileaks*, *Mozilla Firefox*, *Bitcoin*, *Bit Torrent*, *Avaaz*, e dos brasileiros *Catraca Livre* e *Comitê para a Democratização da Informática (CDI)* entre outros.

O *Nominet Trust* é a mais abrangente e atualizada lista global das mais inspiradas aplicações da tecnologia digital pelo bem social, e um dos principais financiadores de empreendimentos do Reino Unido. O júri foi formado por especialistas da *BBC*, *Financial Times* e Universidade de Oxford, entre outros.

O ranking lista, anualmente, os 100 maiores projetos no mundo geradores de impacto social, selecionados dentre 400 inscritos. Para a escolha foram levados em conta três critérios: projetos que inspirem novas soluções para problemas difíceis, impactos em milhões de pessoas e modelos que poderiam servir de inspi-

ração para novos projetos. O Fora do Eixo entrou em duas categorias do *Nominet Trust 100*: acesso ao conhecimento e envolvimento da comunidade.

Desde março de 2014, a Mídia NINJA entrou no acervo permanente do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM) ,após a mostra Poder Provisório, com fotos de vários profissionais sobre as manifestações de 2013.

Desde junho de 2014 está no ar o portal da Mídia Ninja, em parceria com a plataforma Oximity (lançada por programadores alemães),buscando maior liberdade de edição, mas continuando no Facebook. A troca de serviço não envolve dinheiro, mas um contrato inicial de um ano em que a Ninja oferece subsídios para o desenvolvimento da plataforma pelo Oximity.

Além de negociar uma parceria com a Fundação Ford, também serão buscados recursos via Crowdfunding pelo portal.

Em março de 2014 o ninja Rafael Vilela afirmava que, “após as manifestações retomamos nossos processos anteriores. Estamos focando em grandes reportagens, temas mais específicos. Já fizemos documentários bem recebidos sobre mineração, índios. Temos nove encomendados, os seringueiros do Acre pediram, a Noruega pediu o lado B da Copa.

O documentário *Enquanto o Trem Não Passa*, resultado de parceria com o Comitê Nacional dos Territórios Frente à Mineração foi gravado em três estados ao longo de dois meses – Maranhão, Pará e Minas Gerais – entrevista atingidos pelos impactos e a devastação provocada pela mineração, atividade econômica que cresceu 550% nos últimos 10 anos no país.⁷⁶

Segundo Rafael, boa parte dos documentários focaliza a área socioambiental e já existe financiamento de ONGS internacionais.

Mais de 500 pessoas, espalhadas por todo país, fizeram transmissões e coberturas pela Mídia Ninja em 2013. Em São Paulo, entre 30 e 40 pessoas ligadas à Mídia Ninja frequentam a Casa FdE, discutem, levam pautas.

Desde o segundo semestre do ano passado surgiram inúmeros coletivos de mídia digital pelo país, segundo Rafael “no Rio já são mais de 20, além de Fortaleza, São Paulo, é difícil contar. E formamos o hub de ativismo internacional, conexão com redes da América Latina”.

“Não temos interesse de controlar o que vai ser”, replica Rafael, conforme proclamam desde o início: a Mídia Ninja trabalha para se tornar desnecessária, perder o controle, inspirar uma série de outras iniciativas.

“Nossa lógica é a junção e entender o jornalismo enquanto ativismo, o jornalismo como ferramenta. O jornalismo pode e deve ter um posicionamento claro. Nosso trabalho continuará focado nas contra-narrativas”.

Desde 2013 os ninjas promoveram/foram convidados para inúmeros debates com entidades, associações, eventos públicos, universidades publicas e priva-

76 <https://www.youtube.com/watch?v=cEorAlteUWA>

das, para refletir a prática da cobertura em manifestações pelo Brasil. Por exemplo, no Rio, na UERJ, UFRJ, PUC, FACHA, Cândido Mendes, UFF. Segundo Filipe Peçanha, “em todas vieram elogios e principalmente críticas construtivas para que aprimorem as metodologias em fluxo da plataforma”.

No Brasil Profundo há inúmeras narrativas que precisam de visibilidade, postou Peçanha em sua página.

“O Norte é uma das regiões do Brasil onde as ações midiativistas podem ser das mais simbólicas e estruturantes. Tanto pela pluralidade e riqueza de da cultura até as várias violações dos direitos humanos que afetam a sociedade. Do Carnaval das Águas – que resiste como festa do Rio Amazonas, barcos alegóricos que visitam as comunidades ribeirinhas com fantasias e cantigas folclóricas; às famílias atingidas pela mineração – como as casas que são demolidas para o trem de minério passar; Seguimos em movimento pelo#BrasilProfundo “.

Futuro

Poderia se estranhar que os debates sobre a atuação a Mídia Ninja tenham sido principalmente travados na grande imprensa escrita – além da rede social, claro. Não foi no lugar dos repórteres da TV Globo, sitiados no alto de prédios, que entraram os ninjas, com seus celulares, nas ruas? Na TV aberta, apenas houve debates na Roda Viva, da TV Cultura e no *Observatório da Imprensa*, na TV Brasil e nos canais por assinatura Record News e Band News.

No futuro, a televisão e seu jornalismo, funcionando atualmente no modo analógico, mas com tecnologia digital, só poderá disputar com outras mídias partindo para a interatividade não apenas na aparência (“mandem seus vídeos para nós”, e /ou lançando às ruas “ninjas” com celulares, mas sem voz) mas efetivamente descentralizando seu modelo.

A grande preocupação da imprensa escrita com os ninjas, e muitas vezes sua criminalização seria resultado da falta de atualização com a evolução, em todo o mundo, da transição do processo digital para o analógico.

Pergunta: Qual seria o futuro da imprensa escrita?

Para o jornalista e sociólogo Ignacio Ramonet, diretor do *Le Monde Diplomatique*, “o papel não vai desaparecer, nem os jornais. Na história da mídia, os meios não acabam, se superpõem. A ópera não acabou com o teatro, o teatro não acabou com o cinema, o cinema não acabou com a TV e a TV não vai acabar com a internet.

Vão desaparecer vários jornais. O papel do jornal é específico. Se os jornais se vendem menos, há menos necessidade de papel de jornal. As fábricas produzirão menos papel, e ele ficará mais caro. O perigo é que os jornais podem desaparecer por causa desse problema e as impressoras também serão obsoletas.”

O professor Massimo di Felice, da ECA/USP, afirma que “haverá grande fragmentação de empresas e a imprensa escrita do futuro será especializada, temática, e deverá adquirir o seu sustento disputando no livre mercado”.

A grande mídia se dividirá em setores diferentes: científica, política, econômica, etc. criando outro tipo de mercado e outro tipo de cultura da informação. Uma mídia especializada e, ao mesmo tempo, generalista, que vai distribuir informações gerais.

Pergunta: Informações ou reflexões?

Não há um sem outro. Refletir em cima da informação produz a mídia especialista, um olhar mais cultural, político, sociológico. A mídia em geral continuará a existir, não vai ser uma, e não determinará a opinião. Terão cada vez mais sucesso quanto mais forem Mídia Ninja, capazes de estar no meio do clima de opinião e dialogar com o que a sociedade está querendo.

Pergunta: Mas a grande mídia parece ainda não saber lidar com isso.

As novas gerações saberão. A grande mídia não está compreendendo. Ou, em alguns casos, há um não querer compreender, e criminalizar qualquer coisa que seja diferente. Mas isso vale também para os políticos, para as igrejas, para qualquer forma de centralização.”

Capítulo IX

Mídia de massas versus massa de mídias

Massimo di Felice é sociólogo pela Universidade La Sapienza de Roma e doutor em Comunicação pela Universidade de São Paulo, professor da Escola de Comunicações e Artes da USP e coordenador do Centro de Pesquisa Atopos (ECA/USP). Nesta entrevista, concedida em agosto de 2013, ele nos fala sobre a importância das transformações tecnológicas na construção da esfera pública, desde Gutenberg até a nova arquitetura das redes sociais: não mais a produção centralizada de informações e sua distribuição por grandes canais, mas um modelo baseado na produção de informações de todos para todos.

Neste capítulo também há trechos de seu *artigo Massa de Mídias* publicado no caderno Aliás, de *O Estado de S. Paulo* em 11 de agosto de 2013.

A mídia, a construção da esfera pública deu-se por consequência de transformações também tecnológicas.

A esfera pública, a democracia opinativa, a mídia como forma de multiplicação de opiniões nasce não apenas como resultado de transformações políticas, o fim do mundo feudal e o nascimento da sociedade de contrato mas, como observa Marshall McLuhan, nasce também como consequência de uma inovação tecnológica, que foi determinada pela invenção dos caracteres móveis da imprensa de Gutenberg, na metade do século 15 e gerou, um século e meio depois, a difusão dos ideais iluministas, que levaram à Revolução Francesa. Sem seus panfletos, jornais, sem a publicação da Enciclopédia, sem aquele conjunto de impressões tipográficas, provavelmente a revolução iluminista não teria acontecido. E, sobretudo não se teria quebrado o monopólio da cultura feito pela Igreja Católica, que até então detinha nas bibliotecas dos mosteiros todo o saber ocidental.

Esse elemento tecnológico de ruptura que contribui para determinar a passagem de uma sociedade feudal, teocêntrica, para uma sociedade por contrato, baseada na razão e no livre mercado, na troca de ideias e de bens, é fundamental para entender que as democracias ocidentais nasceram em um contexto no qual a multiplicação de opiniões, de pontos de vista, de informações, coincide com a multiplicação da tecnologia. E com a diversificação da tecnologia para a produção de conteúdo.

A tecnologia dos jornais, da imprensa, é uma tecnologia unidirecional, analógica, que continuava a tradição da história da comunicação no Ocidente, que

começa com o teatro, com a oralidade, continua com a escritura e chega até Gutenberg, à impressão.

Qual a característica desta forma de produção e distribuição de conteúdo?

É a emissão de mensagens de um centro para a periferia. A construção de mensagens depois impressas e publicadas num jornal para o grande público. A produção de imagens, consolidadas e distribuídas em cadeia nacional por um grande canal de TV. Este é um modelo analógico, o modelo da mídia de massa, da esfera pública, da opinião, dos fluxos informativos que são caracterizados para a contínua formação de opinião criada pela mídia, para autoria das agendas settings (N.da A. a mídia determina a pauta), etc. São ligadas à lógica do líder de opinião que é, como estudos demonstraram, o intermediário entre a grande mídia e a população. Pessoas carismáticas, indivíduos que tinham papel reconhecido pela população e traduziam o discurso da mídia para um público maior.

Todos esses esforços eram os fluxos que determinavam opinião, criavam a pauta pública. No contexto contemporâneo, estamos frente à outra revolução comunicativa que muda por inteiro tecnologicamente este modelo de construção, produção e distribuição das informações.

Uma nova arquitetura de construção da esfera pública

O modelo das redes sociais não é mais analógico, baseado na produção centralizada de informação e na distribuição desta por grandes canais. Mas é um modelo baseado na produção de informações de todos para todos. Isto é, todos os indivíduos podem produzir informação e distribuí-la na rede, com um potencial de distribuição tecnologicamente igual a qualquer outro.

Logo em seguida aos primeiros dias dos protestos, em junho de 2013, quando a grande mídia estava criticando os movimentos, as imagens mostraram cenas onde claramente havia abuso de poder por parte da polícia, formas explícitas de violência e essas imagens se difundiram pelas redes digitais para o Brasil inteiro. Isso determinou uma mudança de opinião por parte da grande mídia, e, sobretudo por parte da população. O que significou claramente a evidência de um novo tipo, de uma nova arquitetura de construção da esfera pública, onde todos os indivíduos produzem conteúdo com poder de distribuição igual ou, em alguns casos, superior àquele produzido pela grande mídia.

Essa transformação tecnológica é o contexto principal, o ponto privilegiado a partir do qual devemos pensar o que está acontecendo. Quando surgiu a

Imprensa, a Igreja Católica queimava os livros nas praças. A centralização nunca quis, naturalmente, abrir espaço para a descentralização. Então, no mesmo momento em que se queimavam 100 livros nas praças europeias, eram reproduzidos outros mil. Esta é, claramente, a dimensão do que está acontecendo hoje.

A multiplicação de linchamentos à Mídia Ninja é uma tentativa de queimar informações, mas surgirão outras centenas de Mídias Ninjas. Outras centenas de Fora do Eixo. As tecnologias que a Mídia Ninja usa, e outras formas de cidadania usam chegaram à população via mercado, este é um elemento fundamental. Há até mesmo na entrevista no programa *Roda Viva*, um senso comum segundo o qual a mídia comum é a das grandes empresas e a mídia digital produzida pelo cidadão é alternativa e contra o mercado. Isto é obviamente errado, porque todos os celulares que filmaram as manifestações, iPhones, iPads, apps, chegaram à população não por uma lei, uma regulamentação feita pelo governo que democratizava o acesso à mídia. Chegaram pela produção do livre mercado.

Assim, há um elemento histórico e central para nós que estudamos a mídia. O livre mercado e as livres ideias sempre andaram juntos. O que a grande mídia representa é um desvio do livre mercado de forma monopolística. E justamente está sendo posta em discussão, de certa forma pela mesma divulgação tecnológica proporcionada pelo mercado, enfrentando crises econômicas. Hoje o faturamento das grandes empresas midiáticas do Brasil vem caindo vertiginosamente. A Globo está fazendo previsões com metade do orçamento. Isso porque diminuiu a audiência, o que provoca diminuição da publicidade. Trata-se de um novo mercado, e a imprensa escrita não vai acabar, mas não será mais a voz privilegiada, e vai disputar as informações com uma quantidade de outras mídias.

Em artigo no jornal *O Estado de S. Paulo*, o professor analisa como as novas tecnológicas programam uma nova cultura social:

Nos diversos cantos do Brasil e em cada tipo de “periferia”, o advento das tecnologias digitais implementou não apenas novas práticas comunicativas, mas uma nova cultura social, um novo tipo de protagonismo e de cidadania. Isso vai desde as produções digitais das comunidades indígenas, que passaram a registrar suas culturas e a expressar sua visão de mundo e reivindicações nas redes, aos jovens das periferias metropolitanas que contribuíram para o processo de pluralização cultural e de multiplicação de pontos de vista. Passando também pelas formas mais avançadas das experiências do Baixo Centro e dos movimentos públicos e apartidários contra a corrupção e pela gestão transparente dos recursos públicos.

Esse processo descentralizado criado pelas tecnologias digitais foi se expandindo até transbordar nas ruas em junho.

Ponta de iceberg e, portanto, parte visível de um processo mais amplo que contrapõe dois modelos de comunicação que o cientista social John D. Peters identifica nas diversas formas de distribuição de informação propostas pelas narrativas das grandes religiões monoteísticas (baseadas num modelo disseminador de um para muitos) e no modelo dos diálogos socráticos (baseado, ao contrário, numa dinâmica relacional, num tipo de ecossistema comunicativo no qual a comunicação acontece somente através da colaboração e da contínua interação entre diversos atores).

Nesse segundo modelo não há mais a predominância da disseminação de informação de um centro para os públicos em volta. Há, sim, a construção colaborativa de narrativas e conteúdos feitos por muitos atores e resultantes em uma pluralidade de pontos de vista. É essa distinção tecnocomunicativa que diferencia e separa as grandes empresas midiáticas da Mídia Ninja e das demais formas de produção e distribuição de informações em redes. As empresas midiáticas tradicionais, formadas e desenvolvidas com base no modelo analógico, disseminam informações por meio de fluxos informativos unidirecionais. Já as mídias em redes, como a Mídia Ninja, atuam através de uma forma comunicativa de construção colaborativa de conteúdo.

1 - O fim do mediador

A cultura dependerá cada vez menos de mediadores. Sistemas descentralizados e em rede afetam os gigantes verticalizados de intermediação.

Ladislau Dowbor é professor de economia nas pós-graduações em economia e em administração da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), e consultor de várias agências das Nações Unidas. Em seu artigo Redes culturais: desafio à velha indústria da cultura, no site Outras Palavras ele acentua:

<http://outraspalavras.net/posts/redes-culturais-desafio-a-velha-industria-da-cultura>

Estamos na era digital, da conectividade planetária, mas carregamos uma herança de sistemas de produção cultural e jornalística essencialmente controlados por gigantes da intermediação, a chamada indústria cultural e o oligopólio da mídia. Adotaram tecnologias digitais nas imagens, mas como cultura organizacional seguem na era analógica. O pano de fundo, é que hoje, com as novas tecnologias tanto de produção como de divulgação de conteúdos, abriram-se oportunidades de sistemas radicalmente descentralizados e em rede, o que afeta os gigantes verticalizados de intermediação. Os que produzem conteúdos não precisam mais esperar para serem dos poucos selecionados pela grande mídia ou pelo oligopólio da música. A gente não vai mais se ver só na Globo.

Segundo Dowbor:

Na prática, o que está se gerando, é uma ampla desintermediação de acesso à cultura e à informação, aproveitamento inteligente do potencial das tecnologias da era digital.

No I Congresso Internacional de Net-Ativismo, realizado no início de novembro de 2013 na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) o filósofo Pierre Lévy, ex-professor do Departamento de Hipermídia da Universidade de Paris-8, atualmente titular da cadeira de pesquisa em inteligência coletiva, na Universidade de Ottawa (Canadá) afirmou: “mesmo que o sujeito não produza os dados, determinar os mais importantes já é uma grande coisa. Você determina o que é importante para você e indica aos outros na rede, e assim transforma a estrutura da memória coletiva”.

Em março de 2014, em palestras no SENAC/SP sobre “Ciberdemocracia e inteligência coletiva”, Lévy afirmou que a comunicação hoje, no ambiente online, é feita pela modificação da memória comum. Para gerenciar seu conhecimento pessoal, sem a presença dos antigos mediadores, Lévy indicou alguns passos, aqui resumidos basicamente, ressaltando a importância do pensamento crítico:

Você deve manter a mente aberta, determinar as prioridades do seu aprendizado, então, conecte-se com fontes valiosas. E atenção: Twitter e Facebook são plataformas. Fontes são pessoas e instituições.

Escolhidas as fontes, você deve juntar as informações dessas fontes e filtrá-las. É importante filtrar, você não pode usar tudo, tem de escolher. Existem também formas de filtragem automática, eu por exemplo tenho várias listas no Twitter e um programa extrai as mais interessantes. *Scoop. it* é uma das plataformas para este fim.

Depois de estabelecidas as prioridades, você conectou fontes, juntou, filtrou, categorizou, por fim pode registrar. É o resultado da metodologia organizada consciente. Registrar para sua memória a longo prazo, e isso se chama “curadoria de dados”, um termo emprestado das Artes.

Estamos na posição de curadores pois não somos autores dos dados, mas criamos um conjunto relevante em relação a um objetivo particular, ou prioridades particulares. Fazer um post no seu blog é compartilhar, mas pode postar também em várias redes e receber feedback. Uma vez se envolvendo num diálogo criativo, pode refletir novamente a respeito de suas prioridades e refazer o ciclo. A isso chamo de gerenciamento de seu conhecimento pessoal.

Sabendo fazer você não precisa de professor, aprenderá através da participação em conversas online. Mas precisa ser ativo, se não participar com pensa-

mento crítico não aprende. Ao fazê-lo, aprende pessoalmente e ajuda outras pessoas a aprenderem.

Na revista *UNESP Ciência*, edição de julho de 2013, o jornalista e coordenador do curso Gestão de Mídias Digitais da Fundação Getúlio Vargas Luciano Martins Costa analisa a transição na qual a cultura depende cada vez menos de mediadores:

A melhor alternativa, então, é recorrer às mídias sociais digitais, onde uma variedade de protagonistas faz a crônica direta dos acontecimentos, sem edição ou interpretação. Imagens e sons falam diretamente ao espectador, que também se integra ao processo pela possibilidade de retransmitir o conteúdo e enriquecê-lo com sua própria vivência. Composto com os meios tradicionais, esse conjunto forma o sistema de sistemas que permite observar melhor os eventos, complementando, atualizando ou corrigindo a versão do *mainstream*.

Para o jornalista e blogueiro Luis Nassif “a capacidade da mídia tradicional de pautar o país acabou” segundo afirmou no Centro de Estudos de Mídia Alternativa Barão de Itararé, em 10 de outubro de 2013, em debate com o jornalista espanhol Ignacio Ramonet.

Todo grupo de opinião vai se organizar e disponibilizar informações na internet. Se você procura informações sobre legislação, vai encontrá-las no site da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil). Se procurar informações sobre engenharia, dirige-se ao site do Instituto de Engenharia e assim por diante. Não é mais o repórter que faz uma entrevista, cujo editor destaca o que interessa à linha do jornal. Essas informações são como cópiões de matéria, e exigirão jornalistas para dissecá-las.

Desde a década de 1980, no Brasil, auxiliados por cineastas-antropólogos, indígenas começaram a filmar seu cotidiano. Eles sempre foram objeto de interpretação das mídias, e hoje podem produzir seus conteúdos diretamente. Isso acontece hoje também com as demais minorias, e com qualquer cidadão que se dispõe a narrar o que quiser com seu celular e postar na internet.

Ao contrário da web 1.0 – no período de 1990 até início da década de 2000, que foi a fase de transição da publicação física para a digital, onde se tratava mais de um ambiente de leitura, com pouca interatividade –, a web 2.0 é a revolução digital iniciada pela internet. A autopublicação em blogs, redes sociais, não mais apenas entidades e jornalistas produzindo e distribuindo informação. Os usuários são parte do espetáculo.

O jornalista anglo-americano Andrew Keen⁷⁷ é um dos grandes críticos da tecnologia no Vale do Silício. Autor de *O culto do amador*, em entrevista a Jorge Pontual no programam *Milênio*, em 2009, afirma que a tecnologia permite que todos sejamos conectados, mas há muito ruído, pouca qualidade. Crítico da internet, embora fã e usuário das novas tecnologias, escreveu este livro por entender que “elogiar integralmente a internet é feticizar a inocência”.

Ele cita o fundador da Wikipédia, Jimmy Wales, que disse: “Não confio mais em um professor de Harvard do que em um garoto de 15 anos para postar na Wiki”. Ora, afirma Keen, “alguém com 30 anos de experiência em qualquer setor sabe mais do que um garoto. Algumas pessoas sabem mais do que outras. Pensar desta forma é reeditar Rousseau, com o culto ao inocente. Desta forma perdemos os curadores e a mídia como fonte de informação e diversão confiável”.

Para Keen, com web. 2 ou web.3 – com novas fontes em tempo real, como o Twitter – as pessoas críticas que o fenômeno lança devem ser descobertas e pagas. “O desafio da mídia tradicional é encontrar essas pessoas, aperfeiçoar seus conteúdos e garantir que elas tirem sustento deles. Não gosto da idealização da criatividade com sacrifícios.”

A professora titular da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) Elizabeth Saad Corrêa e a doutoranda Daniela Bertochi escreveram um artigo em 2010 tratando da configuração de um jornalista-curador.⁷⁸ Originalmente as definições de curadoria são calcadas nas Artes e no Direito e as autoras assumem a de Steven Rosenbaum: “Curadoria é quando o homem agrega um valor qualitativo àquele conjunto de informações que está sendo compilado e organizado (ainda que seja num primeiro momento reunido por máquinas)”.

As autoras organizam as principais ideias em discussão sobre a influência da chamada terceira onda da *web* nos campos da informação jornalística e da Comunicação como um todo. Elas apresentam e explicam o funcionamento da WS, os algoritmos e os *apps* – elementos técnicos fundantes para a existência dessa recente camada técnico-informativa, a pré-*web* 3.0 e discutem a proposição de que o comunicador em geral e o jornalista em particular rumam para a absorção de mais um papel em sua atuação, que seria o jornalista-curador.

A cena cibercultural que o mundo informativo adentra exigirá, novamente, um reposicionamento cultural e comportamental, tanto dos profissionais de comunicação, como das empresas informativas. A introdução da atividade/papel de curadoria deve persistir ainda pelos próximos anos.

(...)

77 <http://www.youtube.com/watch?v=42HMe94fgyI>

78 www.revistas.usp.br/matrizes/article/download/38329/41185

Desse conjunto, emerge como ponto agregador a (re) valorização da palavra como matéria-prima essencial para a prática informativa no mundo semântico. (...) Mas certamente um cenário de extrema valorização da palavra e, portanto, de seus artífices – jornalistas e comunicadores – que têm diante de si a perspectiva de consolidação de seu papel na sociedade digital maquínica que parece emergir.

Como dizem as autoras, “novamente um cenário de incertezas? O mundo digital da Comunicação parece conviver com a incerteza desde os primórdios da rede, estando esta incorporada em sua rotina”.

2 - Midialivrismo, o que é isso?

A mídia livre tem inspiração jornalística na imprensa alternativa, mas suas demandas e construções são de ordem mais diversa e plural

A Mídia Ninja foi criada por midialivristas, estudantes universitários de diversas áreas ligadas à comunicação, que em geral começaram o ativismo com web-rádios, rádios comunitárias, movimento Fora do Eixo etc.. O termo vem de mídia livre, mas não foi inventado no Brasil, embora sempre tenhamos tido por aqui experiências de mídia alternativa. A começar por Hipólito José da Costa que, sozinho, criou e editou em 1808 e durante 14 anos o *Correio Braziliense*, considerado o primeiro jornal brasileiro. Vivia refugiado em Londres, para escapar da Inquisição.

O jornalista Alberto Dines, criador do Observatório da Imprensa, costuma chamar os Ninjas de herdeiros da imprensa alternativa. Em seu artigo *Hipólito da Costa era ninja* ⁷⁹Dines afirma:

História é mudança, jornalismo é mudança em alta pressão, mudanças não percebidas geram desastres. Em abril passado, a indústria jornalística brasileira finalmente assumiu a sua crise identitária e estrutural. Em junho, enquanto a sociedade ia para as ruas tentando vocalizar suas frustrações, patenteou-se a incapacidade de nossa imprensa – e de nossas lideranças políticas, acadêmicas e administrativas – em perceber o que acontecia além dos respectivos umbigos.

A Mídia Ninja destacou-se naquele momento. Foi parar no Jornal Nacional – o registro oficial, autorizado, do que acontece. E essa façanha não foi casual, resultou da pasmaceira generalizada, do culto aos formatos rígidos e à inovação burocratizada. Os Ninja entraram em campo com a tecnologia a serviço da autenticidade, da instantaneidade, e não a serviço da cosmética, do glamour e da falsa informalidade. Não chegou a ser um sacolejo real, foi uma promessa de movimento. Ninguém discutiu o seu “modelo negócio”, todos se animaram com o modelo

⁷⁹ http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/hipolito_da_costa_era_ninja

de despojamento.

Dines, então, reporta-se aos anos 1960-70, durante a ditadura militar, ”quando uma imprensa amordaçada ou autocensurada só conseguiu aproveitar as lições e paradigmas da imprensa alternativa, *udigrudi* (de underground) ou nânica, quando o processo de distensão política já estava em andamento. Qual era a matéria-prima da imprensa alternativa? A informação não censurada, a opinião livre.”

O panorama das Jornadas de Junho, quando a Mídia Ninja teve grande visibilidade narrando os acontecimentos em tempo real tem alguma coisa em comum com o de 40 anos atrás, que é oferecer um contraponto à narrativa da mídia tradicional, não mais censurada ou autocensurada, mas muito distante de ser considerada democrática e pluralista. Veja-se, por exemplo, o que diz o historiador Nelson Werneck Sodré, no prefácio à quarta edição do seu clássico *História da imprensa no Brasil*, em 1999.

A grande imprensa brasileira opera, na fase atual, uma tarefa que nunca antes desempenhou: a de deformar a realidade, ou a de escondê-la. (...) Existe profundo divórcio entre o que o público pensa e acredita e necessita e aquilo que a grande imprensa veicula. A alienação dessa imprensa nova – e aqui a palavra não tem qualquer identidade com o moderno e muito menos com o popular — é total”.

Midialivrismo refere-se a cidadãos multimídia, que atuam em iniciativas inspiradas na dinâmica do compartilhamento e na construção da cultura do comum: internet, fanzines comunitários, rádios comunitárias e etc.. Em seu livro *@ Internet e #Rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais*, Fábio Malini, afirma que ”o midialivrista é o *hacker* das narrativas, um tipo de sujeito que produz, continuamente, narrativas sobre acontecimentos sociais que destoam das visões editadas pelos jornais, canais de TV e emissoras de rádio de grandes conglomerados de comunicação”.

Um mapeamento das mídias livres

Em 21 de maio de 2012 o programa Onda Cidadã, do Itaú Cultural, lançou a primeira versão do “Mapeamento sobre Mídias Livres no Brasil”, iniciado em 2009, composto de mais de 250 iniciativas de midialivrismo e ativismo cultural.

O mapeamento registrou iniciativas em todos os estados, a maior parte concentrada na região Sudeste (48%). Mas destaca-se na amostra a região nordeste (16%), que se tornou uma área de atuação de várias organizações sociais ligadas ao campo da cultura. O lugar de realização desta experiência é básica-

mente a internet.

A maior parte dos coletivos, instituições e iniciativas individuais mais organizados de produção de mídia tem a presença do profissional formado em jornalismo, constatou a pesquisa. “A presença também é um marco tendencial simples de compreender: após a emergência da internet como suporte para a produção de notícias, jornalistas foram estimulados a produzir seus conteúdos de modo autônomo na rede, articulando uma nova cena de publicações de imprensa, alargando o espaço público midiático, o que fez acelerar um processo de renovação na linguagem jornalística e o aparecimento de uma profusão de periódicos especializados, com conteúdo atualizado e apurado de dentro dos acontecimentos. Essa cena mais blogueira do que corporativa só terá força à medida que se constitui de modo coletivo, como blogs de humor, blogs de cultura, blogs de economia, enfim, menos como um ato solitário e mais como uma ação coletiva. *Essa “ação entre amigos”* promoverá um rearranjo político naquilo que se convencionou no século passado de “opinião pública”. Se o jornalismo atua dentro dessas experiências, há de se argumentar que a produção de narrativas atuais e histórias, abrangentes e especializadas, e com denúncias e críticas sobre o cotidiano que vivemos é algo que está presente na prática de vida midialivrista.”.

A mídia livre tem inspiração jornalística na imprensa alternativa, mas suas demandas e construções são de ordem mais diversa e plural, como diz o jornalista Renato Rovai.⁸⁰ “O nome Mídia Livre associa-se à luta dos softwares livres e das rádios livres, tendo a liberdade como valor. A luta contra os monopólios corporativos, contra a censura da informação, contra o bloqueio do acesso ao conhecimento”.

Ele considera que o midialivrismo foi semeado em 1989, data da criação da World Wide Web (WWW), a rede na internet. Foi o ano da queda do muro de Berlim, do fim da polarização da guerra fria e do fim da sociedade dos contrastes.

Assim, “iniciava-se o ciclo do plural, da multipolaridade”. E, segundo o jornalista, pode-se dizer que a geração que hoje constrói o que se chama de movimento mídia livre é filha de 1989.

A história da imprensa alternativa no Brasil foi intimamente ligada ao período da ditadura militar.

Eram todos de papel. E quase todos panfletários. Principalmente os que se reivindicavam políticos. Porque alguns daqueles veículos também não eram só políticos. E se inspiravam no movimento da contracultura francesa e estadunidense. Um deles, o *Pasquim*, foi um sucesso editorial. Até hoje nenhum produto de papel fora da mídia tradicional vendeu tanto quanto o *Pasquim*, que chegou a tiragens

80 http://revistaforum.com.br/blogdorovai/2009/01/26/uma_contribuicao_sobre_o_conceito_de_midia_livre

semanais de 100 mil exemplares.

Mas, mesmo o *Pasquim* era caracterizado pela luta contra a ditadura. Pode-se dizer, sendo assim, que a imprensa alternativa no Brasil foi feita de papel (com jornalismo impresso) e que existiu para combater a ditadura militar. Por isso, depois que a ditadura acabou, os jornais alternativos também foram acabando. Ainda hoje há veículos que se reivindicam alternativos, por conta de sua linha editorial diferenciada. Mas eles não representam mais o movimento que os inspira.

Já o movimento de mídia livre não é apenas uma construção de jornalistas e/ou militantes políticos de esquerda.

Ele é muito mais amplo. Quando se definiu pelo nome Mídia Livre, uma das intenções era exatamente a de se associar a luta dos softwares livres e das rádios livres. Mas também a de demonstrar que a construção do movimento tinha por princípio a liberdade como valor.

A luta contra os monopólios corporativos, contra a censura da informação, contra o bloqueio do acesso ao conhecimento. E que buscava ser não uma instituição, uma associação, mas um espaço livre para articulações e para o fomento de iniciativas inspiradas na dinâmica do compartilhamento e na construção da cultura do comum.

Rovai acentua que “não é necessário ser de esquerda para ser midialivrista, mas é impossível sê-lo sem estar associado à prática do copyleft ou do Creative Commons. Quem pensa o mundo na lógica do copyright não pode se reivindicar ou se reconhecer midialivrista. E ser midialivrista também é um ato de se reivindicar e se reconhecer. É por isso que quase todos os midialivristas são de esquerda. Porque não estão associados à crença de que tudo passa pelo mercado. E de que precisa virar mercadoria.”

Assim como existe software livre e milhares trabalhando sem receber nada para desenvolvê-lo, também existe informação gratuita.

Quanta gente em todos os cantos do Brasil e do mundo não está trabalhando de graça para contestar as versões dos conglomerados midiáticos? Quanta gente não está fazendo rádio livre e comunitária nas favelas brasileiras para poder levar prestação de serviço e opções de cultura e lazer diferenciadas para milhões de pessoas? Quanta gente não está fazendo produções em vídeo e construindo um registro alternativo dos nossos tempos ao postá-las, por exemplo, no Youtube? Quanta gente sem ganhar nada não tornou a Wikipédia em um enorme manancial de informação?

Os midialivristas fazem comunicação porque a entendem como direito hu-

mano. As pessoas querem se comunicar, dizer o que pensam, opinar. Elas precisam fazer isso para se sentirem participes de uma sociedade democrática.

Por isso, dá para afirmar sem medo de errar que o movimento da mídia livre é essencialmente político. Até porque ele coloca em xeque a lógica do sistema capitalista. E para usar outro termo desgastado: ele é revolucionário.

Segundo Rovai:

A mídia livre precisa apostar na horizontalidade. Num movimento de milhares. E não em grandes projetos de alguns. Em outros grupos grandes de comunicação que se digam mais pra cá do que pra lá. Que tenham um discurso mais próximo do que acreditamos.

A mídia livre precisa ser colaborativa, horizontal, comum e livre de interesses de grupos. É isso que pode fazer com que esse movimento se amplie. E se torne de fato importante e revolucionário.

3 - A sociedade em rede

O termo “cibridismo” é o estado contemporâneo de se estar entre redes, estar on e offline simultaneamente. Você está offline lendo um jornal tradicional em papel, conversando em sua casa, trabalho, rua, mas ao mesmo tempo, depois ou antes, pode ter acessado seu computador, laptop, tablet, celular.

Hoje, não estamos mais separados do ciberespaço. “Não entramos mais na Internet, ela nos atravessa. ‘Nós somos a rede social’, como disseram os manifestantes brasileiros nas ruas”, sublinha Ivana Bentes, diretora da Escola de Comunicação (ECO) da UFRJ, no prefácio do livro *@internet e #rua*.

Segundo a pesquisadora estadunidense Amber Case⁸¹, uma das conceituadoras do termo cibridismo, se desde milhares de anos fazemos uso de ferramentas, tratava-se de uma questão de extensão física. Hoje, nossas tecnologias estão mais relacionadas com extensões mentais daquilo que podemos fazer. Assim, nossa maneira de socialização está passando por mudanças.

No livro *A Sociedade em Rede*, o sociólogo espanhol Manuel Castells ele explica que, como tendência histórica, as funções e os processos dominantes na era da informação estão cada vez mais organizados em torno de redes:

Redes constituem a nova morfologia social de nossas sociedades e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura. Embora a forma de organização social em redes tenha existido em outros tempos e espaços, o novo

81 http://www.youtube.com/watch?v=_TiU9p0KTSE

paradigma da tecnologia da informação fornece a base material para sua expansão penetrante em toda a estrutura social.

Além disso, eu afirmaria que essa lógica de redes gera uma determinação social das redes: o poder dos fluxos é mais importante que os fluxos do poder. A presença na rede ou a ausência dela e a dinâmica de cada rede em relação às outras são fontes cruciais de dominação e transformação de nossa sociedade: uma sociedade que, portanto, podemos apropriadamente chamar de sociedade em rede, caracterizada pela primazia da morfologia social sobre a ação social.

Para Castells, a sociedade em rede representa uma transformação qualitativa da experiência humana. O primeiro modelo de relação entre a Natureza e a Cultura foi caracterizado pela dominação da primeira sobre a segunda: a luta pela sobrevivência. O segundo modelo, estabelecido nas origens da Era Moderna e associado à Revolução Industrial e ao triunfo da Razão, presenciou a dominação da Natureza pela Cultura.

“Estamos entrando em um novo estágio em que a Cultura refere-se à Cultura, tendo suplantado a Natureza a ponto de a Natureza ser renovada (“ preservada”) artificialmente como uma forma cultural. (...) Em razão da convergência da evolução histórica e da transformação tecnológica, entramos em um modelo genuinamente cultural de interação e organização social. Por isso é que informação representa o principal ingrediente de nossa organização social”.

É, sem dúvida, o início de uma nova era. Um cenário que coloca em cheque os paradigmas até agora conhecidos na vida social, econômica, política, nas artes, enfim, na vida humana do século XXI. Assim como os navegadores, no início da Idade Moderna, singravam mares incertos, os internautas contemporâneos navegam na rede virtual, em suas diferentes configurações, modelando um novo mundo, articulado global e localmente, policêntrico, de relações horizontalizadas, cooperativas, descentralizadas. Um mundo de multiparcialidades e de uma massa de mídias a se contrapor à mídia de massas.

Observações finais

O mal-estar

Respira-se, no ar poluído do século XXI, um mal-estar denso, difuso, que se poderia até cortar com faca.

Não é novo, faz parte da caminhada do homem sobre a Terra e da evolução de sua consciência. “Tudo o que é sagrado é profanado. Tudo o que é sólido desmancha no ar”, escreviam, em 1848, os jovens Karl Marx e Friedrich Engels, sobre outras revoluções.

O mal-estar na civilização já havia sido detectado por Freud em 1930, investigando o conflito entre instintos e cultura. Em 1997 o sociólogo polonês Zygmunt Bauman fez uma reflexão sobre *O mal-estar da pós-modernidade*, as ansiedades modernas, o medo, derivados da troca da ordem pela busca da liberdade.

A crise da civilização ocidental origina-se de uma cultura que coloca o homem ao centro e acima de tudo: todas as coisas e todos os seres vivos não humanos são meios para fins nem sempre justificáveis.

Destruir o ambiente é destruir a vida humana. Devastar outras culturas humanas consideradas primitivas, assim como extinguir espécies não humanas quebra inevitavelmente o elo , a interdependência do sistema em que vivemos. Filosofias orientais milenares já consideravam que a vida é uma e apenas uma, tomando formas diferentes. O que se relaciona com a responsabilidade universal sobre todas as coisas. Culturas nativas em permanente luta pela sobrevivência também respeitam a interdependência.

(O bater de asas de uma borboleta na América Central poderia provocar um tsunami do outro lado do mundo?).

O centro do universo não é mais o lugar único do homem. E esta concepção deve-se, também, à disseminação de processos tecnológicos que se colocam no cotidiano, como assinala o professor Massimo di Felice “desde a bio e a nanotecnologia até os dispositivos de conectividades e das interações em redes, que nos deram a clara percepção do limite da concepção autopoiética do humano. Sabemos, hoje, através de circuitos informativos digitais, que as ações humanas são recursivas, provocam consequências e impactos não apenas “ao externo”, mas no próprio humano.”

Nossa nova morfologia social é constituída por redes, e sua lógica modifica a sociedade em geral, conforme Castells: “Embora a forma de organização social em redes tenha existido em outros tempos e espaços, o novo paradigma da tecnologia da informação fornece a base material para sua expansão penetrante em toda a estrutura social”.

O mundo, portanto, atravessa uma das maiores transformações pelas quais a humanidade já passou. É uma transformação na estrutura do pensamento, é uma mudança de padrão.

A crise da mídia faz parte desta crise, muito maior, do nosso modo de estar no mundo, e a reflete e multiplica. O vir-a-ser é praticamente impossível de se detectar. Em momentos de transição como este, nos sentimos perdendo o pé em crenças que nos acompanham e formam nosso sistema de valores. O velho se deteriora, o novo ainda não chegou. Nosso observatório é desconfortável, é como se não tivéssemos mais instrumentos precisos para auxiliar nosso entendimento. Mas, disse Heráclito de Éfeso, “é na mudança que as coisas acham repouso”.

Cópia não permitida



Bibliografia

- Abramo, Perseu. *Padrões de manipulação na grande imprensa*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.
- Balzac Honoré de. *Os jornalistas*. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações, 1999.
- Bauman, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- Burke, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- Castells, Manuel. *A Sociedade em Rede. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*. Volume 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- _____. *Redes de Indignação e Esperança- Movimentos Sociais na Era da Internet*. Rio de Janeiro; Zahar, 2013.
- Freud, Sigmund, *O Mal-Estar na Civilização*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997.
- Hessel, Stéphane. *Indignai-vos!* São Paulo: LeYa, 2010.
- Lévy, Pierre. *A Inteligência Coletiva. Por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Loyolla, 1998.
- Lorenzotti, Elizabeth. *Quando o celular é uma arma*. Jornal da ABI (Associação Brasileira de Imprensa). Rio de Janeiro, edição 392, agosto 2013, pág. 26.
http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/postv_de_pos_jornalistas_para_pos telespectadores
http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/a_revolucao_sera_pos televisionada
- Malini, Fábio e Henrique Antoun. *@ Internet e #Rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais*. Porto Alegre: Sulina, 2013.
- Marcondes Filho, Ciro. *Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos*. São Paulo: Hacker Editores, 2000.
- McLuhan, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo. Cultrix, 1969
- Ramonet, Ignacio. *A tirania da comunicação*. 1999, Rio: Editora Vozes
- Sodré, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4ª edi. (atualizada). Rio de Janeiro; Mauad, 1999.

Glossário

Analógico - 1. Que se faz por analogia (raciocínio analógico)

2. Fís. Mat. Ref. ou próprio de método de cálculo que emprega, para a resolução de um problema, a sua semelhança ou relação com medidas contínuas de fenômenos fisicamente diferentes

3. Baseado em analogias (conhecimento analógico)

4. Inf. Que mede uma grandeza ou apresenta valores de modo contínuo ou linear: relógio com mostrador analógico [Cf., nesta acp., *digital*.]

[F.: Do gr. *analogikós, ê, ón*, pelo lat. *analogicus, a, um*.]

Digital - 1. Ref., inerente ou pertencente aos dedos (impressão digital).

2. Ref. a dígito, que se apresenta em dígitos (mostrador digital). 3. Inf. Que é processado na forma de dígitos (algarismos) por microcomputador (biblioteca digital). 4. Inf. Que tem o intervalo entre dois valores dividido num número finito de divisões. <http://aulete.uol.com.br/digital>

Hub - (traduzido do Inglês, “pivô”) ou concentrador é o processo pelo qual se transmite ou difunde determinada informação, tendo, como principal característica, que a mesma informação está sendo enviada para muitos receptores ao mesmo tempo (*broadcast*). Este termo é utilizado em rádio, telecomunicações e em informática.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Hub> (8 de outubro)

Copwatch - Prática de vigiar a polícia com câmeras e fotos, estratégia midiativista de usar transmissões online para expor e monitorar a polícia online.

Creative Commons - é uma organização não governamental sem fins lucrativos localizada em Mountain View, na Califórnia, voltada a expandir a quantidade de obras criativas disponíveis, através de suas licenças que permitem a cópia e compartilhamento com menos restrições que o tradicional *todos direitos reservados*. Para esse fim, a organização criou diversas licenças, conhecidas como licenças Creative Commons. A organização foi fundada em 2001 por Larry Lessig, Hal Abelson, e Eric Eldred com apoio do Centro de Domínio Público. O primeiro conjunto de licenças copyright foram lançadas em dezembro de 2002. Creative Commons é governado por um conselho de diretores e um conselho técnico. Joi Ito é atualmente o coordenador do conselho e CEO. Creative Commons tem sido abraçada por muitos criadores de conteúdo, pois permite controle sobre a maneira como sua propriedade intelectual será compartilhada. Alguns criticam a ideia acusando-a de não ser suficientemente abrangente.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Creative_Commons

Crowdfunding - O termo inglês foi criado pelo empresário americano Michael Sullivan entusiasta de projetos desse tipo, em 2006, mas o uso de fi-

nanciamento coletivo tem um antigo precedente para arrecadação de fundos para filantropia.

O financiamento coletivo consiste na obtenção de capital para iniciativas de interesse coletivo através da agregação de múltiplas fontes de financiamento, em geral pessoas físicas interessadas na iniciativa. O termo é muitas vezes usado para descrever especificamente ações na Internet com o objetivo de arrecadar dinheiro para artistas, jornalismo cidadão, pequenos negócios e start-ups, campanhas políticas, iniciativas de software livre, filantropia e ajuda a regiões atingidas por desastres, entre outros.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Financiamento_coletivo

Hackeamento - A cultura hacker engloba, segundo Castells, sob uma reflexão de Steve Levy, “um conjunto de valores e crenças que emergiu das redes de programadores de computador que interagiam on-line em torno de sua colaboração em projetos autonomamente definidos de programação criativa.” (CASTELLS, 2003, p. 38). Já o termo cracker passou a designar os programadores que quebram códigos, entram em sistemas ilegalmente e criam tráfego nos computadores, apesar de haver algumas discordâncias sobre o significado termo.

Meme - O termo Meme, de internet, é usado para descrever um conceito que se espalha via internet. É uma referência ao conceito de memes, que se refere a uma teoria ampla de informações culturais criada por Richard Dawkins em 1976 no seu livro *The Selfish Gene*.

Na sua forma mais básica, um Meme de internet é simplesmente uma ideia que é propagada através da rede. Esta ideia pode assumir a forma de um hiperlink, vídeo, imagem, website, hashtag ou mesmo apenas uma palavra ou frase. Este meme pode se espalhar de pessoa para pessoa através das redes sociais, blogs, e-mail direto, fontes de notícias e outros serviços baseados na web tornando-se geralmente viral.

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Meme_\(Internet\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Meme_(Internet))

Midiativismo - ativismo político baseado no uso das novas tecnologias de informação e comunicação.

Midialivrisimo - formação pela mídia; ativismo na mídia. Midialivrisimo refere-se a cidadãos multimídia, que atuam em iniciativas inspiradas na dinâmica do compartilhamento e na construção da cultura do comum: internet, fanzines comunitários, rádios comunitárias e etc.

P2P - (do inglês *peer-to-peer*, que significa par-a-par) é um formato de rede de computadores em que a principal característica é descentralização das funções convencionais de rede, onde o computador de cada usuário conectado acaba por realizar funções de servidor e de cliente ao mesmo tempo. Seu principal objetivo é a transmissão de arquivos e seu surgimento possibilitou o compartilhamento em massa de músicas e filmes. Com a crescente utilização da rede P2P para

este fim, cada vez mais surgem programas para este fim, porém nem sempre eles atendem às expectativas do usuário: <http://www.tecmundo.com.br/torrent/192-o-que-e-p2p-.htm#ixzz2f4zRSOmS>

Streaming - fluxo de mídia, é a tecnologia que permite o envio de informação multimídia através de pacotes, utilizando redes de computadores, sobretudo a Internet. Quando a ligação de rede é banda larga, a velocidade de transmissão da informação é elevada, dando a sensação de que o áudio e o vídeo são transmitidos em tempo real. Atualmente, rádios FM e AM e TV's, bem como várias empresas que realizam eventos, utilizam esta tecnologia para interação digital com seus ouvintes e clientes. A informação pode ser transmitida em diversas arquiteturas, como na forma Multicast IP ou Broadcast.



Elizabeth Lorenzotti é jornalista profissional, graduada e mestrada em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP). Foi repórter, redatora, editora de publicações como *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo*, sucursal paulista de *O Globo*, *Editora Abril*, *Jornal da USP*, imprensa alternativa e sindical. Foi professora no Curso de Pós-Graduação Lato-Sensu em Jornalismo Cultural na Universidade Metodista de São Paulo e no Programa de Pós-Graduação Lato-Sensu em Comunicação Jornalística da PUC-SP. Também foi professora de graduação em Jornalismo na PUC-SP.

É autora de *Suplemento Literário: que falta ele faz*, publicado pela Imprensa Oficial do Estado de São Paulo (2007), sobre o histórico caderno cultural criado por Antonio Candido e editado por Décio de Almeida Prado entre 1956 e 1974; e de *Tinhorão, o legendário* (Imprensa Oficial, 2010) biografia do polêmico jornalista José Ramos Tinhorão, que marcou época na imprensa carioca e paulista nas décadas de 1960 e 1970.

Em 2011 lançou o livro de poemas *As dez mil coisas*, pela Editora Biblos para a Amazon.com. No início de 2014 teve seu conto *Um é nengum* publicado pelo Suplemento Literário de Minas Gerais.

Copyright © 2014 by Elizabeth Lorenzotti

Distribuição exclusiva desta obra em formato digital: e-galáxia

Capa: Dmag Comunicação

1ª edição – 2014

EXEMPLAR IMPRENSA

Este livro foi editado através da e-galáxia

www.e-galaxia.com.br

Cópia não permitida

